COLEÇÃO NEGRA



NOIR EUROPEU

Andrea Camilleri

A Lua de Papel

Uma aventura do comissário Salvo Montalbano

"Os livros de Camilleri são ágeis e engraçados e se tornaram um fenômeno de vendas."

VEJA

RECORD

Andrea Camilleri

A Lua de Papel

TRADUÇÃO DE

Joana Angélica d'Ávila Melo

EDITORA RECORD
RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO
2007

CIP-Brasil. Catalogação na fonte.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ.

C19L Camilleri, Andrea, 1925-
A lua de papel / Andrea Camilleri; tradução Joana Angélica D'Ávila Melo. — Rio de Janeiro: Record, 2007. — (Coleção Negra)

Tradução de: La luna di carta
ISBN 978-85-01-07716-5

1. Ficção italiana. I. Melo, Joana Angélica D'Ávila. II. Título.

07-1908 CDD: 853
CDU: 821.131.3-3

Copyright © 2005 by Sellerio Editore, Palermo.

Título original:
LA LUNA DI CARTA

Todos os direitos reservados. Proibida a reprodução, no todo ou em parte, através de quaisquer meios.

Direitos exclusivos de publicação em língua portuguesa somente para o Brasil adquiridos pela
EDITORA RECORD LTDA.
Rua Argentina, 171 — Rio de Janeiro, RJ — 20921-380 — Tel.: 2585-2000
que se reserva a propriedade literária desta tradução

Produzido no Brasil
ISBN 978-85-01-07716-5

Capítulo 1

Como todas as manhãs ao longo do último ano, o despertador tocou às sete e meia. Mas ele tinha acordado uma fração de segundo antes: bastou o estalido da mola que acionava a campainha. Por isso, antes de pular da cama, teve tempo de olhar para a janela e, pela luz, percebeu que o dia prometia ser bom, sem nuvens. Depois, o tempo só deu mesmo para coar o café, beber uma xícara, fazer suas necessidades, barbear-se e tomar banho, beber outra xícara, acender um cigarro, vestir-se, sair de casa, entrar no carro e chegar às nove ao comissariado: tudo com a velocidade de uma comédia de Ridolini[1] ou de Carlitos.

Até um ano antes, porém, seu despertar matinal havia seguido regras diferentes e, sobretudo, sem ânsias e correrias de velocista.

Em primeiro lugar, nada de despertador.

Montalbano tinha o hábito de abrir os olhos, depois do sono, de modo natural, sem necessidade de estímulos externos. Havia, sim, uma espécie de despertador, mas ficava dentro dele, sem dúvida escondido no seu cérebro: bastava programá-lo antes de adormecer, "lembre-se de que amanhã você tem de acordar às seis", e às seis em ponto ele estava de olhos abertos. Sempre havia considerado o despertador, aquele de metal, praticamente um instrumento de tortura: nas três ou quatro vezes em que precisara acordar com aquele som de verruma, porque Livia, que ia viajar, não tinha confiado no tal despertador interior, passara o dia inteiro com dor de cabeça. Então Livia, depois de um bate-boca, havia comprado um despertador de plástico, que, em vez de tocar uma campainha, produzia um som eletrônico, uma espécie de biiiiip que não acabava nunca, parecia o zumbido de um mosquito que tivesse entrado no ouvido dele e ficado preso ali dentro. Coisa de enlouquecer. Montalbano o jogara pela janela, desencadeando outra briga memorável.

Em segundo lugar, ele se autodespertava, voluntariamente, com uma certa antecedência. No mínimo, no mínimo, uns dez minutos.

Eram os melhores dez minutos do dia que ele teria pela frente. Ah, como era bom ficar espichado embaixo dos lençóis, pensando bobagens! Esse livro que todo mundo diz ser uma obra-prima, compro ou não? Hoje vou almoçar na *trattoria* ou volto a Marinella e me farto com o que Adelina tiver preparado? Digo ou não digo à Livia que não posso usar os sapatos que ela me deu de presente, porque ficaram apertados? Pois é, coisas assim. Zanzar com o

pensamento. Mas evitando com cuidado deixar que lhe viesse à mente qualquer coisa relativa a sexo e mulheres: isso podia se tornar, naquela hora, um terreno perigoso de explorar, a não ser que ali, dormindo ao lado dele, estivesse Livia, que adoraria enfrentar as consequências disso.

Mas fazia um ano que as coisas tinham mudado de uma hora para outra. Certa manhã, ele mal abrira os olhos, calculando que podia dedicar uns quinze minutos às perambulações mentais, quando um pensamento repentino lhe passou pela cabeça, não um pensamento completo, mas um início de pensamento, um pensamento que começava exatamente com estas palavras:

"Quando chegar o dia da sua morte..."

Mas o que fazia esse pensamento no meio dos outros? Que sacanagem! Como se alguém, enquanto transava, de repente se lembrasse de que não pagara a conta do telefone. Não que a ideia da morte o apavorasse de modo particular, mas o lugar dela não era às seis e meia da manhã: se você começa a matutar sobre a própria morte desde a alvorada, às cinco da tarde seguramente vai meter um tiro nos cornos ou se atirar ao mar com uma pedra no pescoço. Ele conseguiu não deixar a frase seguir adiante, bloqueou-a contando precipitadamente de um a cinco mil, olhos fechados, punhos cerrados. Depois, compreendeu que a única saída era começar a fazer as coisas que devia fazer, concentrando-se nelas como se aquilo fosse uma questão de vida ou morte. Na manhã seguinte, o negócio foi mais traiçoeiro. O primeiro pensamento que lhe veio foi que, no molho do peixe que ele havia comido na noite anterior, faltava um tempero. Mas qual? E nesse exato momento voltou, à traição, a maldita frase:

"Quando chegar o dia da sua morte..."

Daí em diante, compreendeu que esse pensamento nunca mais iria embora, talvez se escondesse num meandro do seu cérebro para, um ou dois dias depois, surgir quando menos esperasse. Sabe-se lá por quê, convenceu-se de que, para sua própria sobrevivência, essa frase não podia se completar: se isso acontecesse, ele morreria junto com a última palavra. Daí o despertador. Para não deixar a mínima fresta de tempo por onde aquele pensamento desgraçado pudesse se infiltrar.

Livia, que viera passar três dias em Marinella, enquanto fazia a mala apontou a mesa de cabeceira e perguntou:

— O que esse despertador está fazendo aí?

Ele pregou uma mentira.

— Pois é, na semana passada tive de acordar muito cedo e...

— E, uma semana depois, esse despertador velho ainda tem corda?

Quando encasquetava, Livia era pior do que Sherlock Holmes. Meio encabulado, ele então disse a verdade, toda a verdade, nada mais que a verdade.

Livia se enfureceu.

— Mas você é mesmo um demente!

E sumiu com o despertador, metendo-o no fundo de uma gaveta do armário.

Na manhã seguinte, em vez do despertador, foi Livia quem acordou Montalbano. E foi um belíssimo despertar, com pensamentos de vida, e não de morte. Mas, assim que Livia partiu, o despertador voltou para a mesa de cabeceira.

— Dotor, ah dotor, dotor!

— O que foi, Catarè?

— Tem uma senhora esperando aí.

— Por mim?

— Por vossenhoria em pessoa pessoalmente ela não disse, só disse que queria falar com alguém da polícia.

— E não podia ser você?

— Dotor, ela disse que queria falar com um superior meu.

— O doutor Augello não está?

— Não senhor, dotor, ele telefonou que vai chegar tarde atrasado porque se atrasou.

— Por quê?

— Disse que esta noite o pirralho passou mal e que hoje de manhã o médico dotor vai lá.

— Catarè, não precisa dizer médico doutor, basta dizer doutor.

— Não, não basta, dotor. Faz confusão. Vossenhoria, por exemplo, é dotor mas não é médico.

— Mas e a mãe? Beba? Ela não pode esperar o dout... o médico?

— Sim, dotor, dona Beba está lá. Mas ele disse que também quer estar presente de presença.

— E Fazio?

— Fazio foi ver um rapaz.

— E o que ele fez, esse rapaz?

— Ele, nada, dotor. Morreu.

— Morreu como?

— Overodose, dotor.

— Tudo bem, vamos fazer o seguinte. Vou para a minha sala, você espera uns dez minutos e depois manda a tal senhora entrar.

Estava com raiva de Mimì Augello. Desde quando lhe nascera o menino, o vice grudava neste mais do que antigamente grudava nas mulheres. Tinha

perdido a cabeça pelo filho Salvo. Sim, Salvo, porque o casal não só havia convidado Montalbano para ser o padrinho como também tinha lhe dado a bela surpresa de atribuir seu nome ao bebê.

— Mimì, você não podia dar à criança o nome do seu pai?

— Entenda, meu pai se chama Eusebio.

— Então, o do pai de Beba.

— Pior ainda. Chama-se Adelchi.

— Mimì, me explique. Na verdade, você deu meu nome ao seu filho porque os outros nomes lhe parecem estranhos?

— Não fale besteira! Antes de mais nada, foi pelo afeto que tenho por você, que para mim é como um pai, e também...

Um pai? Com um filho como Mimì?

— Ora, vá tomar no cu!

Livia, ao contrário, ao saber que o nascituro se chamaria Salvo, tinha caído no choro. Havia ocasiões especiais que a comoviam muito.

— Como Mimì lhe quer bem! E você, no entanto...

— Ah, ele me quer bem? Você sabe quem são Eusebio e Adelchi?

E, desde quando o neném tinha nascido, Mimì aparecia no comissariado e desaparecia num piscar de olhos. Uma hora Salvo (júnior, naturalmente) estava com caganeira, outra hora com manchas vermelhas no bumbum, outra vomitando, outra não queria mamar...

Montalbano se lamentara com Livia por telefone.

— Ah, é? E o que você reclama de Mimì? Isso significa que ele é um pai afetuoso, um pai consciente! Não sei se você, no lugar dele...

O comissário tinha desligado.

Examinou a correspondência matinal que Catarella havia deixado em cima da sua mesa. Por uma combinação feita com a agência do correio, já que às vezes ele ficava dois dias sem voltar para casa, sua correspondência particular, endereçada a Marinella, era entregue no comissariado. Havia só cartas oficiais. Deixou-as de lado, não tinha vontade de lê-las, passaria todas a Fazio assim que ele voltasse.

O telefone tocou.

— Dotor, é o dotor Latte com *s* no fim.

Lattes, o chefe de gabinete do chefe de polícia. Com horror e estupor, Montalbano havia descoberto, algum tempo antes, que Lattes tinha um clone num parlamentar porta-voz que aparecia sempre na tevê, o mesmo ar de sacristia, a mesma pele róseo-suína por falta de barba, a mesma boquinha em buraco de cu, a mesma untuosidade, igualzinho, sem tirar nem pôr.

— Meu caro Montalbano, como vai, como vai?

— Bem, doutor.

— E a família? As crianças? Tudo bem?

O comissário já explicara a ele um milhão de vezes que não era casado nem tinha filhos espúrios, mas não havia jeito. Lattes cismava de perguntar.

— Tudo bem.

— Graças a Nossa Senhora. Escute, Montalbano, o senhor chefe de polícia gostaria de lhe falar hoje à tarde, às dezessete.

Por que seria? O senhor chefe Bonetti-Alderighi evitava cuidadosamente encontrá-lo, preferia convocar Mimì. Devia tratar-se de alguma grande chateação.

A porta se abriu com violência, bateu contra a parede, ele pulou da cadeira. Surgiu Catarella.

— Me aperdoe, dotor, a mão me descorregou. Os dez minutos acabam de passar, como vossenhoria me disse.

— Ah, é? Já se passaram dez minutos? E eu com isso?

— A senhora, dotor.

Ele havia esquecido completamente.

— Fazio já voltou?

— Inda não ainda, dotor.

— Mande entrar.

Uma quase quarentona, à primeira vista uma remanescente das Filhas de Maria, olhos baixos atrás dos óculos, coque no alto da cabeça, mãos apertando a bolsa, metida num vestidão largo e cinzento que não deixava entrever o que havia por baixo, mas as pernas, apesar das meias grossas e dos sapatos rasos, eram longas e bonitas. Ficou indecisa à porta, olhando a faixa de mármore branco que separava os ladrilhos do corredor e os do gabinete de Montalbano.

— Entre, entre. Feche a porta e sente-se.

Ela obedeceu, instalando-se na beirada de uma das duas cadeiras que ficavam diante da escrivaninha.

— Diga, senhora...

— Senhorita. Michela Pardo. E o senhor é o comissário Montalbano, não?

— Já nos conhecemos?

— Não, mas o vi na televisão.

— Pode falar.

Ela pareceu encabulada, talvez mais do que antes. Ajeitou melhor a bunda na cadeira, olhou a ponta de um sapato, engoliu em seco duas vezes, abriu a boca, fechou-a, abriu-a novamente.

— É sobre o meu irmão Angelo.

E parou, como se bastasse ao comissário saber que o irmão dela se chamava Angelo para sacar de estalo a história toda.

— Senhorita Michela, certamente compreende que...

— Compreendo, compreendo. Angelo está... ele desapareceu. Há dois dias. Me desculpe, estou muito preocupada e confusa, e...

— Quantos anos tem seu irmão?

— Quarenta e dois.

— Mora com a senhorita?

— Não, sozinho. Eu moro com minha mãe.

— Seu irmão é casado?

— Não.

— Noivo?

— Não.

— Por que diz que ele desapareceu?

— Porque não se passa um dia em que ele não venha ver mamãe. E, quando não pode, telefona. Se for viajar, avisa. Há dois dias não se manifesta.

— Já experimentou telefonar?

— Já. Para o fixo e para o celular. Não atende. Também fui à casa dele. Toquei um tempão, antes de resolver abrir.

— Tem as chaves da casa do seu irmão?

— Sim.

— E o que encontrou?

— Tudo na mais perfeita ordem. Fiquei com medo.

— Seu irmão sofre de alguma doença?

— Nenhuma.

— Ele trabalha em quê?

— É informante.

Montalbano estranhou. Ser informante, espião, tinha virado um ofício reconhecido, com décimo terceiro e férias pagas. Seria como, por exemplo, o ex-criminoso que entrega os outros para se beneficiar, ter salário fixo? Precisava esclarecer depois.

— Viaja muito?

— Sim, mas cuida de uma área restrita. Praticamente, não ultrapassa os limites da província.

— Em suma, a senhorita quer dar queixa de desaparecimento?

— Não... não sei.

— Mas devo avisá-la de que não podemos nos mexer de imediato.

— Por que não?

— Porque seu irmão é maior de idade, independente, saudável de corpo e mente. Pode ter decidido sumir por sua própria vontade durante alguns dias, entende? E enquanto não tivermos certeza de que...

— Entendi. O que o senhor me aconselha?

E, ao fazer a pergunta, ela finalmente o encarou. Montalbano sentiu dentro de si uma espécie de labareda. Eram dois olhos iguaizinhos a um lago cor de violeta e profundo, no qual todo homem acharia maravilhoso mergulhar e se afogar. Ainda bem que a senhorita Michela mantinha aqueles olhos sempre baixos. Mentalmente, o comissário deu duas braçadas e voltou à margem.

— Bom, eu a aconselharia a verificar de novo a casa do seu irmão.

— Também fiz isso ontem. Não entrei, mas toquei um tempão.

— Sim, mas talvez ele não estivesse em condições de atender.

— Por quê?

— Hum... pode ter escorregado no banheiro e não consegue andar, pode ter tido um ataque de febre alta...

— Comissário, eu não me limitei a tocar. Também chamei. Se Angelo tivesse caído no banheiro, responderia. Afinal, o apartamento dele não é tão grande assim.

— Permita que eu insista.

— Sozinha eu não vou lá. Por que o senhor não me acompanha?

E o encarou de novo. Desta vez, Montalbano percebeu de repente que estava afundando, a água lhe chegou ao pescoço. Ele pensou um pouquinho, depois decidiu.

— Escute, vamos fazer o seguinte. Se até lá a senhorita não tiver notícias do seu irmão, no final da tarde de hoje, lá pelas sete, passe aqui de novo. Eu a acompanho.

— Obrigada.

Levantou-se e estendeu a mão para ele. Montalbano a segurou mas não teve coragem de apertá-la, a mão parecia um pedaço de carne sem vida.

Menos de dez minutos depois, Fazio se apresentou.

— Um garoto de dezessete anos. Subiu ao terraço do condomínio e injetou uma overdose na veia. Não pudemos fazer nada, coitadinho, quando chegamos ele já estava morto. É o segundo, em três dias.

Montalbano olhou para ele, embasbacado.

— O segundo? Então houve um primeiro? E como é que eu não soube de nada?

— O engenheiro Fasulo. Mas, no caso dele, foi cocaína.

— Cocaína? Mas que história é essa? O engenheiro morreu de infarto!

— Certo. Assim diz o laudo médico, assim diz a família, assim dizem os amigos. Mas todo mundo sabe que ele morreu de droga.

— Pó muito malhado?

— Isso eu não sei dizer, doutor.

— Venha cá, você conhece um sujeito chamado Angelo Pardo, que tem 42 anos e trabalha como informante?

Fazio não pareceu surpreso com a profissão de Angelo Pardo. Talvez não tivesse entendido bem.

— Não senhor. Por que pergunta?

— Porque ele desapareceu há dois dias e a irmã está preocupada.

— Quer que eu...

— Não, depois. Se ele não der notícias, aí a gente vê.

— Doutor Montalbano? Lattes.

— Pois não.

— Os seus estão bem?

— Acho que já falamos disso umas duas horas atrás.

— Ah, claro. Escute, preciso lhe comunicar que o senhor chefe de polícia não pode recebê-lo, como o senhor havia pedido.

— Mas, doutor, foi ele quem me convocou.

— Ah, é? Dá no mesmo. Pode vir amanhã, às onze?

— Sem falta.

À ideia de que não iria ver o chefe, seus pulmões se dilataram e lhe veio um poderoso apetite que só Enzo, o dono da *trattoria,* poderia enfrentar.

Saiu do comissariado. O dia se mostrava tingido com as cores do verão, mas sem calor excessivo. Ele seguiu calmamente, bem devagarinho, saboreando de antemão o que iria comer. Quando chegou diante da *trattoria,* sentiu um baque no coração. O lugar estava fechado, trancado. Mas que merda tinha acontecido? De raiva, deu um belo chute na porta, virou as costas e começou a se afastar, aos palavrões. Mas, dois passos adiante, ouviu que o chamavam.

— Comissário? O que foi, esqueceu que hoje nós fechamos?

Havia esquecido, droga!

— Mas, se o senhor quiser comer comigo e com minha mulher...

Montalbano entrou correndo. E comeu tanto que, enquanto comia, encabulava, sentia vergonha, mas não podia fazer nada. No fim, Enzo quase lhe deu os parabéns:

— Benza Deus, comissário!

Necessariamente, o passeio pelo quebra-mar foi longo.

No resto da tarde, seus olhos de vez em quando se entrefechavam e a cabeça despencava, pelos repentinos ataques de sono. Então ele se levantava e ia lavar a cara.

Às sete da noite, Catarella lhe comunicou que a senhorita da manhã havia voltado.

Michela Pardo, assim que entrou, só disse uma palavra:

— Nada.

Não se sentou. Tinha pressa de correr à casa do irmão e queria transmitir essa pressa ao comissário.

— Tudo bem — disse Montalbano. — Vamos lá.

Ao passar diante do balcão da recepção, avisou a Catarella:

— Estou saindo com a senhorita aqui. Mais tarde, se precisarem, vocês me encontram em Marinella.

— Vai de carro comigo? — perguntou Michela Pardo, apontando um Polo azul.

— Talvez seja melhor eu pegar o meu e segui-la. Onde mora seu irmão?

— Um pouco longe. No bairro novo. Conhece Vigàta 2?

Ele conhecia Vigàta 2. Um pesadelo gerado por um especulador imobiliário sob o efeito dos piores alucinógenos. Montalbano nunca moraria lá, nem mesmo sob a forma de cadáver.

Capítulo 2

Não. Para sorte sua e do comissário, que jamais conseguiria ficar mais de cinco minutos dentro de um daqueles quartos escuros de dois metros por três, definidos nos folhetos publicitários como “amplos e ensolarados”, de Vigàta 2, Angelo Pardo residia depois do novo complexo residencial, num palacetezinho oitocentista restaurado, de três andares. O portão estava fechado. Enquanto Michela o abria com a chave, Montalbano viu que no interfone havia seis cartõezinhos com nomes, o que vinha a significar que ao todo eram seis apartamentos, dois por andar.

— Angelo mora no último. Não tem elevador.

A escada era grande e cômoda. O prédio parecia desabitado, não se escutava nenhuma voz, nenhum som de televisão ligada. No entanto, era a hora em que as pessoas se dispunham a jantar.

No patamar do último piso havia duas portas. Michela se dirigiu para a da esquerda. Antes de abrir, indicou ao comissário uma janelinha gradeada que ficava ao lado da porta blindada. A janelinha não estava fechada.

— Eu o chamei daqui. Ele certamente me ouviria.

Michela abriu, primeiro com uma chave e depois com outra, quatro voltas, mas não entrou, afastou-se para o lado.

— O senhor pode ir na frente?

Montalbano empurrou a porta, procurou o interruptor, apertou-o, entrou. Farejou o ar, como um cachorro. E logo se convenceu de que dentro do apartamento não havia presença de ser humano, nem vivo nem morto.

— Venha comigo — disse ele a Michela.

Da entrada partia um corredor largo. À esquerda, um quarto com cama de casal, um banheiro, outro quarto. À direita, um escritório, uma cozinha, um banheirinho, uma saleta. Tudo na mais perfeita ordem, limpo e reluzente.

— Seu irmão tem faxineira?

— Tem.

— Quando ela veio pela última vez?

— Não sei dizer.

— A senhorita vem muitas vezes aqui, para encontrar seu irmão?

— Venho.

— Por quê?

A pergunta deixou Michela espantada.

— Como assim, por quê? É... meu irmão!

— Certo, mas a senhorita disse que Angelo vai à sua casa e de sua mãe praticamente um dia sim, outro não. Então, nos dias não, a senhorita vem vê-lo aqui. Não é?

— Bem... sim. Mas não com essa regularidade.

— Certo. Mas por que os dois precisam se encontrar sem que sua mãe esteja presente?

— Ah, meu Deus, comissário, dito desse jeito... É um hábito que temos desde crianças... entre mim e Angelo sempre houve uma espécie de...

— ... cumplicidade?

— Bem, podemos definir assim.

E deu uma risadinha. Montalbano decidiu mudar de assunto.

— Pode verificar se está faltando alguma mala? Se as roupas dele estão todas aqui?

Ele a seguiu até o quarto de casal. Michela abriu o armário, olhou os ternos, um por um, e Montalbano notou que eram roupas de alfaiataria, refinadas, caras.

— Tudo aqui. Inclusive o cinza, que ele estava usando na última vez em que foi nos ver, três dias atrás. Acho que só falta uma calça jeans.

Em cima do armário, envoltas em celofane, havia duas malas de couro, chiques, uma grande e uma menor.

— As malas também estão.

— Ele tem uma pasta 007?

— Sim. Geralmente fica no escritório.

Entraram no escritório. A pasta estava no chão, ao lado da escrivaninha. Uma das paredes era ocupada inteiramente por uma estante como as de farmácia, fechada por um vidro corrediço transparente. Dentro, de fato, havia uma grande quantidade de embalagens de remédio, caixas, caixinhas, frasquinhos.

— Mas a senhorita não disse que seu irmão trabalha como informante?

— Exatamente. Informante médico-científico.

E Montalbano compreendeu. Angelo era aquilo que antigamente se chamava representante de laboratórios farmacêuticos. Mas sua profissão, assim como a dos varredores transformados em operadores ecológicos ou a das arrumadeiras promovidas a colaboradoras domésticas, havia sido nobilitada por um nome diferente, mais adequado à elegância dos tempos atuais. A substância, porém, continuava a mesma.

— Ele era... é médico, mas exerceu por pouco tempo — Michela se sentiu no dever de acrescentar.

— Bem. Como vê, senhorita, aqui seu irmão não está. Se quiser, podemos ir embora.

— Vamos.

Ela respondeu de má vontade, olhando ao redor, como se esperasse descobrir no último instante que seu irmão estava escondido numa embalagem de pílulas para o fígado.

Desta vez Montalbano a precedeu, esperando que ela diligentemente apagasse as luzes e fechasse de novo a porta com as duas chaves. Desceram a escada em silêncio, no enorme silêncio do lugar. Afinal, o prédio estava vazio ou todos tinham morrido? Assim que chegou lá fora, Montalbano, ao ver a moça tão desolada, teve um súbito impulso de pena.

— A senhorita verá que seu irmão vai aparecer logo, logo — murmurou, estendendo-lhe a mão.

Michela não a tomou. Balançou a cabeça, mais desconsolada ainda.

— Escute... mas seu irmão... se encontra com alguma... ele tem alguma relação?

— Não que eu saiba.

E o encarou. E, enquanto o encarava e Montalbano nadava desesperadamente para não se afogar, as águas do lago ficaram repentinamente escuras, como se tivesse caído a noite.

— O que foi? — perguntou o comissário.

Ela não respondeu, limitou-se a arregalar os olhos. E o lago se transformou em mar aberto.

Nade, Salvo, nade.

— O que foi? — repetiu ele, entre uma braçada e outra.

Nem mesmo desta vez ela respondeu. Virou-lhe as costas, abriu novamente o portão, subiu a escada, chegou ao último andar mas não parou. Então o comissário viu que, de uma reentrância da parede, partia uma escada em caracol que acabava numa porta envidraçada. Michela enfiou a chave, mas não conseguiu abrir.

— Deixe, eu faço isso.

Montalbano abriu e viu-se num terraço que abarcava todo o alto do prédio. Michela o afastou para o lado e correu para um aposento, uma espécie de grande dado quadrado, que ficava quase no meio do terraço. Havia uma porta e, ao lado, uma janela. Mas estavam fechadas.

— Não tenho a chave — disse Michela. — Nunca tive.

— Mas por que a senhorita quer...

— Antigamente, isto aqui era a lavanderia. Angelo a alugou, junto com o terraço, e reformou tudo. De vez em quando ele sobe para ler ou tomar sol.

— Certo, mas se a senhorita não tem a chave...

— Por favor, arrombe a porta.

— Senhorita, a questão é que, de modo algum, eu poderia...

Ela o fitou. Foi o suficiente. Bastou meter o ombro uma vez e Montalbano escancarou a porta, que era de compensado, e viu-se lá dentro. Mas, antes mesmo de tatear a parede para achar o interruptor e acender a luz, gritou:

— Não entre!

Porque, dentro do quartinho, ele havia percebido o fedor da morte.

Mesmo no escuro, porém, Michela devia ter entrevisto alguma coisa, porque Montalbano a escutou soltar uma espécie de lamento sufocado e depois cair no chão, desmaiada.

"E agora, o que é que eu faço?", perguntou a si mesmo, praguejando.

Inclinou-se, pegou Michela e levou-a até a porta de vidro. Mas, segurando-a daquele jeito, como nos filmes o marido carrega nos braços a esposa, não poderia descer a escada em caracol. Estreita demais. Então, botou a mulher de pé, abraçou-a pelas costas e levantou-a do chão. Desse jeito, e com prudência, talvez conseguisse. Em certos momentos foi obrigado a apertá-la ainda mais, e pôde notar que, por baixo daquele vestido-camisolão, Michela escondia um corpo sólido, de mocinha. Finalmente, chegou diante da porta do outro apartamento do último andar e tocou a campainha, esperando que ali dentro alguém estivesse vivo ou fosse arrancado do sarcófago pelo ruído.

— Quem é? — soou uma voz de homem raivoso.

— O comissário Montalbano. Pode abrir, por favor?

A porta se abriu e apareceu o rei Vítor Emanuel III em pessoa, o mesmo bigode, o mesmo tamanhinho de anão. Só que estava à paisana. Viu Montalbano abraçado a Michela e entendeu tudo ao contrário. Enrubesceu violentamente.

— Por favor, me deixe entrar — pediu o comissário.

— O quê?! Quer que eu o deixe entrar? O senhor é maluco! Tem a pretensão de vir trepar na minha casa?!

— Não, majestade, escute, eu...

— Tenha vergonha! Vou chamar a polícia!

E bateu-lhe a porta na cara.

— Grandessíssimo babaca! — explodiu Montalbano, dando um grande chute na porta.

Pouco lhe faltou para despencar no chão com Michela, o peso do corpo da mulher o desequilibrava. Aguentou-a firmemente de novo e começou a descer para o segundo andar. Bateu à primeira porta que viu na sua frente.

— Quem é?

Voz de menino, dez anos no máximo.

— Um amigo do papai. Você pode abrir?

— Não.

— Por quê?

— Porque mamãe e papai disseram para eu não abrir para ninguém quando eles não estiverem.

Só então Montalbano se deu conta de que, antes de levantar Michela do chão, havia pendurado no braço a bolsa dela. Ali estava a solução. Carregou Michela de novo, subiu a escada, apoiou a mulher na parede, manteve-a de pé espremendo-a com o próprio corpo, coisa nem um pouco desagradável, abriu a bolsa, tirou o molho de chaves, destrancou a porta do apartamento de Angelo, arrastou Michela para o quarto de casal, deitou-a na cama, foi até o banheiro, pegou uma toalha, molhou-a embaixo da torneira, voltou, botou a toalha na testa de Michela e desabou também ele na cama, morto de cansaço pelo esforço. Estava ofegante e ensopado de suor.

E agora? Não podia deixar a mulher sozinha e subir ao terraço para ver melhor as coisas. Mas seu problema foi logo resolvido.

— Aí está ele! — disse Sua Majestade, surgindo à porta. — Está vendo? Prestes a violentá-la!

Atrás dele, Fazio, pistola em punho, começou a praguejar.

— Volte para sua casa, senhor.

— E então, não vai prendê-lo?

— Volte já para casa!

Vítor Emanuel III saiu-se com outra.

— É um cúmplice! O senhor é um cúmplice! Pois então, vou chamar os *carabinieri*! — ameaçou, saindo às pressas do quarto.

Fazio correu atrás dele. Voltou em cinco minutos.

— Consegui convencê-lo. Mas o que aconteceu?

Montalbano contou. E percebeu que Michela começava a se recuperar do desmaio.

— Você veio sozinho?

— Não, Gallo está lá embaixo, no carro.

— Mande subir.

Fazio ligou pelo celular e Gallo chegou correndo.

— Fique tomando conta desta mulher. Quando ela acabar de acordar, não a deixe ir ao terraço de jeito nenhum. Entendeu?

Seguido por Fazio, Montalbano subiu de novo a escada em caracol. No terraço estava tudo escuro. Já era noite.

Ele entrou no quartinho e acendeu a luz. Uma escrivaninha coberta de jornais e revistas. Uma geladeira. Um sofá-cama num lado. Quatro longas prateleiras

pregadas na parede do fundo serviam de estante. Um movelzinho com garrafas e copos. Num canto, uma pia. Uma grande poltrona de couro, daquelas de escritório, como se usava antigamente. Tinha se organizado bem, o tal de Angelo. Angelo esse que estava afundado na poltrona. O tiro que o matara havia lhe arrancado metade do rosto. Vestia jeans e camisa. O fecho dos jeans estava aberto, o penduricalho à vista, no meio das pernas.

— O que é que eu faço? Chamo o pessoal? — perguntou Fazio.

— Chame — disse Montalbano. — Vou descer.

O que ia ficar fazendo ali? Dali a pouco chegaria o circo equestre completo, o juiz, o médico-legista, a perícia, o novo chefe do Grupamento Móvel, Giacovazzo, que assumiria a investigação... Se precisassem dele, sabiam onde procurá-lo.

Quando entrou no quarto de casal, Michela estava sentada na cama, branca de dar medo. Gallo se mantinha de pé, a dois passos da cama.

— Vá dar uma mãozinha a Fazio lá no terraço. Eu fico aqui.

Aliviado, Gallo saiu.

— Ele morreu?

— Sim.

— Como?

— Levou um tiro.

— Oh, meu Deus, meu Deus, meu Deus — reagiu ela, escondendo o rosto entre as mãos.

Mas era uma mulher forte. Bebeu um pouquinho de água de um copo que evidentemente Gallo lhe trouxera.

— Por quê? — perguntou.

— Por que o quê?

— Por que o mataram? Por quê?

Montalbano abriu os braços. Mas Michela foi tomada por outro pensamento repentino.

— A mamãe! Oh, meu Deus! Como é que vou dizer a ela?

— Não diga.

— Mas tenho de dizer!

— Ouça. Telefone para ela. Diga que Angelo sofreu um sério acidente de carro. Que foi internado em estado grave. Que a senhorita vai passar a noite no hospital. Não diga qual. Sua mãe tem alguma parenta?

— Sim, uma irmã.

— Mora em Vigàta?

— Sim.

— Telefone a essa tia e diga a mesma coisa. E peça que ela vá fazer companhia à sua mãe. Quanto à senhorita, passe a noite aqui, é melhor. Amanhã, certamente encontrará a força e as palavras certas para contar a verdade à sua mãe.

— Obrigada — disse Michela.

Levantou-se e Montalbano ouviu-a ir até o escritório, onde ficava o telefone.

Ele também saiu do quarto de casal, foi para a saleta, sentou-se numa poltrona e acendeu um cigarro.

— Doutor? Onde o senhor está?

Era a voz de Fazio.

— Estou aqui. O que é?

— Doutor, já avisei. Daqui a meia hora, no máximo, eles chegam. Mas o doutor Giacovazzo não vem.

— Como assim?

— Falou com o chefe de polícia e o chefe o dispensou. Parece que o doutor Giacovazzo está cuidando de um caso delicado. Em suma, é o senhor quem deve se ocupar desta investigação. Fica um pelo outro.

— Tudo bem. Quando eles chegarem, me chame.

Percebeu que Michela saía do escritório e se fechava no banheiro entre os dois quartos. Dali a uns dez minutos, ela voltou. Tinha dado uma lavada no rosto e usava um roupão feminino. Michela notou o olhar do comissário.

— É meu — explicou. — Às vezes eu ficava para dormir aqui.

— Falou com sua mãe?

— Sim. Ela até que reagiu bem. E a tia Jole já está indo para lá. Mamãe não está muito boa da cabeça, sabe? Às vezes parece superlúcida, outras vezes fica como que ausente. Quando falei com ela sobre Angelo, foi como se eu falasse de um conhecido. Melhor assim. Quer um café?

— Não, obrigado. Se tiver um pouco de uísque...

— Claro. Também vou tomar um.

Michela saiu e voltou com uma bandeja, sobre a qual havia dois copos e uma garrafa ainda fechada.

— Vou ver se tem gelo.

— Só bebo uísque puro.

— Eu também.

Se não houvesse no terraço um sujeito morto a bala, a cena poderia até parecer um prelúdio amoroso. Só faltava a música ambiente. Michela deu um suspiro fundo, reclinou a cabeça no espaldar da poltrona e fechou os olhos. Foi então que Montalbano decidiu jogar a bomba.

— Seu irmão foi assassinado no meio ou no fim de uma relação sexual. Ou de um ato de autoerotismo.

Ela pulou de pé, furiosa.

— Mas o que está dizendo, imbecil?

Montalbano pareceu não ter escutado a ofensa.

— Por que se espanta? Seu irmão era um homem de quarenta e dois anos. E a senhorita, que o frequentava assiduamente, me disse que Angelo não tinha amizades femininas. Então, faço novamente a pergunta: ele tinha amizades masculinas?

Foi pior. Ela começou a tremer da cabeça aos pés e estendeu o braço, com o indicador apontado para o comissário como um revólver.

— O senhor é um... é um...

— Quem a senhorita pretende acobertar?

Michela desabou na poltrona, chorando, mãos no rosto.

— Angelo... coitado do meu irmão... Meu Angelo...

Da porta que ficara aberta chegou o barulho de gente subindo a escada.

— Preciso ir — disse Montalbano. — Mas não vá dormir agora. Daqui a pouco eu volto e retomamos a conversa.

— Não.

— A senhorita não pode se recusar, Michela. Seu irmão foi assassinado e devemos...

— Não estou me recusando. Disse não ao fato de o senhor voltar para me fazer perguntas sei lá quando, ao passo que preciso tomar um banho, um tranquilizante e ir dormir.

— Tudo bem. Mas vou avisando: amanhã será um dia duro para a senhorita. Entre outras coisas, deverá identificar o corpo.

— Meu Deus. Meu Deus. Meu Deus. Por quê?

Com aquela mulher, só tendo paciência de santo.

— A senhorita reconheceu seu irmão com certeza, quando arrombei a porta?

— Com certeza? Bem, estava muito escuro. Eu entrevi... me pareceu ver um corpo na poltrona e...

— Portanto, não pode afirmar que se trata do seu irmão. Teoricamente, nem mesmo eu poderia garantir isso. Entendeu?

— Sim.

Grossas lágrimas tinham começado a lhe escorrer pela face. Ela murmurou alguma coisa que o comissário não entendeu.

— Como disse?

— Elena — repetiu Michela claramente.

— Quem é?

— Uma mulher que meu irmão...

— Por que a senhorita queria acobertá-la?

— Ela é casada.

— Desde quando os dois tinham uma relação?

— Há seis meses, não mais do que isso.

— E se entendiam bem?

— Angelo me contou que de vez em quando eles brigavam... Elena era... é muito ciumenta.

— A senhorita sabe tudo sobre essa mulher? Sabe como se chama o marido, onde mora?

— Sei.

— Então diga.

Michela disse.

— Quais as suas relações com essa Elena Sclafani?

— Só a conheço de vista.

— Portanto, não tem nenhum motivo para avisá-la do que aconteceu com seu irmão?

— Não, não tenho.

— Bem. Então vá dormir. Amanhã de manhã passo aqui para pegá-la, por volta das nove e meia.

Capítulo 3

Certamente alguém tinha descoberto onde ficava o interruptor das duas lâmpadas que clareavam uma parte do terraço, a mais próxima do quartinho ex-lavanderia. O juiz Tommaseo passeava para lá e para cá na zona iluminada, evitando cuidadosamente penetrar no escuro circundante. Sentados no parapeito, com cigarros acesos, havia dois homens de jaleco branco. Deviam ser os caras da ambulância, que esperavam o caminho livre para carregar o cadáver e levá-lo para o necrotério.

Fazio e Gallo estavam de pé junto à entrada do quarto. A porta havia sido retirada das dobradiças e encostada à parede. Montalbano viu que o doutor Pasquano tinha concluído o exame do corpo e agora lavava as mãos. O legista parecia mais enraivecido do que de costume. Talvez tivesse sido obrigado a interromper a partida de três-sete e bisca que jogava toda quinta-feira à noite.

Tommaseo correu para o comissário.

— O que a irmã lhe disse?

Via-se que Fazio já explicara ao juiz onde Montalbano se encontrava e o que estava fazendo.

— Nada. Não a interroguei.

— Por quê?

— Eu jamais me permitiria isso sem a sua presença, doutor Tommaseo.

O juiz se empertigou, peito inflado de autoridade, parecia um galináceo.

— E ficou fazendo o quê, esse tempo todo com ela?

— Botei-a na cama.

Tommaseo deu uma olhada fulminante ao redor e se inclinou, conspiratório, para o comissário.

— Bonita?

— Não é o adjetivo exato, mas eu diria que sim.

Tommaseo lambeu os lábios.

— Quando é que vou poder... interrogá-la?

— Amanhã, ali pelas dez e meia, eu a levo ao seu gabinete em Montelusa. Está bem assim? Mas, infelizmente, estou convocado para as onze pelo chefe de polícia.

— Pode ir falar com o chefe, não há problema.

E tornou a lamber os lábios. Pasquano se aproximou.

— E então? — perguntou Tommaseo.

— Então o quê? O senhor também não viu? Deram um tiro nos cornos dele. Um só. Foi o suficiente.

— Desde quando ele está morto? — quis saber o comissário.

Pasquano o olhou de cara feia e não respondeu.

— Assim, à primeira vista — negociou Montalbano.

— Que dia é hoje?

— Quinta.

— Assim, no olho, eu diria que o mataram na segunda-feira, tarde da noite.

— Só isso? — insistiu Tommaseo, decepcionado.

— Não creio que haja outros ferimentos por azagaia ou bumerangue — reagiu Pasquano, com grosseria.

— Não, não, eu me referia ao fato de o membro dele...

— Ah, isso? O senhor quer saber por que o troço estava de fora? Ele tinha recém-acabado um ato sexual.

— O senhor está dizendo que o surpreenderam e o mataram assim que ele terminou de se masturbar?

— Não falei em masturbação — disse Pasquano. — Pode ter sido uma relação oral.

Os olhos de Tommaseo começaram a brilhar como os de um gato. Nessas coisas ele se fartava, deitava e rolava, quase gozava.

— É? Mas então a assassina deu o tiro assim que acabou de...

— Por que acha que seja uma assassina? — perguntou Pasquano, que já não estava enraivecido e começava a se divertir. — Pode muito bem ter sido uma relação homossexual.

— É mesmo — admitiu Tommaseo, de má vontade.

Estava claro que a hipótese masculina não o agradava.

— E também não é certo que tenha sido apenas uma relação oral.

Pasquano havia jogado o anzol e o juiz logo se deixou fisgar.

— Como assim?

— Pois é. Pode ser que a mulher, se admitirmos, por hipótese, que se trata de uma mulher, estivesse cavalgando o homem.

Os olhos de Tommaseo eram agora completamente felinos.

— É verdade! E a mulher, enquanto o fazia gozar e o fitava nos olhos, já segurava a arma que...

— Desculpe, mas por que o senhor disse que ela fitava nos olhos da vítima? — interrompeu Pasquano, com ar de anjo serafim.

Montalbano sentiu que não conseguiria aguentar mais aquela gozação e começaria a rir.

— Mas não podia ser diferente, considerando-se a posição! — disse Tommaseo.

— No entanto, não temos certeza de que a posição fosse essa.

— Mas se o senhor mesmo acabou de...

— Escute, doutor Tommaseo, a mulher pode muito bem ter cavalgado o homem, mas não sabemos como, se de frente ou de costas.

— É verdade.

— Nesse segundo caso, ela não poderia olhar a vítima nos olhos, não acha? Além do mais, nessa posição, ao homem só restava o doce embaraço da escolha. Bem, já vou indo. Boa noite. Manterei os senhores informados.

— Ah, não! Explique-se melhor! O que significa o embaraço da escolha? — interpelou Tommaseo, correndo atrás de Pasquano.

Desapareceram no escuro. Montalbano se aproximou de Fazio.

— A perícia se perdeu no caminho?

— Está chegando.

— Vou para Marinella. Você fica aqui. Amanhã nos vemos no comissariado.

Chegou a tempo de assistir aos últimos telejornais locais. Naturalmente, ninguém sabia ainda da morte de Angelo Pardo. Mas as duas emissoras, Televigàta e Retelibera, continuavam falando de outra morte, esta, sim, ilustre.

Por volta das oito da noite anterior, quarta-feira, o parlamentar Armando Riccobono tinha ido encontrar seu colega de partido, senador Stefano Nicotra, que havia cinco dias estava na sua casa de campo, localizada entre Vigàta e Montereale, para ter um pouco de sossego depois de uma intensa atividade política. No domingo de manhã, os dois tinham combinado por telefone se encontrar na quarta à noite.

Setentão, viúvo, sem filhos, o senador Nicotra, vigatense, era uma espécie de glória local e pátria. Ex-ministro da Agricultura e por duas vezes secretário de Estado, havia navegado habilmente entre todas as correntes da velha Democracia Cristã, conseguindo se manter à tona mesmo em meio às mais pavorosas tempestades. Durante o terrível furacão da operação Mãos Limpas, ele se transformara em submarino, navegando embaixo d'água e observando ao periscópio. Só emergira ao constatar que havia a possibilidade de lançar âncora num porto seguro: o recém-construído por um ex-especulador imobiliário milanês, que mais tarde se tornara proprietário dos três maiores canais de televisão privados do país e depois deputado, chefe de um partido pessoal e primeiro-ministro. Ao lado de Nicotra estavam outros sobreviventes do grande naufrágio: Armando Riccobono era um deles.

Ao chegar à casa de campo, o parlamentar havia chamado demoradamente, sem nenhuma resposta. Alarmado, por saber que o senador estava sozinho,

contornara a casa e, por uma janela, vira o amigo no chão, desmaiado ou morto. Como a idade não lhe permitia pular a janela e entrar, tinha pedido ajuda pelo celular.

Resumindo, o senador Nicotra tinha sido, como se diz em estilo jornalístico, "vitimado por um infarto", na noite do mesmo domingo em que havia falado com o parlamentar Riccobono. Ninguém tinha ido vê-lo nem na segunda nem na terça: ele mesmo dissera ao seu secretário que queria ficar na mais santa paz e que, por via das dúvidas, ia desligar o telefone. Se precisasse de alguma coisa, ele mesmo se manifestaria.

A Televigàta, pela boca em cu de galinha do seu comentarista político Pippo Ragonese, explicava *urbi et orbi* o quanto havia sido enorme a comoção em toda a Itália, à notícia do desaparecimento do eminente político. O chefe do governo, o mesmo para cujo partido o senador se mudara de armas e bagagens, tinha mandado um telegrama de condolências à família.

"Qual?", perguntou-se Montalbano.

Era público e notório que o senador não tinha família. E seria excessivo supor, ou melhor, seria sem dúvida a excluir, que o chefe do governo tivesse enviado um telegrama de condolências à família mafiosa dos Sinagra, com a qual o senador parecia ter mantido, e continuar mantendo, longos e profícuos vínculos, embora jamais comprovados.

Pippo Ragonese concluiu dizendo que o funeral solene aconteceria no dia seguinte, sexta-feira, em Montelusa.

Desligada a televisão, o comissário não sentiu vontade de comer nada. Ficou um tempinho sentado na varanda, curtindo o frescor do ar marítimo, e depois foi se deitar.

Às sete e meia, Montalbano acordou com o despertador e pulou da cama como que impelido por uma mola. Não eram nem oito horas quando o telefone tocou.

— Dotor, ah dotor! Agora mesmo ligou o doutor Latte com *s* no fim!

— O que ele queria?

— Disse que como hoje de manhã vai ser o serviço funéreo do senador que morreu e como o senhor e chefe de polícia deve estar presente em pessoa pessoalmente ao dito funéreo, o senhor e chefe de polícia não pode receber vossenhoria como estava combinado. Fui claro?

— Claríssimo, Catarè.

O dia já estava bom, mas pareceu celestial assim que ele desligou o telefone. A perspectiva de não precisar se encontrar com Bonetti-Alderighi quase o deixou imbecilizado de alegria, a ponto de fazê-lo compor um dístico

absolutamente ignóbil, tanto do ponto de vista da inteligência quanto do ponto de vista da métrica:

"Um senador morto de supetão
tira o chefe de circulação."

Michela havia dito que Emilio Sclafani, professor de grego, ensinava no liceu clássico de Montelusa e, portanto, todas as manhãs partia de carro para ir dar suas aulas. Assim, quando, ali pelas oito e quarenta, bateu à porta do apartamento 6 na via Autonomia Siciliana, 18, Montalbano tinha quase certeza de que a senhora Elena, mulher do professor e amante do finado Angelo, estaria sozinha em casa. Mas ninguém veio atender. O comissário tentou de novo. Nada. Começou a se preocupar, vai ver que a senhora havia pedido carona ao marido para ir a Montelusa. Bateu uma terceira vez. Nada, ainda. Xingando, ele ia virando as costas para descer de volta a escada quando ouviu uma voz feminina soando de dentro do apartamento:

— Quem é?

Essa não é uma pergunta à qual seja sempre fácil responder. Em primeiro lugar, porque quem deve responder pode estar naquele instante vivendo uma momentânea perda de identidade; e, em segundo, porque nem sempre dizer quem se é facilita realmente as coisas.

— Administração — resolveu ele.

Nas sociedades ditas civis, há sempre um administrador que administra você, pensou Montalbano. Seja o administrador do condomínio ou o da justiça, substancialmente não faz diferença, porque o importante é que ele existe, está ali, e administra você menos ou mais visivelmente ou ocultamente, pronto a fazê-lo pagar pelo erro que você até ignora ter cometido. Joseph K. entendia um pouco disso.

A porta se abriu e apareceu uma mulher dos seus 30 anos, loura e bela num quimono, lábios amuados vermelho-fogo, embora sem um pingo de maquilagem, sonolentos olhos celestes. Tinha saído da cama para vir abrir, e da cama ainda trazia um cheiro penetrante. O comissário se sentiu ligeiramente constrangido: além de tudo, e apesar de estar descalça, ela era mais alta do que ele.

— O que deseja?

O tom da pergunta deu a entender que ela não queria perder tempo, tinha pressa de voltar a se deitar.

— Polícia. Sou o comissário Montalbano. Bom dia. A senhora é Elena Sclafani?

Ela empalideceu e deu um passo para trás.

— Oh, meu Deus, aconteceu alguma coisa com meu marido?

Montalbano estranhou, não esperava essa reação.

— Com seu marido? Não. Por quê?

— Porque a cada manhã em que ele entra no carro para ir a Montelusa, eu... ele não dirige bem... Desde quando nos casamos, há quatro anos, já sofreu uns dez pequenos acidentes, então...

— Minha senhora, não vim para lhe falar do seu marido, mas de outro homem. E tenho muitas coisas a lhe perguntar. Talvez seja melhor entrarmos.

Ela se afastou para o lado e conduziu Montalbano a uma sala pequenina, mas muito elegante.

— Fique à vontade, volto já.

Levou dez minutos para trocar de roupa. Voltou de camiseta e saia pouco acima do joelho, sapatos de salto alto, cabelos presos num coque no alto da cabeça. Sentou-se numa poltrona diante do comissário. Não mostrava nem curiosidade nem um pingo de preocupação.

— Quer um café?

— Se estiver pronto...

— Não, vou fazer. Preciso de café. Se de manhã, antes de qualquer coisa, não tomar uma xícara, não engreno.

— Entendo muito bem.

Ela foi para a cozinha. Lá dentro tocou um telefone, ela atendeu. Voltou com o café, cada um se serviu de açúcar e nenhum dos dois falou até acabar de beber.

— Agora há pouco, no telefone, era meu marido, avisando que já ia começar a aula. Faz isso todo dia, para me assegurar que tudo correu bem.

— Posso fumar? — perguntou Montalbano.

— Claro. Eu também fumo. E então — disse Elena, reclinando-se na poltrona, cigarro aceso entre os dedos —, o que Angelo aprontou?

Montalbano a olhou boquiaberto, pasmado. Fazia um quarto de hora que ele tentava resolver como começar a falar do amante daquela mulher, e ela vinha com uma pergunta tão explícita?

— Como a senhora compreendeu que...

— Comissário, atualmente existem dois homens na minha vida. O senhor já esclareceu que não veio me falar do meu marido, portanto só pode estar aqui por causa de Angelo. Não é?

— Sim, é isso. Mas, antes de prosseguir, eu queria que a senhora me explicasse esse advérbio: atualmente. O que significa?

Elena sorriu. Tinha dentes branquíssimos, de jovem animal selvagem.

— Significa que neste momento existem Emilio, meu marido, e Angelo. Mais frequentemente, porém, só existe um: Emilio.

Enquanto Montalbano matutava sobre o sentido dessas palavras, Elena perguntou:

— O senhor conhece meu marido?

— Não.

— É uma pessoa extraordinária, boa, inteligente, compreensiva. Eu tenho 29 anos e ele, 60. Poderia ser meu pai. Eu o amo. E tento ser fiel. Mas nem sempre consigo. Como vê, estou lhe falando com absoluta lealdade, antes mesmo de saber o motivo da sua visita. A propósito, quem lhe falou de mim e de Angelo?

— Michela Pardo.

— Ah.

Elena apagou o cigarro no cinzeiro e acendeu outro. Agora, uma ruga lhe franzia a bela testa. Estava pensando com extrema concentração. Além de bonita, devia ser muito inteligente. De repente, ao lado dos lábios lhe surgiram outras duas rugas.

— O que houve com Angelo?

Tinha chegado lá.

— Morreu.

Ela estremeceu como se tivesse tomado um forte choque elétrico. Fechou os olhos.

— Foi assassinado?

Estava chorando quietamente, sem soluços.

— Por que a senhora pensou em crime?

— Porque, se fosse um acidente ou morte natural, um comissário não se apresentaria às oito e meia da manhã para interrogar a amante do morto.

Em pensamento, Montalbano lhe tirou o chapéu.

— Sim, foi assassinado.

— Ontem à noite?

— Descobrimos ontem, mas a morte foi na noite de segunda-feira.

— Como?

— Levou um tiro.

— Onde?

— No rosto.

Ela teve um sobressalto e tremeu como se sentisse um calafrio.

— Não, eu quis dizer: onde isso aconteceu?

— Na casa dele. Conhece aquele quarto que ele tinha no terraço?

— Sim. Uma vez ele me mostrou.

— Preciso lhe fazer umas perguntas, senhora.

— Estou aqui.

— Seu marido sabia?

— Da minha história com Angelo? Sabia.

— Foi a senhora quem contou?

— Sim. Nunca escondi nada dele.

— Ele tinha ciúme?

— Claro. Mas sabia se controlar. Aliás, Angelo não foi o primeiro.

— Onde se encontravam?

— Na casa dele.

— No quarto do terraço?

— Não, ali, nunca. Uma vez, como já lhe contei, ele me mostrou o lugar. Me disse que ia lá para ler e tomar sol.

— Qual era a frequência desses encontros?

— Variava. Na realidade, quando um de nós dois queria, telefonava. Às vezes ficávamos até quatro ou cinco dias sem nos ver, ou porque eu tinha compromissos ou porque ele havia viajado para seus percursos pela província...

— A senhora tinha ciúme?

— De Angelo? Não.

— No entanto, Michela me disse que a senhora era ciumenta. E que muitas vezes, nos últimos tempos, havia brigado com ele.

— Não conheço Michela, nunca a encontrei. Quem me falava dela era Angelo. Acho que ela se enganou.

— Sobre o quê?

— Sobre essas brigas. Não eram por ciúme.

— Então eram por quê?

— Porque eu queria deixá-lo.

— A senhora?!

— Por que esse espanto todo? Cansei dele, só isso. E também...

— E também...?

— E também estava percebendo que Emilio sofria muito, embora não demonstrasse. Era a primeira vez em que ele ficava tão mal.

— Angelo não queria que a senhora o deixasse?

— Não. Acho que ele havia começado a alimentar por mim um sentimento que, no início, não tinha levado em conta. Sabe de uma coisa? Em matéria de mulher, Angelo era muito inexperiente.

— Desculpe a pergunta, mas onde a senhora estava na segunda à noite?

Ela sorriu.

— Eu já me perguntava quando o senhor ia querer saber isso. Não tenho álibi.

— Pode me dizer o que fez? Ficou em casa? Encontrou-se com amigos?

— Saí. Angelo e eu tínhamos combinado nos ver na casa dele segunda-feira à noite, por volta das nove. Saí de casa, mas, enquanto dirigia, peguei outro caminho, quase inconscientemente. Então continuei, me obrigando a não retornar. Queria entender se conseguiria renunciar verdadeiramente a Angelo, que me esperava para fazer amor. Rodei por aí umas duas horas, depois voltei para casa.

— Não estranhou que Angelo não se manifestasse na manhã seguinte, nem nos outros dias?

— Não. Achei que ele não me telefonava por pirraça.

— E a senhora não tentou ligar?

— Eu nunca faria isso. Seria um erro. Talvez a coisa tivesse realmente acabado entre nós. E isso me aliviava.

Capítulo 4

Ouviu-se o telefone tocar de novo.

— Com licença — disse Elena, levantando-se.

Mas, antes de deixar a sala, quis saber:

— O senhor ainda tem muita coisa para me perguntar? Porque este telefonema é certamente de uma amiga minha com quem vou...

— Uns dez minutos, no máximo.

Elena saiu, foi atender, voltou e se sentou. Pelo modo como caminhava, como falava, parecia totalmente relaxada. Havia metabolizado depressa a notícia da morte violenta do amante, talvez fosse verdade que aquele homem já não lhe importava nem um pouco. Melhor assim: não teria nem pudores nem reticências.

— Tem uma coisa que eu acho, como direi, singular, me desculpe, não lido muito bem com os adjetivos, ou talvez só pareça singular a mim, que sou... que não poderia...

Montalbano estava realmente atrapalhado, não sabia como expor a questão diante daquela linda mulher que dava prazer só de olhar.

— Diga — encorajou ela, com um sorrisinho.

— Bom. A senhora me disse que na segunda à noite saiu de casa para ir ver Angelo, que a esperava para fazer amor. Não foi isso?

— Foi.

— Pretendia passar a noite com ele?

— Claro que não! Nunca passei! Lá pela meia-noite, eu voltaria para casa.

— Então, teria ficado com Angelo umas três horas.

— Mais ou menos isso. Mas por quê...?

— Já lhe acontecera chegar tarde a um encontro com ele?

— Algumas vezes.

— E Angelo, nesses casos, como se comportava?

— Como o senhor queria que ele se comportasse? Eu o encontrava nervoso, irritado, depois se acalmava aos poucos e...

Ela sorriu de modo completamente diferente de como havia sorrido até aquele momento, um sorriso meio disfarçado, secreto, voltado para dentro. Seus olhos brilharam, divertidos.

— ... e tentava recuperar o tempo perdido.

— E se eu lhe dissesse que, naquela noite, Angelo não a esperou?

— Desculpe, mas em que sentido? Não creio que ele tenha saído, porque o senhor disse que o encontraram no terraço...

— Foi morto logo depois de uma relação sexual.

Ou ela era uma grande atriz, do nível de Eleonora Duse, ou tinha ficado realmente transtornada. Fez rapidamente vários gestos sem sentido, levantou-se e se sentou, levou aos lábios a xícara vazia de café, pousou-a como se tivesse bebido, puxou do maço um cigarro mas não o acendeu, levantou-se e sentou-se de novo, revirou uma caixinha de madeira que estava na mesinha de centro, examinou-a, devolveu-a à mesinha.

— Isso é absurdo — disse, por fim.

— Veja bem, Angelo se comportou como se tivesse certeza absoluta de que naquela segunda-feira a senhora não iria mais à casa dele. Por uma espécie de ressentimento, por revide, para feri-la, pode ter chamado outra mulher. Agora, me responda com sinceridade: naquela noite, enquanto rodava de carro, a senhora telefonou a Angelo para dizer que não iria mais até lá?

— Não. Por isso digo que é absurdo. Uma vez, cheguei com duas horas de atraso, sabe? E ele estava fora de si, mas me esperava. Na noite de segunda, não podia saber da minha decisão, eu podia despencar na casa dele a qualquer momento e surpreendê-lo!

— Isso não — disse Montalbano.

— Por que não?

— De certo modo, Angelo havia tomado uma precaução, subindo para o quarto no terraço. E a porta envidraçada que dá para o terraço estava fechada a chave. A senhora tem essa chave?

— Não.

— Viu? Mesmo que chegasse de repente, não tinha nenhuma possibilidade de surpreendê-lo. Tem as chaves do apartamento?

— Também não.

— Portanto, só poderia mesmo bater à porta do apartamento, sem que ninguém viesse abrir. Dali a pouco, ficaria convencida de que Angelo não estava em casa, tinha saído, talvez para digerir a raiva, e desistiria. No quarto do terraço, Angelo estava a salvo da senhora.

— Mas não do assassino — reagiu Elena, quase com raiva.

— Esta é outra conversa — disse Montalbano. — E a senhora pode me ajudar.

— Em que sentido?

— Desde quando tinha essa relação com Angelo?

— Há seis meses.

— Nesse período, ele lhe apresentou algum amigo ou amiga?

— Comissário, talvez eu não tenha sido suficientemente clara. Nossos encontros tinham, como direi, um objetivo definido. Eu ia para a casa dele, bebíamos um uísque, tirávamos a roupa, íamos para a cama. Nunca fomos juntos a um cinema, a um restaurante. Nos últimos tempos, ele gostaria, mas eu não. E isso também nos fez brigar.

— Por que a senhora não queria sair com ele?

— Para não dar às pessoas motivo para rir de Emilio.

— Mas ele deve ter lhe falado de algum amigo ou amiga!

— Isso, sim. Ele me disse que, quando nos conhecemos, tinha rompido pouco tempo antes com uma certa Paola, a ruiva, como a chamava, pela cor dos cabelos. Também me falou de um tal Martino, com quem frequentemente almoçava ou jantava, mas falava principalmente de sua irmã Michela. Eram muito ligados, desde crianças.

— O que a senhora sabe dessa Paola?

— Tudo o que sei já lhe disse. Paola, cabelos ruivos.

— Ele falava do trabalho?

— Não. Uma vez me disse que rendia bem, mas era chato.

— Sabia que, durante certo período, ele exerceu a profissão de médico e depois abandonou?

— Sim. Mas não tinha abandonado. Na única vez em que me falou disso, mencionou uma história confusa, que não entendi e também não aprofundei porque não me interessava, sobre a razão de ter sido obrigado a parar de clinicar.

Essa era uma novidade absoluta. Sobre a qual era necessário saber mais.

Montalbano se levantou.

— Agradeço pela sua disponibilidade. Rara, acredite. Mas acho que vou precisar de outro encontro com a senhora.

— Como queira, comissário. Mas me faça um favor.

— Às ordens.

— Da próxima vez, não se apresente de manhã, assim tão cedo. Pode vir à tarde. Como eu lhe disse, meu marido sabe de tudo. Desculpe, mas sou uma dorminhoca.

Montalbano chegou em frente ao prédio de Angelo Pardo com mais de meia hora de atraso. Mas isso não era problema, a convocação do chefe de polícia havia sido transferida. Interfonou, Michela abriu, ele foi subindo a escada. O palacete ainda lhe pareceu morto, nenhuma voz, nenhum rumor. Será que Elena,

em suas vindas à casa de Angelo, tinha encontrado algum dos outros moradores? Michela o esperava à porta.

— O senhor se atrasou.

Montalbano notou que ela usava um vestido diferente, mas igualmente feito de modo a esconder o escondível. Os sapatos também eram outros.

Afinal, Michela mantinha um guarda-roupa inteiro no apartamento do irmão?

Ela percebeu o que Montalbano estava pensando.

— Hoje cedo, fui à minha casa. Queria saber como mamãe havia passado a noite. Aproveitei para trocar de roupa.

— Agora de manhã a senhorita deve ir ao juiz Tommaseo. Eu pretendia acompanhá-la, mas acho inútil minha presença.

— O que esse senhor quer comigo?

— Fazer algumas perguntas sobre seu irmão. Posso usar o telefone? Vou avisar a Tommaseo que a senhorita está chegando.

— Mas aonde devo ir?

— Ao Palácio de Justiça, em Montelusa.

O comissário entrou no escritório e logo sentiu que havia alguma coisa estranha, mudada. Mas não entendeu o quê. Telefonou a Tommaseo e avisou que não poderia estar presente ao encontro com a mulher. Naturalmente, o juiz gostou, embora não o deixasse perceber. No corredor, Michela já estava pronta.

— Por favor, me dê as chaves deste apartamento.

Ela hesitou por um instante, mas depois abriu a bolsa e lhe estendeu o chaveiro.

— E se eu precisar voltar aqui?

— Então, irá ao comissariado e lhe devolverei as chaves. Onde posso encontrá-la hoje à tarde?

— Em casa.

Depois que Michela saiu, ele fechou a porta e correu ao escritório.

Desde sempre, o comissário tinha uma espécie de olho fotográfico interno: quando entrava num aposento que não conhecia, era capaz, com um simples olhar, de flagrar não só a disposição dos móveis como também a dos objetos que estavam em cima deles. E de se lembrar de tudo, mesmo que algum tempo depois.

Parou na soleira, encostou-se no umbral, observou atentamente e logo descobriu o que não conferia.

A pasta 007.

Na noite anterior, a pasta estava no chão, em pé, encostada à escrivaninha. Agora, porém, estava completamente embaixo desta. Não havia nenhum motivo

para deslocá-la, ela não atrapalhava nada, nem mesmo se fosse preciso usar o telefone. Portanto, Michela a apanhara para ver o que havia dentro e depois não a recolocara no mesmo lugar.

Montalbano praguejou. Cacete, que tremendo erro havia cometido! Não deveria ter deixado aquela mulher sozinha na casa do morto. Com isso, Michela ficara inteiramente à vontade para dar sumiço a qualquer coisa que, de algum modo, pudesse ser comprometedora para o irmão.

Pegou a pasta, colocou-a em cima da escrivaninha e ela se abriu de repente, não estava fechada a chave. Dentro, uma grande quantidade de papéis com diversos timbres de laboratórios farmacêuticos, folhetos ilustrativos de remédios, fôlderes publicitários, guias de pedidos, receitas.

Havia também duas agendas, uma grande e uma pequena. Ele examinou primeiro a grande. As páginas de endereços estavam lotadas de nomes e telefones de médicos de toda a província, de hospitais, de farmácias. Além disso, Angelo Pardo anotava escrupulosamente todos os encontros de trabalho.

Deixou-a de lado e folheou a menor. Esta era a agenda privada. Dela constavam os telefones de Elena Sclafani, da irmã Michela e de várias outras pessoas que Montalbano não sabia quem eram. Examinou a página relativa à segunda-feira anterior. Estava escrito: “21 horas E”. Portanto, a informação dada por Elena sobre o encontro com Angelo conferia. Ele deixou de lado também a agenda pequena e pegou o telefone.

— Catarè, Montalbano. Me passe Fazio.

— É pra já, dotor.

— Fazio, você pode vir me encontrar imediatamente na casa de Angelo Pardo?

— No terraço?

— Não. Embaixo, no apartamento.

— Estou indo.

— Ah, e traga Catarella.

— Catarella?!

— Por quê? Ele é intransportável?

A escrivaninha tinha três gavetas. Montalbano abriu a da direita. Também aqui, papéis e documentos relativos à profissão de, como era mesmo a denominação atual?, ah, “informante médico-científico”. A do meio não se abriu, estava fechada a chave e a chave não estava à vista. Provavelmente, Michela a levara. Que grandessíssimo trouxa ele tinha sido! Quando ia abrindo a gaveta da esquerda, o telefone em cima da escrivaninha tocou tão de repente e tão alto que o assustou. Pegou o fone.

— Sim? — atendeu, apertando o nariz com o indicador e o polegar direitos, para disfarçar a voz.

— Está resfriado?

— Estou.

— Por isso não apareceu ontem à noite, filho da puta? Espero você hoje. E trate de vir, mesmo que pegue uma pneumonia.

Fim do telefonema. Uma voz masculina de poucas e perigosas palavras, uma voz de comando. Certamente, um médico que leva um bolo do informante médico-científico não o chama de filho da puta. Montalbano pegou a agenda grande e olhou a página correspondente à véspera, quinta-feira. O horário noturno estava em branco, não havia nada escrito, ao passo que na parte da manhã estava anotado um encontro em Fanara com um certo doutor Caruana.

Começou a puxar a gaveta da esquerda e o telefone tocou novamente. Montalbano desconfiou que a gaveta e o telefone estavam ligados de alguma forma.

— Sim? — disse, usando o mesmo artifício com o nariz.

— Doutor Angelo Pardo?

Voz de mulher, cinquentona e severa.

— Sim, sou eu.

— Está com uma voz estranha.

— Resfriado.

— Ah. Aqui é a enfermeira do doutor Caruana, de Fanara. Ontem de manhã, o doutor o aguardou um tempão, e o senhor nem sequer nos avisou que não vinha mais.

— Transmita ao doutor minhas desculpas. Este resfriado... Mas pode deixar que vou dar sinal de vi...

Interrompeu-se. Se estava falando em nome de um morto, como poderia esse morto dar sinal de vida?

— Alô? — disse a enfermeira.

— Assim que eu puder, telefono. Bom dia.

Desligou. Bem diferente do tom empregado pelo desconhecido no primeiro telefonema. Que, aliás, era muito interessante. Afinal, conseguiria ou não abrir a gaveta? Deslocou cautelosamente a mão, mantendo-a fora da visão do telefone.

Desta vez, conseguiu.

A gaveta estava repleta de papéis. Todos os recibos possíveis e imagináveis de tudo o que serve para tocar adiante uma casa: aluguel, luz, gás, telefone, condomínio. Mas nada relativo a ele, Angelo, em pessoa pessoalmente, como diria Catarella. Talvez os papéis ou as coisas que se referiam mais diretamente a ele estivessem na gaveta do meio.

Bastou fechar a da esquerda e o telefone tocou. Talvez o aparelho só tivesse percebido com atraso que havia sido tapeado, e agora se vingava.

— Sim?

Sempre com o nariz apertado.

— Cacete, posso saber onde você foi parar, seu bosta?

Voz de quarentão, e enraivecido. O comissário ia respondendo, mas o outro continuou:

— Espere um momento que tenho uma chamada na outra linha.

Montalbano aguçou os ouvidos, mas só lhe chegou um murmúrio confuso. Depois, uma única palavra clara:

— Caralho!

E desligaram do outro lado. O que significava? Filho da puta e bosta. Sabe-se lá como definiriam Angelo no terceiro telefonema anônimo. Nesse momento, tocou o interfone que ficava ao lado da porta de entrada. O comissário foi abrir. Eram Fazio e Catarella.

— Venham comigo.

Conduziu-os até o escritório.

— Você, Catarè, pegue aquele laptop que está em cima da escrivaninha e trate de me dizer tudo o que tem dentro. Mas não faça isso aqui, vá para a saleta.

— Posso levar a imprenssora também, dotor?

— Leve o que precisar.

Catarella saiu e Montalbano contou tudo a Fazio, desde a besteira que havia feito, deixando Michela sozinha na casa de Angelo, até o que Elena Sclafani tinha informado. E também relatou os telefonemas. Fazio pensou um pouquinho e depois pediu:

— Me descreva novamente o segundo telefonema não identificado.

Montalbano contou de novo.

— Bem, uma hipótese — disse Fazio. — Suponhamos que o homem que ligou na segunda vez se chama Giacomo. Então, esse Giacomo não sabe que Angelo levou um tiro fatal. Telefona e é atendido. Giacomo está furioso porque há alguns dias não consegue entrar em contato com Angelo. Quando começa a falar, pede que Angelo espere um momento no aparelho, porque está recebendo uma chamada na outra linha. Certo?

— Certo.

— Ele atende a outra linha e lhe dizem alguma coisa que não só o impressiona como o faz interromper a ligação. A pergunta é: o que disseram a ele?

— Que Angelo foi assassinado — respondeu Montalbano.

— É o que também acho.

— Fazio, a notícia do homicídio já chegou aos jornalistas?

— Bom, alguma coisa está vazando. Mas, voltando à nossa conversa: quando percebe que está falando com um falso Angelo, Giacomo desliga rapidamente.

— A pergunta é: por que ele desligou? — disse Montalbano. — Façamos uma primeira suposição. Digamos que Giacomo é alguém que não tem nada a esconder, um amigo inocente, de comilanças e de aventuras femininas. Enquanto acredita estar falando com Angelo, alguém lhe comunica que Angelo foi assassinado. Ora, um amigo de verdade não desligaria, mas sim perguntaria ao falso Angelo quem realmente era ele, e por que se fazia passar por Angelo. Então, vamos à segunda suposição. Ou seja, a de que Giacomo, assim que fica sabendo da morte de Angelo, diz caralho e desliga porque tem medo de se trair, de se deixar identificar, se continuar a falar. Portanto, não se trata de uma amizade inocente, mas de algo desonesto. E o primeiro telefonema também não me convence.

— O que podemos fazer?

— Podemos tentar saber de onde vieram os telefonemas. Consiga as autorizações e procure a empresa telefônica. Não sei se é possível, mas vale tentar.

— Vou ver isso agora mesmo.

— Espere, ainda não acabamos. Precisamos saber tudo sobre Angelo Pardo. De acordo com o que mencionou Elena Sclafani, ele deve ter sido expulso da Ordem dos Médicos ou lá como se chame. Não é uma medida que seja tomada por qualquer besteira.

— Tudo bem, vou me informar.

— Espere. Por que essa pressa toda? Também quero saber vida, morte e milagres do professor Emilio Sclafani, que ensina grego no liceu de Montelusa. O endereço você encontra no catálogo telefônico.

— Tudo bem — disse Fazio, já sem esboçar se mexer.

— Outra coisa. Cadê a carteira de Angelo?

— Estava no bolso de trás dos jeans. A perícia levou.

— A perícia levou mais alguma coisa?

— Sim. Um chaveiro e o celular que estava em cima da mesa.

— Hoje mesmo quero de volta chaves, celular e carteira.

— Certíssimo. Posso ir?

— Não. Tente abrir a gaveta central da escrivaninha. Está trancada a chave. Mas faça isso de modo a poder abri-la e fechá-la como se ninguém tivesse encostado a mão nela.

— Preciso de um pouco de tempo.

— Você tem o tempo que quiser.

Enquanto Fazio começava a manejar a gaveta, Montalbano foi até a salinha. Catarella havia ligado o laptop e também o manejava.

— É dificilimíssimo, dotor.

— Por quê?

— Porque tem guarda de passagem.

Montalbano não entendeu. Qual guarda? Qual passagem?

— Catarè, que merda você está dizendo?

— Vou explicar, dotor. Quando uma pessoa não quer que outra veja as coisas íntimas que tem aí dentro, bota um guarda de passagem.

Montalbano compreendeu: ele se referia à senha de proteção.

— Uma *password*?

— E o que foi que eu falei? Eu falei isso mesmo. Uma palavra de ordem, e, se a pessoa não disser ela, o guarda não deixa passar.

— Então, estamos fodidos?

— Não é bem assim, dotor, lhe seria preciso um papel com nome e sobrenome do poprietário, data de nascimento, nome da mulher ou da noiva e do irmão e da irmã e da mãe e do pai, do filho homem se tiver, da filha mulher se tiver...

— Tudo bem, hoje à tarde lhe dou isso tudo. Até lá, leve o computador para o comissariado. A quem você vai dar esse papel?

— A quem devo dar, dotor?

— Catarè, você disse "lhe seria preciso". Quem é esse lhe?

— Esse lhe sou eu, dotor.

Fazio o chamou do escritório.

Capítulo 5

— Tive sorte, doutor. Encontrei uma chave minha que parecia feita com este fim. Ninguém vai perceber que abrimos.

A gaveta se apresentava muito bem organizada.

Passaporte, do qual o comissário transcreveu os dados para Catarella; contratos que estabeleciam comissões sobre os produtos vendidos; dois documentos de cartório dos quais Montalbano copiou, sempre em benefício de Catarella, nomes completos e datas de nascimento de Michela e de sua mãe, que se chamava Assunta; o diploma de formatura, dobrado em quatro, que remontava a 16 anos; a carta da Ordem, de dez anos antes, que comunicava ao ex-doutor Angelo Pardo a expulsão, sem explicar nem como nem por quê; um envelope com mil euros em notas de cinquenta; dois álbuns de fotos de uma viagem à Índia e de outra à Rússia; três cartas da senhora Assunta ao filho, nas quais ela se lamentava da convivência com Michela e de outras coisas do gênero, todas pessoais, mas todas, digamos assim, absolutamente inúteis aos olhos de Montalbano. Havia também uma velha comunicação legal do achado, em casa, de um revólver que pertencera ao pai. Mas da arma não havia rastro, talvez Angelo tivesse se livrado dela.

— Será possível que esse senhor não tivesse uma conta corrente? — perguntou Fazio. — Como é que não achamos um talão de cheques, nem mesmo os canhotos, ou um extrato qualquer?

Não houve resposta, na medida em que Montalbano estava se fazendo a mesma pergunta e não sabia explicar aquilo nem a si mesmo nem a Fazio.

Uma coisa, porém, que surpreendeu o comissário, e muito, e espantou inclusive Fazio, foi a descoberta de um livrinho meio gasto, intitulado *Le più belle canzoni italiane di tutti i tempi*. Na saleta havia um aparelho de tevê, mas ao redor não se viam nem discos, nem tocador de CD, nem mesmo rádio.

— No quarto do terraço havia discos, fones de ouvido, equipamento de som?

— Nada, doutor.

Então, por que uma pessoa mantém, numa gaveta fechada a chave, um livrinho de letras de canções? Além do mais, o livrinho parecia ter sido muito consultado, duas páginas soltas haviam sido cuidadosamente coladas de volta no lugar com fita adesiva transparente. Para completar, nas estreitas margens havia

números escritos à mão. Montalbano deu uma olhada e concluiu rapidamente que Angelo tinha anotado a métrica dos versos.

— Pode fechar de volta. A propósito, você disse que no quarto de cima foi encontrado um chaveiro?

— Sim, doutor. A perícia levou.

— Repito: hoje à tarde, quero carteira, celular e chaves. O que você está fazendo?

Fazio, em vez de trancar novamente a gaveta, começara a esvaziá-la e a colocar em cima da escrivaninha, organizadamente, as coisas que estavam dentro.

— Só um instantinho, doutor. Quero ver uma coisa.

Quando a gaveta ficou totalmente vazia, Fazio a puxou dos trilhos e virou-a. No fundo, do lado de fora, havia uma chave cromada, atarracada e dentada, presa à madeira por dois pedaços de adesivo cruzados em X.

— Bravo, Fazio!

Enquanto o comissário descolava e examinava a chave, Fazio repôs todas as coisas dentro da gaveta, na mesma ordem de antes, fechou-a com sua própria chave e guardou esta no bolso.

— Na minha opinião, esta é a chave que abre um cofrezinho de parede — concluiu o comissário.

— Também acho.

— E você sabe o que isso significa?

— Que precisamos começar a trabalhar — respondeu Fazio, tirando o paletó e arregaçando as mangas.

Após duas horas de quadros deslocados, de espelhos deslocados, de móveis deslocados, de tapetes deslocados, de medicamentos deslocados, de livros deslocados, a conclusão lapidar de Montalbano foi:

— Aqui não tem porra nenhuma.

Sentaram-se, exaustos, no sofá da saleta. Entreolharam-se. E tiveram ambos o mesmo pensamento:

"O quarto de cima."

Subiram a escada em caracol. Montalbano abriu e eles se viram no terraço. A porta do quartinho não tinha sido recolocada nas dobradiças, estava apenas encostada no seu lugar, com um papel colado que dizia ser proibida a entrada e que tudo estava sob interdição judicial. Fazio afastou a porta e eles entraram.

Tiveram duas sortes. A primeira foi que o quarto era pequeno, e por isso não se esfalfaram arrastando muitos móveis. A segunda, que a escrivaninha não

tinha gavetas. Assim, não perderam muito tempo. Mas o resultado foi o mesmíssimo que o obtido no apartamento e que o comissário havia resumido com brilhantismo, embora não com elegância, em pouquíssimas palavras. Só que suaram bastante, já que naquele quarto o sol batia forte.

— E se for a chave de um cofre de banco? — arriscou Fazio, quando desceram para o apartamento.

— Não creio. Em geral, essas chaves de banco têm um número, uma sigla, alguma coisa que as torna reconhecíveis por quem é do ramo. Mas esta aqui é lisa, anônima.

— E agora, o que fazemos?

— Nossa pança encheremos — rimou Montalbano, em repentino ímpeto poético.

Depois de uma exaustiva comilança e de uma tranquila caminhada meditativo-digestiva até o farol, ida e volta, bem devagarinho, seguiu para o comissariado.

— Dotor, me trouxe o papel que lhe é preciso? — perguntou Catarella, assim que o viu.

— Sim, pode lhe entregar.

Onde, segundo o complexo linguajar catarelliano, o "lhe" remetia a ele mesmo, Catarella.

Sentou-se, pegou a chave encontrada por Fazio, colocou-a sobre a escrivaninha e começou a olhar fixamente para ela, como se quisesse hipnotizá-la. Mas o que aconteceu foi o contrário, a chave o hipnotizou. De fato, dali a pouco ele estava de olhos fechados, invadido por uma enorme sonolência. Levantou-se, foi lavar o rosto e teve a grande sacada. Chamou Galluzzo.

— Você sabe onde mora Orazio Genco?

— O ladrão? Claro que sei, já fui prendê-lo umas duas vezes.

— Vá procurá-lo, pergunte como vai ele e dê lembranças minhas. Sabia que há um ano Orazio não se levanta mais da cama? Foi reduzido a isso, e não tenho coragem de ver.

Galluzzo não se espantou, sabia que o comissário e o velho ladrão tinham uma simpatia mútua, eram amigos, à sua maneira.

— É só para levar suas lembranças?

— Não, também mostre esta chave — disse Montalbano, entregando-a a Galluzzo. — Pergunte que chave é e o que abre, na opinião dele.

— Hum! — fez Galluzzo, dubitativo. — Esta é uma chave moderna.

— E daí?

— Orazio é velho, não exerce a profissão há anos.

— Não se preocupe, sei que ele se mantém atualizado.

Quando o sono já recomeçava a atacar o comissário, Fazio apareceu inesperadamente, com uma sacola de plástico na mão.

— Foi fazer supermercado?

— Não, doutor, fui a Montelusa para pegar com a perícia as coisas que o senhor queria. Está tudo aí dentro — retrucou Fazio, colocando a sacola em cima da escrivaninha. — E também queria lhe dizer que falei com a telefônica. Consegui a autorização. Disseram que vão tentar identificar de que aparelhos foram feitos os telefonemas.

— E as informações sobre Angelo Pardo e Emilio Sclafani?

— Doutor, infelizmente não sou o Pai Eterno. Só consigo fazer uma coisa de cada vez. Agora vou sair por aí e procurar saber. Ah, queria lhe dizer uma coisa. Três.

E mostrou o polegar, o indicador e o médio da mão direita.

Montalbano o encarou, espantado.

— Agora começou a falar em números? O que significa três? Quer jogar par ou ímpar?

— Doutor, lembra-se daquele garoto que morreu de overdose? E de que eu lhe disse que o engenheiro Fasulo, embora a coisa tenha passado por infarto, também morreu de droga?

— Sim, me lembro. E o terceiro, quem é?

— O senador Nicotra.

A boca de Montalbano adquiriu a forma de um O.

— Está me gozando?

— Não senhor, doutor. Todos sabiam que o senador era chegado às drogas. De vez em quando se trancava na casa de campo e fazia três dias de viagem solitária. Desta vez, parece que se esqueceu de comprar a passagem de volta.

— Tem certeza?

— Pelo Evangelho.

— Mas não me diga! Um sujeito que só falava de moral e de moralidade! Me esclareça uma coisa: quando vocês foram ver o garoto, encontraram as mesmas coisas, o elástico, a seringa?

— Sim, doutor.

— Com Nicotra deve ter sido outra droga, talvez malhada. Mas disso não entendo nada. Seja como for, que Deus o tenha em santa paz.

Ao sair, Fazio quase trombou na porta com Augello.

— Mimì! Mas que beleza! Bons olhos o vejam!

— Me poupe, Salvo, faz duas noites que eu não durmo.

— O neném está doente?

— Não, mas chora muito. Sem motivo.

— Isso é o que você diz.

— Mas se os médicos...

— Esqueça os médicos. Está na cara que o bebê não concordava com vocês dois quanto a ser trazido ao mundo. E, considerando como anda o mundo, não tiro a razão dele.

— Pelo amor de Deus, não se meta a engraçadinho. Queria lhe comunicar que o chefe de polícia me telefonou há cinco minutos.

— E eu com isso? Caguei para os seus telefonemas amorosos! Você e Bonetti-Alderighi viraram cu de um, fundilho do outro. Só que ainda não dá para saber quem é o cu e quem é o fundilho.

— Desafogou? Posso falar? Posso? O chefe me disse que amanhã de manhã, lá pelas onze, o comissário Liguori vem aqui.

Montalbano fechou a cara.

— Aquele merda da antidroga?

— Aquele merda da antidroga.

— E o que ele quer?

— Não sei.

— Não quero ver esse sujeito nem pintado.

— Foi justamente por isso que vim avisar. Amanhã, das onze em diante, você some daqui. Pode deixar que falo com ele.

— Agradeço muito. Lembranças a Beba.

Ligou para Michela Pardo. Queria encontrá-la, não só porque precisava lhe fazer umas perguntas, mas também para descobrir se ela havia sumido com alguma coisa do apartamento do irmão. Estava chateadíssimo com a besteira que havia feito, permitindo que ela dormisse na casa de Angelo.

— Como foi o encontro de hoje com o juiz Tommaseo?

— Ele me fez esperar meia hora na antessala e depois mandou dizer que a convocação tinha sido transferida para amanhã à mesma hora. Comissário, o senhor fez bem em me ligar, eu ia lhe telefonar.

— O que houve?

— Queria saber quando podemos reaver o corpo de Angelo. Para o funeral.

— Sinceramente, não sei dizer. Vou me informar. Escute, a senhorita pode vir ao comissariado?

— Doutor Montalbano, achei melhor contar a mamãe que Angelo morreu. Disse que ele sofreu um acidente de carro. Ela teve um choque violentíssimo, precisei chamar o médico. Dei sedativos e ela agora está descansando. Não tenho coragem de deixá-la sozinha. O senhor não faria a gentileza de vir aqui em casa?

— Claro. Quando?

— Quando quiser, até porque não posso sair.

— Estarei aí por volta das dezenove horas. Qual é o endereço?

Dali a uma hora, Galluzzo voltou.

— Como está Orazio?

— Mais pra lá do que pra cá, doutor. E esperando uma visita sua.

Galluzzo puxou do bolso a chave e a devolveu ao comissário.

— Segundo Orazio, esta é a chave de um cofre portátil marca Exeter, com 45 por 30 centímetros, e 25 de altura. Ele diz que esses cofres não se abrem nem com mina antitanque. A não ser que a pessoa tenha a chave.

Montalbano e Fazio haviam revirado o apartamento e o quartinho do terraço em busca de um cofre de parede. Mas um cofre portátil daquelas dimensões, eles seguramente teriam visto. E isso vinha a significar que alguém o levara. Mas para fazer o quê, se não tinha a chave? Ou será que a pessoa que o tinha levado dispunha de uma cópia da chave? E Michela não sabia de nada sobre isso? Era cada vez mais necessário falar com aquela mulher. Como havia prometido se informar sobre o enterro, ele telefonou a Pasquano.

— Estou incomodando, doutor?

Com Pasquano era preciso ir cautelosamente, o temperamento do legista era decididamente irascível e instável.

— Claro que está incomodando. Ou melhor: enchendo o saco. Meus colhões estão a ponto de estourar.

Outra pessoa, que não o conhecesse, desligaria encabulada, pedindo desculpas. Mas o comissário convivia com Pasquano havia muitos anos e sabia que às vezes era melhor engrossar logo.

— Caguei, doutor.

— Para o quê?

— Se estou incomodando ou não.

Acertou. Pasquano soltou uma boa e farta risada.

— O que o senhor quer?

— A família de Angelo Pardo pergunta quando poderemos devolver o corpo para o velório e o enterro.

— Cinco — disse Pasquano.

Mas o que estava acontecendo com Fazio e o legista? Tinham virado oráculos? Por que se metiam a dizer números?

— O que significa?

— Vou lhe explicar o que significa. Significa que, antes da autópsia de Pardo, tenho outras cinco. Portanto, os familiares vão ter de esperar um pouco

mais. Informe a eles que o querido parente tem todo o conforto aqui na geladeira. Ah, já que estamos nos falando, quero lhe dizer que me enganei.

Nossa Senhora, só com muita paciência!

— Sobre o quê?

— Sobre o fato de Pardo ter tido uma relação sexual pouco antes de ser assassinado. Lamento decepcionar o doutor Tommaseo, que já estava todo animadinho.

— Então o senhor o examinou!

— Superficialmente, e só quanto ao aspecto que me deixou curioso.

— Mas então por quê...?

— Por que o troço dele estava de fora, é isso?

— Exatamente.

— Sei lá, vai ver que ele tinha ido mijar num canto do terraço e não lhe deram tempo de guardar o negócio de volta. Ou então, pretendia se dar um pouco de prazer solitário, mas alguém se antecipou e o matou. E também isso não é comigo. A investigação é ou não é sua, senhor comissário?

Desligou sem se despedir.

Pensando bem, nesse caso Elena tinha razão, ao não querer acreditar que Angelo se encontrara com outra mulher enquanto esperava por ela. Mas a hipótese do doutor Pasquano também não se sustentava.

No quarto ex-lavanderia não havia banheiro, só uma pia. Se Angelo estivesse apertado e não quisesse descer até o apartamento, não era preciso ir fazer xixi numa parte escura do terraço, podia usar a pia como mictório.

E a hipótese de masturbação também não convencia Montalbano.

Mas, nas duas suposições, era muito estranho que Angelo não tivesse tido tempo de se recompor. Não, a explicação devia ser outra. E, certamente, não tão simples como as de Pasquano.

Mimì Augello apareceu à porta.

— O que você quer?

Mimì estava com olheiras fundas, piores do que quando corria atrás das mulheres.

— Sete — respondeu Augello.

Montalbano pareceu enlouquecer de repente. Levantou-se num salto, rubro, e gritou tão alto que deve ter sido ouvido até no porto:

— Dezoito, 24, 36!! Caralho! E também setenta!!

Augello se assustou, enquanto no comissariado se desencadeava um tumulto, portas batendo, passos em correria. Em menos de um segundo, surgiram Galluzzo, Gallo e Catarella.

— O que foi?

— O que aconteceu?

— O que houve?

— Nada, nada — fez Montalbano, sentando-se. — Voltem aos seus lugares. Tive um ataque nervoso. Já passou.

Os três saíram. Mimì ainda o encarava, embasbacado.

— O que deu em você? O que significam aqueles números?

— Ah, eu disse números? Eu? E você, não entrou aqui dizendo sete?

— E daí? É pecado mortal?

— Esqueça. O que você queria me dizer?

— Que, como Liguori vem aqui amanhã, me documentei. Sabia quantos foram os mortos por droga na província, nos últimos dez dias?

— Sete — disse Montalbano.

— Exato. Como é que você sabe?

— Mimì, foi você quem me disse. Não vamos enveredar num diálogo à Campanile.

— Qual *campanile*?[2]

— Esqueça, Mimì, se não, me dá nervoso.

— E sabe o que andam dizendo do senador Nicotra?

— Que morreu da mesma doença dos outros seis.

— E isso explica por que a antidroga de Montelusa resolveu começar a se mexer. Você não tem nenhuma informação a respeito?

— Não. Nem quero ter.

Mimì saiu. O telefone tocou.

— Doutor Montalbano? Lattes. Tudo bem?

— Tudo bem, doutor, graças a Nossa Senhora.

— E os pequerruchos?

Mas de que merda ele estava falando? Dos filhos? E quantos pensava que Montalbano tinha? De qualquer modo, o que fazem os pequerruchos?

— Crescendo, doutor.

— Muito bem, muito bem. Queria lhe dizer que o senhor chefe de polícia o aguarda amanhã à tarde, entre dezessete e dezoito horas.

— Estarei aí sem falta.

Chegara a hora de sair para ir à casa de Michela.

Ao passar diante do balcão de Catarella, viu-o com a cabeça mergulhada no laptop de Angelo Pardo.

— E então, Catarè, como estamos?

Catarella teve um sobressalto e pulou de pé.

— Dotor, ah, dotor! Com água até o pescoço, dotor. O guarda de passagem não me deixa passar! É impetrenabilíssimo!

— Acha que não vai conseguir?

— Dotor, se eu nadar prestando atenção sem fechar o olho vou achar a palavra secreta para o primeiro.

— Por que você diz o primeiro, Catarè?

— Dotor, os failes com guarda de passagem são três.

— Seja mais claro. Se você levar dez horas para descobrir a senha de um arquivo, isso significa que vai precisar de trinta horas, no mínimo, para descobrir a dos três?

— Exatamente como diz vossenhoria, dotor.

— Boa sorte. Ah, se descobrir o primeiro, me ligue a qualquer hora da noite, não faça cerimônia.

Capítulo 6

Montalbano entrou no carro, partiu. Depois de percorrer uns cem metros deu um tapa na testa, soltou uns palavrões e iniciou um perigoso retorno em U, enquanto três motoristas que vinham atrás revelavam, aos berros, que:

primeiro, ele era um grandessíssimo corno,

segundo, sua mãe tinha sido uma mulher de costumes fáceis,

terceiro, sua irmã era pior do que a mãe.

De volta ao comissariado, passou em frente a Catarella sem que este o percebesse, grudado como estava no computador. Praticamente um regimento de malfeitores poderia penetrar naquelas salas sem o menor problema.

No seu gabinete, abriu a sacola que Fazio havia trazido e pegou o chaveiro que pertencera a Angelo. Logo notou uma chave igualzinha à que estava no seu bolso e que servia para abrir o cofre portátil. Em geral, esses cofres eram vendidos com duas chaves apenas. Portanto, aquela que eles tinham encontrado embaixo da gaveta era a de reserva, que Angelo mantinha escondida.

Portanto, ele se enganara em relação a Michela: não tinha sido ela a sumir com o cofre, pois não teria como abri-lo.

Talvez esse cofre não tivesse desaparecido do apartamento porque nunca estivera lá, Angelo o mantinha em outro lugar.

Outro lugar, onde?

E, aqui, o comissário deu um forte soco na própria cara. Estava tocando aquela investigação como um retardado, alguém que esquecia as coisas mais elementares. Angelo era representante e percorria a província inteira, não? Como não lhe ocorrera antes que, necessariamente, Angelo devia ter um carro e talvez até uma garagem?

Esvaziou a sacola em cima da mesa. O celular. A carteira. E as chaves de um automóvel. Como se queria demonstrar: ele, Montalbano, era um paspalhão.

Repôs tudo dentro da sacola e levou-a consigo. Nem mesmo desta vez Catarella o percebeu.

Michela usava uma espécie de robe amplo e informe, que um nó largo e molenga transformava numa espécie de vestido-camisão de presidiária, e chinelas. Mantinha abaixados os perigosos olhos. Mas que pecados, ou melhor,

que más intenções tinha seu corpo, para que ela o castigasse escondendo-o daquele jeito?

Instalou Montalbano na sala. Móveis de boa feitura mas velhos, decerto eram de família, passados de pai para filho.

— Me desculpe por recebê-lo vestida assim, mas, como tenho de dar assistência constante à minha mãe...

— Imagine! Como vai ela?

— Felizmente, agora está descansando. Efeito dos sedativos. O doutor prefere assim. Mas é um sono agitado, ela fica choramingando, como se estivesse tendo pesadelos.

— Lamento — disse Montalbano, que nesses casos não sabia o que dizer e se limitava às generalidades.

Foi ela quem atacou a questão. Diretamente.

— Achou alguma coisa na casa de Angelo?

— Alguma coisa em que sentido?

— Alguma coisa que possa ajudá-lo a descobrir quem foi que...

— Não, nada ainda.

— O senhor me fez uma promessa.

Montalbano captou no ar.

— Telefonei a Montelusa. A liberação do corpo ainda vai demorar pelo menos três dias. Não se preocupe: manterei a senhorita informada.

— Obrigada.

— Há pouco a senhorita me perguntou se encontramos alguma coisa no apartamento do seu irmão e respondi que não encontramos nada. Pior ainda: não encontramos nem mesmo aquilo que deveria estar lá.

Tinha jogado anzol e isca. Mas Michela não se deixou fisgar. Só ficou um pouquinho surpresa, como era previsível.

— Por exemplo? — perguntou.

— Seu irmão ganhava bastante?

— Bastante. Mas não se engane, comissário. Talvez seja melhor dizer: o suficiente para as necessidades dele e as nossas.

— Onde guardava o dinheiro?

Michela o encarou, felizmente só por um instante, espantada com a pergunta.

— No banco.

— E como se explica que não tenhamos encontrado um talão de cheques, um extrato de conta corrente, nada?

Inesperadamente, Michela sorriu e se levantou.

— Volto já — disse.

Quando reapareceu, trazia uma grossa pasta que colocou sobre a mesinha. Abriu-a, tirou um talão de cheques do Banco dell'Isola, procurou mais, pegou um papel e estendeu talão e papel ao comissário.

— Angelo tem conta corrente nesse banco, isso aí é o último extrato.

Montalbano olhou a cifra correspondente no item "saldo": 91 mil euros.

Devolveu as duas coisas a Michela, que as guardou de volta na pasta.

— Esse dinheiro não corresponde apenas aos ganhos de Angelo. Cerca de 50 mil euros são meus, herança de um tio que gostava especialmente de mim. Como vê, meu irmão e eu tínhamos caixa comum. De fato, a conta bancária é conjunta.

— Por que está tudo com a senhorita?

— Frequentemente Angelo estava fora de Vigàta a trabalho, muitas vezes na data de algum vencimento. Então, eu pagava as contas e depois entregava os recibos a ele. O senhor os encontrou?

— Os recibos, sim. Além do apartamento e do quarto no terraço, ele também alugava uma garagem?

— Sim. Nos fundos do prédio há três garagens. A primeira à esquerda é a dele.

Viu como você é um velho idiota, meu caro Montalbano?

— Por que a senhorita diz que muitas vezes Angelo não podia estar em Vigàta quando havia algum vencimento? Ele não fazia só viagens curtas, dentro dos limites da província?

— Não é bem assim. Pelo menos uma vez a cada três meses, ia ao exterior.

— Para onde?

— Ah, Alemanha, Suíça, França... Para onde em geral ficam os grandes laboratórios. Eles o convocavam.

— Entendo. E ficava fora muito tempo?

— Variava. De três dias a uma semana. Não mais do que isso.

— Entre as chaves do seu irmão, encontramos uma muito específica.

Montalbano puxou do bolso e mostrou à mulher a tal chave.

— Reconhece?

Ela a examinou com curiosidade.

— Reconhecer, propriamente, eu diria que não. Mas devo ter visto uma quase igual, no chaveiro dele.

— E não perguntou para que servia?

— Não.

— Esta chave abre um cofre portátil.

— É mesmo?!

Ela fitou o comissário. Águas claras, convidativas, aparentemente nem um pouco perigosas. Mas atenção, Montalbano, cuidado, caia fora, provavelmente há emaranhados de algas gigantes dos quais você jamais conseguirá livrar os pés.

— Nunca soube que Angelo tivesse um cofre assim. Ele nunca me disse, e nunca vi nada disso no apartamento.

Montalbano se obstinou em olhar a ponta do sapato esquerdo.

— O senhor o encontrou?

— Não. Encontramos a chave, mas não o cofre. Não lhe parece estranho?

— Realmente.

— E essa é mais uma das coisas que seguramente deveriam estar no apartamento mas não estavam.

Michela deu mostras de ter entendido aonde Montalbano queria chegar. Jogou a cabeça para trás, tinha um pescoço belíssimo, modiglianesco, e o fitou com olhos semicerrados, felizmente.

— O senhor não está achando que o peguei, ou está?

— Bom, veja bem, cometi um erro.

— Qual?

— Deixei-a sozinha por uma noite na casa do seu irmão. Não devia ter permitido. Assim, a senhorita pode ter tido muito tempo para...

— Sumir com algumas coisas? E por que eu faria isso?

— Porque sabe sobre Angelo muito mais do que sabemos.

— Sem dúvida. Que descoberta! Crescemos juntos. Éramos irmão e irmã.

— E por isso tende a acobertá-lo, mesmo que inconscientemente. A senhorita me disse que seu irmão, em certo momento, decidiu não exercer mais a medicina. Só que as coisas não foram exatamente assim. Seu irmão teve o registro cassado.

— Quem lhe contou?

— Elena Sclafani. Falei com ela hoje de manhã, antes de vir para cá.

— Ela lhe explicou o motivo?

— Não. Porque não sabia. Angelo o mencionou, mas o assunto não a interessava e ela não perguntou mais nada.

— Pobre anjinho! O assunto não a interessava, e mesmo assim ela se apressou a deixar o senhor suspeitoso. Joga a pedra e esconde a mão.

Michela havia falado com uma voz que o comissário não conhecia, uma voz que parecia produzida não por cordas vocais, mas por duas lixas esfregadas com força uma contra a outra.

— Então me conte a senhorita mesma esse motivo.

— Aborto.

— Conte mais.

— Angelo engravidou uma menor, que aliás era sua paciente. A mocinha, que pertencia a uma família de certo nível, não ousava dizer nada aos parentes e não podia nem mesmo recorrer a uma estrutura pública. Só restava o aborto clandestino. Mas, ao voltar para casa, ela teve uma violenta hemorragia. Foi para o hospital acompanhada pelo pai, e assim se soube a verdade. Angelo assumiu toda a responsabilidade.

— Como assim, assumiu a responsabilidade? Parece evidente que esta já era toda dele!

— Não, não toda. Ele tinha pedido a um colega e amigo, a quem conhecia desde a universidade, que fizesse o aborto. O outro não queria, mas Angelo conseguiu convencê-lo. Assim, quando a história foi revelada, meu irmão declarou que havia sido ele a praticar o aborto. Com isso, foi condenado e cassado.

— Quero saber o nome e o sobrenome da moça.

— Mas, comissário, já se passaram mais de dez anos! Sei que ela se casou, não mora mais em Vigàta... por que o senhor quer...?

— Não é certo que eu vá interrogá-la, mas, se for necessário, serei muito discreto, prometo.

— Teresa Cacciatore. Casou-se com um empresário, Mario Sciacca. Mora em Palermo. Tem um filho.

— A senhora Sclafani me disse que os encontros com seu irmão aconteciam no apartamento dele.

— É verdade.

— Como é que a senhorita nunca cruzou com ela?

— Era eu que não queria encontrá-la. Nem mesmo por acaso. Pedi a Angelo que me avisasse, sempre que Elena ia até lá.

— Por que não queria?

— Antipatia. Aversão. O senhor escolhe.

— Mas se só a viu uma vez!

— Foi o suficiente. E, também, muitas vezes Angelo me falava dela.

— O que ele dizia?

— Que na cama ela era incomparável, mas, no resto, muito ávida por dinheiro.

— Seu irmão a remunerava?

— Dava presentes caríssimos.

— Por exemplo?

— Um anel. Um colar. Um carro esporte de luxo.

— Elena me confidenciou que estava disposta a deixar Angelo.

— Não creia nisso. Ela ainda não o tinha espremido inteiramente. Fazia muitas cenas de ciúme, para mantê-lo sob controle.

— A senhorita antipatizava também com Paola, a ruiva?

Michela saltou literalmente da poltrona.

— Quem... quem lhe falou de Paola?

— Elena Sclafani.

— Aquela puta!

A voz de lixa estava de volta.

— Desculpe, mas a quem se refere? — perguntou, angelical, o comissário. — A Paola ou a Elena?

— A Elena, que botou Paola no meio disso. Paola era... é uma pessoa de bem, que estava realmente apaixonada por Angelo.

— Por que seu irmão a deixou?

— A história com Paola já durava há tempos... ele conheceu Elena num momento de cansaço... Elena representou para Angelo uma novidade, uma curiosidade à qual ele não soube resistir, embora eu...

— Quero sobrenome e endereço de Paola.

— Comissário! O senhor pretende que eu lhe forneça os dados de todas as mulheres ligadas a Angelo? De Maria Martino? De Stella Lojacono?

— De todas, não. Só das que a senhorita mencionou.

— Paola Torrisi-Blanco mora em Montelusa, via Millefiori, 26. É professora de italiano no liceu.

— Casada?

— Não. Teria sido a esposa ideal para o meu irmão.

— Pelo jeito, a senhorita conheceu Paola bem.

— Sim. Ficamos amigas. E continuei a visitá-la mesmo depois que meu irmão a deixou. Hoje de manhã, telefonei a ela e contei que Angelo foi assassinado.

— A propósito, algum jornalista a procurou?

— Não. Eles já souberam?

— A notícia começou a transpirar. Não receba nenhum deles.

— Certo.

— Agora me dê os endereços, se os tiver, ou os telefones das outras duas mulheres de quem se lembrou.

— Não os sei de memória, preciso procurar nas agendas velhas. Tudo bem, se eu lhe disser amanhã?

— De acordo.

— Comissário, posso lhe fazer uma pergunta?

— Faça.

— Por que o senhor concentra a investigação nas amizades femininas de Angelo?

"Porque você e Elena não fazem outra coisa a não ser me servir nomes de mulheres numa bandeja, ou melhor, em cima de uma cama", gostaria de ter respondido Montalbano, mas não o fez. Em vez disso, perguntou:

— Acha que isso é um erro?

— Não sei se é um erro ou não. Mas sem dúvida há muitas outras hipóteses a levantar sobre o possível motivo do assassinato do meu irmão.

— Quais?

— Ah, sei lá... alguma coisa ligada aos negócios dele... talvez um concorrente invejoso...

A essa altura, o comissário decidiu trapacear, jogando sobre a mesa uma carta marcada. Assumiu um ar embaraçado, de quem quer dizer uma coisa mas não consegue.

— O que nos fez privilegiar, hã-hã, a pista feminina...

Congratulou-se consigo mesmo, tinham lhe ocorrido as palavras certas, até os hã-hã tipo policial inglês lhe haviam saído da garganta à perfeição. Então prosseguiu em sua obra-prima teatral.

— ... foi justamente, hã-hã, um detalhe que, hã-hã, mas talvez seja melhor que eu não...

— Diga, diga — fez Michela, assumindo por sua vez o ar de quem está pronta a escutar as piores coisas.

— Enfim, seu irmão, quando foi morto, havia recém-concluído uma, hã-hã, relação sexual.

Era mentira, o doutor Pasquano havia dito outra coisa. Mas ele queria ver se ia repetir-se o efeito que suas palavras tiveram na primeira vez. E o efeito aconteceu.

Michela pulou de pé e o robe se abriu. Por baixo, estava completamente nua, sem calcinha, sem sutiã, um corpo esplêndido, rijo, compacto. Arqueou-se para trás. No movimento, até os cabelos se soltaram sobre os ombros. Tinha os punhos cerrados, os braços estendidos ao longo dos flancos, os olhos arregalados. Por sorte, não estavam voltados para o comissário. Como se a espiasse do viés de uma janela, Montalbano viu desencadear-se naqueles olhos um mar tempestuoso, furiosas vagas se levantavam em montanhas a pique, quebravam-se em avalanches de espuma, refaziam-se e voltavam a se quebrar. O comissário se apavorou, veio-lhe à mente uma lembrança de escola, a das três terríveis Erínias. Depois pensou que era uma lembrança equivocada, as Erínias eram feias e velhas. De qualquer modo, agarrou-se aos braços da poltrona. Michela falou com dificuldade, a raiva lhe apertava os dentes.

— Foi ela!

As duas lixas tinham se transformado em duas pedras de moinho.

— Foi Elena quem o matou!

Seu peito era agora um verdadeiro fole. E de repente caiu para trás, batendo a cabeça na poltrona e ricocheteando com força antes de se abandonar, completamente desmaiada.

Transpirando pela cena à qual havia assistido, Montalbano saiu da sala, viu uma porta meio aberta, compreendeu que era um banheiro, entrou, umedeceu uma toalha, voltou, ajoelhou-se ao lado de Michela e começou a lhe passar a toalha pela face. Agora, isso tinha quase virado um hábito. Aos poucos, ela pareceu se acalmar. Abriu os olhos e a primeira coisa que fez foi se cobrir com o robe.

— Melhorou?

— Sim. Desculpe.

Tinha uma incrível capacidade de recuperação. Levantou-se.

— Vou beber água.

Voltou e se sentou, tranquila, fria, como se um minuto antes não tivesse tido aquele incontrolável e pavoroso surto de raiva, no limite de um ataque epiléptico.

— Sabia que, na noite de segunda-feira, seu irmão e Elena iam se encontrar?

— Sim. Angelo havia me telefonado para avisar.

— Elena diz que esse encontro não aconteceu.

— Que história ela lhe contou?

— Que saiu de casa, mas no carro, já a caminho, decidiu não ir. Queria descobrir se conseguiria deixar seu irmão para sempre.

— E o senhor acreditou?

— Ela tem um álibi que eu confirmei.

Era outra solene mentira, mas ele queria evitar que Michela tivesse outro ataque de raiva diante de algum jornalista e mencionasse o nome de Elena.

— Seguramente é falso.

— A senhorita me contou que Angelo dava presentes caros a Elena.

— Isto mesmo. Acha que o marido, com o salário que recebe, pode se permitir dar a ela um carro como aquele?

— Então, se as coisas eram assim, que motivo tinha Elena para matá-lo?

— Comissário, quem queria romper a relação era Angelo. Ele não aguentava mais. Elena não o deixava em paz, com seu ciúme. Angelo me contou que, certa vez, ela lhe escreveu ameaçando-o de morte.

— Mandou uma carta?

— Não seja por isso: duas ou três.

— A senhorita as leu?

— Não.

— Não encontramos cartas de Elena no apartamento do seu irmão.

— Angelo deve tê-las jogado fora.

— Acho que já incomodei demais a senhorita — encerrou Montalbano, levantando-se.

Michela também se levantou. De repente pareceu exaurida. Passou a mão na testa, como que por extremo cansaço, e gemeu baixinho.

— Só mais uma coisa — disse o comissário. — Seu irmão gostava de canções etas?

Talvez ela estivesse dolorida demais para estranhar a pergunta.

— De vez em quando ele as escutava.

— Mas no apartamento não havia nenhum equipamento de som.

— De fato, ele não ouvia em casa.

— Onde, então?

— No carro, quando viajava. As músicas lhe faziam companhia. Ele tinha muitas fitas.

Capítulo 7

Michela dissera que a garagem do irmão era a primeira à esquerda. Havia fechaduras nos dois lados do portão de enrolar, mas o comissário logo encontrou a chave adequada, no molho que havia levado.

Abriu, depois meteu uma chavezinha em outra fechadura que ficava na parede ao lado do portão e este começou a subir devagar, devagar demais para a curiosidade do comissário. Por fim, ele entrou e logo achou o interruptor. A luz de néon era forte. A garagem era espaçosa e estava em perfeita ordem. Com uma rápida olhada ao redor, Montalbano constatou que não havia nenhum cofre e nenhuma possibilidade de escondê-lo.

O automóvel era um Mercedes bastante novo, daqueles que em geral são alugados com motorista. No porta-objetos entre os bancos dianteiros havia umas dez fitas de canções. No porta-luvas, os documentos do veículo e vários mapas rodoviários. Por escrúpulo, ele abriu também o porta-malas, que estava arrumadíssimo: roda sobressalente, macaco, triângulo.

Um pouquinho decepcionado, Montalbano repetiu ao contrário todos os gestos que fizera para abrir e viu-se novamente no seu carro, em direção a Marinella.

Eram nove e quinze da noite e ele não sentia fome. Tirou a roupa, vestiu uma camisa e jeans e, descalço, desceu da varanda para a praia.

O clarão da lua era escasso, e as luzes da sua casa brilhavam como se cada aposento fosse iluminado não por lâmpadas, mas por projetores de cinema. Chegando à beira-mar, ficou um tempinho ali, com a água banhando-lhe os pés e o frescor subindo-lhe pelo corpo até chegar à cabeça.

Na linha do horizonte, uma ou outra luz perdida. Muito, muito longe, uma voz lamentosa de mulher chamou duas vezes:

— Stefanu! Stefanu!

Um cão respondeu preguiçosamente.

Imóvel, Montalbano esperava que a ressaca lhe entrasse pelo cérebro e o limpasse, a cada marulho. Finalmente chegou a primeira onda, leve como uma carícia, *ccchhhlaft,* e ao se retirar levou junto, *glubglubglub,* Elena Sclafani e sua beleza, *chhlaft glubglubglub* e desapareceram os seios, o ventre, o corpo arqueado, os olhos de Michela Pardo. Cancelado o homem Montalbano, devia restar apenas o comissário Montalbano, uma função quase abstrata, aquele que

se dedica somente à resolução do caso, sem sentimentos pessoais. Mas, enquanto o dizia a si mesmo, ele sabia muitíssimo bem que jamais seria capaz disso.

Voltou para casa e abriu a geladeira. Adelina devia ter sido atacada por uma aguda forma de vegetarianismo. *Caponatina* e um sublime empadão de alcachofra e espinafre. Ele arrumou a mesinha da varanda e traçou a *caponatina,* enquanto o empadão esquentava. Em seguida, fartou-se com o empadão. Tirou a mesa e foi buscar a carteira de Angelo na sacola de plástico. Esvaziou-a, virando-a e metendo os dedos nos compartimentos. Carteira de identidade. Carteira de motorista. Cartão do imposto de renda. Cartão de crédito do Banco dell'Isola (viu como você é imbecil? Por que não examinou logo a carteira? Poderia ter se poupado do vexame com Michela). Dois cartões de visita, um do dr. Benedetto Mammuccari, cirurgião em Palma, e outro de Valentina Bonito, obstetra em Fanara. Três selos, dois normais e um de correio expresso. Uma fotografia de Elena em topless. Duzentos e cinquenta euros em notas de cinquenta. Recibo de um posto de gasolina.

E só. E pronto. E pode parar por aqui.

Tudo óbvio, tudo normal. Tudo óbvio demais, normal demais para um homem que é encontrado com um tiro na cara e os "documentos" de fora, sem que lhe tivessem servido para alguma coisa. Estavam de fora do mesmo jeito. Tudo bem que, hoje, ser surpreendido com o pênis exposto já não era novidade, e tinha até havido um parlamentar, logo alçado a um alto cargo estatal, que mostrara o dele para quem quisesse ver, em foto publicada por algumas revistas semanais, tudo bem, mas eram as duas coisas juntas, o assassinato e a exposição, que faziam o caso particular.

Ou a particularidade do caso. Ou melhor: a particularidade do *cazzo.* Absorto em tão complexas variações sobre o tema, o comissário, que estava guardando tudo de volta na carteira, parou de repente ao chegar às cinco cédulas de cinquenta.

Quanto havia mesmo na conta corrente cujo extrato Michela lhe mostrara? Cerca de 90 mil euros, dos quais, porém, 50 mil eram da própria Michela. Portanto, no banco Angelo só dispunha de 40 mil euros. Calculados em velhas liras, 80 milhões. Alguma coisa não batia. Provavelmente, os ganhos de Angelo Pardo consistiam nas comissões sobre os produtos farmacêuticos que ele conseguia colocar. E Michela havia mencionado que seu irmão ganhava o suficiente para viver com conforto. Certo, mas seria o bastante para pagar os presentes caros, sempre no dizer de Michela, que Angelo dava a Elena? Seguramente não. Nos tempos atuais, ir ao mercado e fazer as compras de casa para uma semana correspondia àquilo que antigamente se gastava num mês

inteiro. E então? Um sujeito que não tinha tanto dinheiro assim, como fazia para comprar joias e carros esportivos? Ou Angelo estava enxugando a conta bancária, e isso podia justificar o ressentimento de Michela, ou dispunha de algum outro rendimento, com a respectiva conta em banco, de cuja existência, no entanto, não havia rastro. E de cuja existência nem mesmo Michela sabia. Ou será que fingia não saber?

Montalbano foi lá para dentro e ligou a televisão, em cima da hora para o último noticiário da Retelibera. Seu amigo jornalista Nicolò Zito falou primeiro de um acidente entre um caminhão e um automóvel, quatro mortos, e depois mencionou o homicídio de Angelo Pardo, cujas investigações, disse, tinham sido confiadas ao chefe do Grupamento Móvel de Montelusa. E isso explicava por que nenhum jornalista havia ainda enchido o saco de Montalbano. Via-se que o pobre Nicolò não sabia nadica de nada sobre o caso: de fato, engrenou duas frases e passou a outro assunto. Melhor assim.

O comissário desligou, telefonou a Livia para o costumeiro boa-noite, que não teve consequências de bate-boca, foi só um bate-papo, e foi se deitar. Sem dúvida por efeito do telefonema que o tranquilizou, mergulhou no sono como uma criancinha.

Criancinha essa que acordou de repente às duas da madrugada e, em vez de começar a chorar, como todas as criancinhas deste mundo, começou a pensar.

Estava encucado com a visita à garagem. Tinha certeza de haver negligenciado um detalhe. Algo que na hora lhe parecera sem importância, mas que agora ele sentia que era importante, e muito importante.

Recapitulou tudo o que havia feito, desde o momento em que entrara na garagem até o momento em que saíra. Nada.

“Amanhã eu volto lá”, disse a si mesmo.

E virou-se de lado para dormir de novo.

Menos de quinze minutos depois, vestido de qualquer jeito, estava no carro em direção à casa de Angelo, xingando como um louco.

Se os moradores do primeiro e do segundo pisos, assim como os do térreo, pareciam mortos durante o dia, imagine-se às três da manhã ou pouco menos. Fosse como fosse, ele tratou de fazer o mínimo possível de barulho.

Acendeu a luz da garagem e começou a examinar cada coisa, galões vazios, velhas latas de óleo de motor, alicates e chaves inglesas, como se tivesse nas mãos uma lente de aumento. Não descobriu nada que de alguma forma pudesse ser levado em consideração. Um galão vazio era, lamentavelmente, um puro e simples galão vazio, ainda cheirando a gasolina.

Então passou ao Mercedes. Nos mapas rodoviários do porta-luvas não tinha sido sublinhado nenhum percurso específico, e os documentos do carro estavam

em ordem. Ele baixou o para-sol, examinou uma por uma as fitas das canções, meteu a mão nos bolsos laterais, tirou o cinzeiro, saiu, abriu o capô, havia só o motor. Passou à traseira e abriu o bagageiro: roda sobressalente, macaco e triângulo. Fechou.

Sentiu então uma espécie de choque elétrico, bem levinho, e abriu de novo o porta-malas. Ali estava o detalhe negligenciado. De sob o tapetinho de borracha aparecia um triângulo de papel. Ele se inclinou para ver melhor: era o canto de um envelope. Puxou-o com dois dedos. Estava endereçado ao senhor Angelo Pardo, e o senhor Angelo Pardo, depois de abri-lo, reutilizara-o para guardar três cartas dirigidas a ele. Montalbano tirou a primeira e verificou a assinatura. Elena. Recolocou-a no envelope, fechou a Mercedes, desligou a luz, abaixou o portão e, segurando o envelope, dirigiu-se para o seu carro, que ele havia deixado a poucos metros da garagem.

— Parado aí, ladrão! — fez uma voz que parecia vir do céu.

Ele se deteve e olhou. No último andar havia uma janela aberta e, na contraluz, o comissário reconheceu S. M. Vítor Emanuel III, que lhe apontava um fuzil de caça.

Quem é que vai se meter a discutir, à distância de três andares e àquela hora da noite, com um doido maníaco? E aquele ali, quando encasquetava, não havia santo que desse jeito. Montalbano virou-lhe as costas e prosseguiu.

— Pare ou atiro!

Montalbano continuou a caminhar e Sua Majestade atirou. De resto, era sabido que os últimos Savoia tinham o fuzil. Por sorte, Vítor Emanuel não tinha boa pontaria. O comissário se jogou dentro do carro, ligou o motor e partiu cantando pneu, como nos filmes americanos, enquanto um segundo tiro ia parar trinta metros adiante.

Assim que chegou a Marinella, começou a ler as cartas de Elena para Angelo. As três tinham o mesmo andamento, dividido em dois tempos.

O primeiro tempo era uma espécie de delírio erótico passional, ficava claro que Elena escrevera as cartas logo depois de um encontro particularmente fogoso, descrevendo, com riqueza de detalhes, o que os dois haviam feito e o quanto, o quanto ela gozava enquanto Angelo lhe praticava um demoradíssimo triquetroque.

Aqui, Montalbano se deteve, perplexo. Apesar de tudo o que sabia, por experiência pessoal e pela leitura de alguns clássicos do erotismo, não conseguia entender em que consistia o triquetroque. Mas talvez essa fosse uma palavra da gíria secreta que sempre se cria entre dois amantes.

O segundo tempo, ao contrário, era de um tom completamente diferente. Elena supunha que Angelo, em suas viagens pelas cidadezinhas da província,

tinha amantes a três por dois em cada lugar, do mesmo modo como os marinheiros, ao que se diz, têm uma mulher em cada porto, e ela ficava louca de ciúme. E o desafiava: se chegasse a ter provas de que Angelo a traía, iria matá-lo.

E mais: na primeira carta, afirmava haver seguido Angelo, no carro dela, até Fanara, e fazia uma pergunta específica: por que ele tinha parado por uma hora e meia numa casa da via Libertà, 82, se nesse endereço não havia nem farmácia nem consultório médico? Quem morava lá era outra amante? Fosse como fosse, que Angelo tivesse bem em mente: a descoberta da traição equivaleria a uma morte violenta e súbita.

Terminada a leitura, Montalbano se sentiu mais confuso do que persuadido. Certo, aquelas cartas davam razão a Michela, mas não correspondiam à impressão que ele tivera de Elena. Eram como que escritas por outra pessoa.

E também, por que Angelo as mantinha escondidas no Mercedes? Não queria que sua irmã Michela as lesse? Ou ficava envergonhado com a primeira parte das cartas, em que se falava de suas acrobacias com Elena entre os lençóis? Podia ser uma explicação. Mas seria explicável que Elena, tão apegada a dinheiro, fosse matar justamente a pessoa que lhe fornecia esse dinheiro, ainda que sob a forma de presentes?

Sem sequer se dar conta, ele pegou o telefone.

— Livia? Oi, Montalbano. Queria lhe perguntar uma coisa. Em sua opinião, é lógico que uma mulher a quem um homem dá presentes caros mate esse homem por ciúme? Você faria o quê?

Houve uma pausa compridíssima.

— Alô, Livia?

— Eu não sei se mataria um homem por ciúme, mas por ele me acordar às cinco da manhã, mataria, sim — disse Livia.

E desligou.

Chegou ao comissariado um pouco atrasado, só conseguira retomar o sono por volta das seis. Foi um tal de se remexer para um lado e para outro com um pensamento fixo na cabeça, ou seja, o pensamento de que, segundo as regras mais elementares, deveria deixar o juiz Tommaseo de fora da situação de Elena Sclafani. Mas não tinha vontade de fazer isso. E a coisa desencadeava nele aquele nervoso que o impedia de dormir.

Toda a equipe, só de olhar a cara do comissário, convenceu-se de que naquele dia o mar não estava para peixe.

No balcão da entrada, no lugar de Catarella, estava Minnitti, um calabrês.

— Cadê Catarella?

— Passou a noite toda no comissariado, doutor, e agora de manhã desabou.

Talvez Catarella tivesse levado consigo o laptop de Angelo, que não se via em nenhum lugar. Montalbano acabava de se sentar, quando Fazio entrou.

— Doutor, duas coisas. A primeira é que o comendador Ernesto Laudadio veio aqui esta manhã.

— E quem é o comendador Ernesto Laudadio?

— O senhor o conhece bem, doutor. É aquele que nos chamou por ter cismado que o senhor queria violentar a irmã do morto.

Então, Sua Majestade Vítor Emanuel III se chamava assim! E, enquanto louvava Deus[3], enchia o saco do próximo.

— Veio fazer o quê?

— Dar queixa contra um desconhecido. Parece que, esta noite, alguém tentou arrombar a garagem do morto, mas o comendador não deixou. Deu dois tiros de fuzil contra o desconhecido e este fugiu.

— Chegou a feri-lo?

Fazio respondeu com outra pergunta.

— O senhor está ferido, doutor?

— Não.

— Então o comendador não feriu ninguém, graças a Deus. O senhor pode me explicar o que foi fazer na garagem?

— Eu tinha passado por lá mais cedo para procurar o cofre, porque nós dois não nos lembramos de procurá-lo ali.

— É verdade. E achou?

— Não. Depois voltei, porque me ocorreu um detalhe.

Não disse do que se tratava, e Fazio não perguntou.

— E a segunda coisa que você queria me dizer?

— Consegui umas informações sobre Emilio Sclafani, o professor.

— Ah, quais são?

Fazio meteu a mão no bolso e o comissário o fulminou com um olhar.

— Se você puxar daí um papelzinho com o nome do pai do professor, o nome do avô do professor, o nome do tataravô do professor, eu...

— Paz — pediu Fazio, tirando a mão do bolso.

— Quando é que vai passar essa sua mania de funcionário do registro civil?

— Nunca, doutor. Bom, o professor é reincidente.

— Como assim?

— Vou explicar. O professor se casou duas vezes. Na primeira, quando tinha 39 anos e ensinava em Comisini, com uma mocinha de 19, sua ex-aluna no liceu, chamada Maria Coxa.

— Que sobrenome é esse?

— Albanês, doutor. Mas o pai era nascido na Itália. O casamento durou exatamente um ano e três meses.

— O que aconteceu?

— Aconteceu que não acontecia nada. Pelo menos, é o que se diz. Depois de um ano de casamento, a esposinha concluiu que era muito estranho o marido se deitar toda noite ao lado dela, dizer boa noite meu amor, beijá-la na testa e dormir. Fui claro?

— Não.

— Doutor, o professor não consumava.

— É mesmo?!

— É o que dizem. Então a jovem esposa, que precisava dessa consumação...

— Foi procurá-la em outro bar.

— Exato, doutor. Um colega do marido, professor de ginástica, não sei se o senhor me entende. Parece que o professor soube, mas não reagiu. Um dia, porém, ao voltar mais cedo para casa, encontrou a mulher fazendo com o colega dele um exercício particularmente difícil. A coisa acabou mal e ao contrário.

— Como assim, ao contrário?

— Nosso professor não tocou na mulher, mas se atracou com o colega e o massacrou. Não esqueça que o professor de ginástica era mais forte e treinado, mas mesmo assim foi parar no hospital. Emilio Sclafani ficou alucinado, alguma coisa o transformou de corno manso em besta-fera.

— Como se concluiu isso tudo?

— O professor de ginástica não o denunciou, ele se separou da mulher, pediu transferência para Montelusa e obteve o divórcio. E agora, no segundo casamento, viu-se na mesmíssima situação do primeiro. Por isso eu disse que ele é reincidente.

Mimì Augello entrou e Fazio saiu.

— O que você ainda está fazendo aqui? — perguntou o vice.

— Por quê? Onde eu deveria estar?

— Onde quiser, menos aqui. Dentro de quinze minutos, chega Liguori.

O merda da antidroga!

— Eu tinha esquecido! Vou dar dois telefonemas e me mando.

O primeiro, para Elena Sclafani.

— Aqui é Montalbano. Bom dia, senhora. Preciso lhe falar.

— Agora de manhã?

— Sim. Posso passar aí dentro de meia hora?

— Comissário, estou ocupada até as treze. Se o senhor quiser, podemos nos ver à tarde.

— Também pode ser à noite. Mas seu marido vai estar em casa?

— Eu já lhe disse que não há problema. O senhor pode vir à noite. Ah, escute, tive uma ideia: por que não me convida para almoçar?

Combinaram o encontro.

O segundo telefonema foi para Michela Pardo.

— Desculpe, comissário, mas estou de saída, vou ver o doutor Tommaseo em Montelusa. Felizmente, minha tia pôde... Enfim, pode falar.

— A senhorita conhece Fanara?

— A cidade? Sim.

— Sabe quem mora na via Libertà, 82?

Silêncio, nenhuma resposta.

— Alô, Michela?

— Sim, estou aqui. O fato é que o senhor me pegou de surpresa... sim, sei quem mora na via Libertà, 82.

— Quem é?

— Tia Anna, a outra irmã da minha mãe. É paralítica. Angelo é... era muito ligado a ela. Quando estava em Fanara, sempre ia visitá-la. Mas como foi que o senhor soube...

— Investigação normal, nada mais. Naturalmente, tenho muitas outras coisas a lhe perguntar.

— Pode passar aqui hoje à tarde.

— Fui convocado pelo chefe de polícia. Amanhã de manhã, se a senhorita não tiver nada contra.

Montalbano saiu correndo do comissariado, entrou no carro e partiu. Resolveu que devia dar mais uma olhada no apartamento de Angelo. Por quê? Porque sim, era o que seu instinto mandava.

Passou pelo portão, subiu a silenciosa escada daquele prédio morto e abriu cautelosamente, sem fazer barulho, a porta do apartamento de Angelo, com medo de que Sua Majestade Vítor Emanuel III saísse de repente de casa com um facão na mão e o apunhalasse pelas costas. Dirigiu-se ao escritório, sentou-se à escrivaninha e começou a pensar.

Como sempre, sentia que alguma coisa não se encaixava, mas não conseguia distingui-la. Então se levantou e começou a zanzar pela casa. A certa altura, abriu a porta de venezianas da saleta e passou à sacada.

Na rua, bem diante do portão, estava parado um carro sem capota, e dois jovens, um rapaz e uma moça, se beijavam. Mantinham a música do rádio, ou lá o que fosse, no volume máximo.

Montalbano deu um salto para trás. Não por ter ficado escandalizado com o que via, mas porque finalmente havia compreendido a razão pela qual tinha

sentido a necessidade de voltar ao apartamento.

Entrou de novo no escritório, sentou-se, procurou a chave certa entre as de Angelo, meteu-a na gaveta central, abriu a gaveta, pegou o livrinho intitulado *Le più belle canzoni italiane di tutti i tempi* e o folheou.

"Signorinella pallida / dolce dirimpettaia del quinto piano..."

"Oggi la carrozza può sembrare / un curioso avanzo dell'antichità..."

"Non dimenticar le mie parole / bimba tu non sai cos'è l'amor..."

Eram canções que remontavam aos anos 1940-1950. Talvez ele, Montalbano, sequer tivesse nascido quando alguém ainda se lembrava daquelas cançonetas. E, coisa importante, ou pelo menos assim lhe pareceu, não tinham nada a ver com as fitas que havia no Mercedes, todas de rock.

Capítulo 8

Na estreita margem branca de cada página do livrinho, havia números escritos. Na primeira vez em que os olhara, o comissário tinha achado que aquilo era uma espécie de análise da métrica, mas agora se deu conta de que os números só abrangiam os dois primeiros versos de cada cançoneta. Ao lado de "Signorinella pallida / dolce dirimpettaia del quinto piano" estavam escritos respectivamente os números 19 e 31; ao lado de "Oggi la carrozza può sembrare / un curioso avanzo dell'antichità", os números 25 e 28; ao passo que os versos "Non dimenticar le mie parole / bimba tu non sai cos'è l'amor" correspondiam a 24 e 22. E assim por diante, em todas as 97 canções contidas no livrinho. A solução lhe ocorreu muito facilmente: aqueles números eram a soma de todas as letras que compunham as palavras de cada verso. Um código, evidentemente. Mais complicado, porém, seria conseguir entender para que ele servia. Montalbano guardou o livrinho no bolso.

Já ia entrando na *trattoria* de Enzo quando ouviu que o chamavam. Parou e se voltou. Elena Sclafani estava descendo de uma espécie de torpedo vermelho, sem capota, que ela havia acabado de estacionar. Usava tênis e malha de ginástica, os longos cabelos espalhados nas costas, presos apenas por uma faixa azul na testa. Os olhos celestes estavam sorridentes, os lábios vermelhos que pareciam pintados haviam perdido a expressão amuada.

— Nunca vim comer aqui. Estou chegando da academia, e a ginástica me abre o apetite.

Um jovem e perigoso animal selvagem. Como, aliás, todos os animais selvagens.

"E, no fundo, como todos os jovens", pensou o comissário, com uma pontinha de melancolia.

Enzo os instalou numa mesa um pouco isolada, e também ainda não havia muita gente.

— O que vão querer?

— Não tem cardápio? — perguntou Elena.

— Não usamos — retrucou Enzo, olhando-a de cara feia.

— Quer *antipasti di mare*? Os daqui são ótimos — disse Montalbano.

— Eu como de tudo — declarou Elena.

O olhar que Enzo lhe dirigia mudou de repente, tornou-se não somente benévolo, mas também quase afetuoso.

— Então, deixem comigo.

— Há um problema — disse Montalbano, para se prevenir logo.

— Qual?

— A senhora me propôs almoçarmos juntos e fiquei muito contente por aceitar. Mas...

— Coragem, esqueça o problema. Sua mulher...

— Não sou casado.

— Alguma história séria?

— Sim. Uma.

Por que estava respondendo?

— O problema é que, enquanto como, não gosto de falar.

Ela sorriu.

— Quem deve fazer as perguntas é o senhor. Se não as fizer, não tenho nada a responder. E também, se quiser mesmo saber, quando faço uma coisa prefiro fazer só essa coisa.

A conclusão foi que eles traçaram o *antipasto,* os *spaghetti alle vongole* e os salmonetes fritos, crocantes, trocando sons inarticulados, tipo *ahm, ehm, ohm, uhm,* que só variavam de intensidade e cor. E algumas vezes fizeram *ohm uhm* juntos, entreolhando-se. No fim, Elena esticou as pernas embaixo da mesa, fechou os olhos e deu um suspiro profundo. Depois, como uma gata, botou para fora a ponta da língua e passou-a sobre os lábios. Pouco faltou para ela começar a ronronar.

Certa vez o comissário havia lido um conto de um autor italiano que falava de um lugar onde fazer amor em público não só não causava escândalo como também era a coisa mais natural do mundo, ao passo que, ao contrário, comer na presença de outros era considerado imoral, por ser uma coisa muito íntima. Ele quase riu com uma pergunta que lhe passou pela cabeça: será que, com a idade, levaria uma mulher ao clímax apenas por comerem na mesma mesa, sobre a mesma toalha?

— E agora, onde conversamos? — perguntou Montalbano.

— O senhor vai estar muito ocupado?

— Não de imediato.

— Faço outra proposta. Vamos para minha casa, eu lhe ofereço o café. Emilio está em Montelusa, acho que já lhe disse. Está de carro?

— Sim.

— Então me siga, assim poderá ir embora quando quiser.

Dirigir atrás do torpedo não foi fácil. A certa altura, Montalbano decidiu deixar para lá, até porque conhecia o caminho. De fato, quando chegou, Elena já o esperava em frente ao portão, com uma mochila esportiva no ombro.

— Seu carro é mesmo muito bonito — comentou Montalbano, enquanto subiam de elevador.

— Foi Angelo quem me deu — disse ela, abrindo a porta, quase indiferente, como se estivesse falando de um maço de cigarros ou de uma coisa sem importância.

"Esta garota me puxa o tapete!", pensou Montalbano, enraivecido, não só por ter pensado numa frase feita como também porque essa frase feita correspondia à verdade.

— Deve ter sido muito caro.

— Acho que sim. Pretendo revendê-lo logo.

Elena o fez entrar na sala.

— Por quê?

— Muito custoso para o meu bolso. Às vezes consome tanto quanto um avião. Quando Angelo me presenteou esse carro, impus uma condição para aceitá-lo: que todo mês ele me reembolsasse o dinheiro da gasolina e da garagem. O seguro ele já havia pago.

— E Angelo concordou?

— Sim.

— Uma curiosidade: como ele a reembolsava? Em cheque?

— Não, em espécie.

Droga, uma boa ocasião para saber se Angelo tinha outras contas bancárias estava perdida.

— Comissário, vou fazer o café e trocar de roupa. Se, enquanto isso, o senhor quiser dar uma refrescada...

Conduziu-o até um lavabo, bem ao lado da sala de jantar.

Calmamente, Montalbano despiu o paletó, a camisa, e meteu a cabeça embaixo da torneira. Quando voltou à sala, Elena ainda não estava. Chegou cinco minutos depois, com o café. Tinha tomado uma rápida chuveirada e vestido uma espécie de paletozinho que lhe chegava ao meio das coxas. E só. Estava descalça. As pernas, longas pela própria natureza, ao surgirem daquele paletozinho vermelho pareciam intermináveis. Pernas nervosas, vivazes, de bailarina ou de atleta. E o melhor, disso Montalbano se convenceu imediatamente, era que em Elena não havia nenhuma intenção ou tentativa de sedução. Ela não via nenhum inconveniente em ficar daquele jeito diante de um homem que mal conhecia. Como se estivesse lendo o pensamento dele, Elena disse:

— Eu me sinto bem com o senhor. Fico à vontade. No entanto, não devia ser assim.

— Pois é — fez o comissário.

Ele se sentia igualmente bem. Até demais. E isso não convinha. Mais uma vez, foi Elena quem voltou ao assunto.

— E aí? Quais são as perguntas?

— Além do carro, Angelo lhe deu outros presentes?

— Sim, e também muito caros. Joias. Se o senhor quiser, vou lá dentro, pego tudo e lhe mostro.

— Não é necessário, obrigado. Seu marido sabia?

— Dos presentes? Sim. E, também, um anel eu poderia esconder, mas um carro como aquele...

— Por que esses presentes?

Ela captou no ar. Era de uma inteligência perigosa.

— O senhor nunca deu nenhum à sua namorada?

Montalbano não gostou. Livia não devia ser misturada, nem mesmo por distração, com as sórdidas e mesquinhas histórias que ele investigava.

— A senhora está esquecendo um detalhe.

— Qual?

Ele queria ser deliberadamente ofensivo.

— Que esses presentes eram um modo de pagar por seus serviços.

Havia considerado todas as possíveis reações de Elena, mas não que ela começasse a rir.

— Talvez Angelo superestimasse os meus serviços, como diz o senhor. Não sou uma desclassificada, acredite.

— Então, volto a lhe perguntar por quê.

— Comissário, há uma explicação, e é muito simples. Ele me deu esses presentes nos últimos três meses, começando pelo carro. Creio que, da outra vez, eu lhe disse que Angelo tinha começado a... em suma, tinha se apaixonado por mim. Não queria me perder.

— E a senhora?

— Acho que também lhe falei disso. Quanto mais possessivo ele se tornava, mais eu tendia a me afastar. Não suporto rédeas, entre outras coisas.

Não tinha existido um antigo poeta grego que escrevera um poema de amor para uma poldrazinha da Trácia, que justamente não suportava rédeas? Mas não era o momento de pensar em poesia.

Quase a contragosto, o comissário meteu a mão no bolso, tirou as três cartas que trouxera consigo e colocou-as sobre a mesinha.

Elena olhou-as, reconheceu-as, não deu o mínimo sinal de perturbação e devolveu-as à mesinha.

— O senhor as encontrou no apartamento de Angelo?

— Não.

— Onde, então?

— Escondidas no porta-malas do Mercedes.

De repente, três rugas: uma na testa, duas nos cantos da boca. Pela primeira vez, ela pareceu sinceramente espantada.

— Por que escondidas?

— Hum, não sei. Mas arriscaria uma explicação. Talvez Angelo não quisesse que a irmã as lesse, por causa de certos detalhes que podiam embaraçá-lo, sabe como?

— O que está dizendo, comissário?! Entre aqueles dois havia uma confiança total!

— Pois é, deixemos para lá os porquês e os comos. Eu as encontrei dentro de um envelope escondido embaixo do tapetinho do porta-malas. Foi isso. Mas a pergunta é outra, e a senhora sabe qual.

— Comissário, essas cartas me foram praticamente ditadas.

— Por quem?

— Por Angelo.

Afinal, o que aquela mulher achava? Que podia fazê-lo engolir a primeira bobagem que lhe passasse pela cabeça? Levantou-se num salto, irritado.

— Amanhã, às nove, espero a senhora no comissariado.

Elena também se levantou. Estava branca, a testa brilhando de suor.

Montalbano percebeu que ela tremia ligeiramente.

— Não, por favor, no comissariado, não.

Tinha a cabeça baixa, os punhos apertados, os braços esticados ao longo do corpo, uma criancinha crescida demais que se apavorava com um castigo.

— No comissariado não devoramos ninguém, sabia?

— Não, não, pelo amor de Deus, não.

Um beicinho sutil, sutil, que se transformou em pequenos soluços. Seria possível que aquela jovem não parasse de surpreendê-lo? O que havia de tão terrível assim, no fato de se apresentar no comissariado? Como se faz justamente com as criancinhas, ele segurou o queixo dela e levantou-lhe a cabeça. Elena mantinha os olhos fechados, mas a face estava banhada em lágrimas.

— Tudo bem, nada de comissariado, mas não me conte histórias absurdas.

Voltou a se sentar. Ela permaneceu de pé, mas se aproximou de Montalbano e ficou diante dele a ponto de quase lhe tocar os joelhos com as pernas. O que

esperava, afinal? Que ele lhe pedisse alguma coisa, em troca de não obrigá-la a comparecer ao comissariado? De repente o cheiro da pele dela atingiu Montalbano, provocando-lhe uma leve tontura. Ele temeu por si mesmo.

— Volte ao seu lugar — disse, severo, sentindo-se como um diretor de escola.

Elena obedeceu. Sentada, esticou o paletozinho com as duas mãos, na vã tentativa de cobrir as coxas um pouco. Mas, assim que ela o soltou, o tecido subiu de novo e foi pior.

— Então, que história incrível é essa de o próprio Angelo lhe ditar as cartas?

— Eu nunca o segui de carro. Aliás, quando começamos a nos ver, fazia um ano que eu já não tinha o meu. Havia sofrido um acidente feio, que o deixou inútil, uma carcaça. E me faltava dinheiro para comprar outro, mesmo de segunda mão. A primeira dessas três cartas, aquela na qual digo que o segui até Fanara, remonta a quatro meses, pode conferir a data, e Angelo ainda não tinha me presenteado com o carro. Mas, para tornar a história mais verossímil, Angelo me mandou escrever que ele tinha ido a uma certa casa, agora não me lembro do endereço, e que eu tinha ficado desconfiada.

— Ele disse quem morava nessa casa?

— Sim, uma tia, irmã da mãe, acho.

Elena havia relaxado, voltara a ser aquela de sempre. Mas por que a ideia do comissariado a deixara tão assustada?

— Admitamos, por um momento, que Angelo tenha lhe sugerido escrever essas cartas.

— Mas é verdade!

— E acredito, provisoriamente. É claro que ele fez a senhora escrever essas cartas para que alguém as lesse. Quem?

— A irmã, Michela.

— De onde lhe vem tanta certeza?

— Ele mesmo me disse. Daria um jeito de fazê-las aparecer à vista da irmã, mas como se fosse por acaso. Foi por isso que me espantei, quando o senhor disse que estavam escondidas no porta-malas do Mercedes. Nesse lugar, dificilmente Michela poderia achá-las.

— O que Angelo pretendia obter de Michela após a leitura dessas cartas? Em suma, para que elas serviriam? A senhora perguntou?

— Claro.

— Qual foi a explicação?

— Ele me deu uma explicação totalmente estúpida. Disse que ia usá-las para demonstrar a Michela que eu o amava como louca, ao contrário do que ela

afirmava. E fingi me contentar com essa explicação, porque, no fundo, não estava nem aí para a história toda.

— Acha que, na realidade, o motivo era outro?

— Sim. Ter uma certa folga.

— Pode explicar melhor?

— Vou tentar. Michela e Angelo eram ligadíssimos, comissário. Até onde pude saber, Michela, quando a mãe estava bem, dormia com muita frequência na casa do irmão, circulava por aí com ele, sabia onde ele estava a cada momento. Ela o controlava. A certa altura, Angelo deve ter se cansado disso, ou então quis ter mais liberdade para se movimentar. E eu, com meu ciúme fingido, mas constante, seria um bom álibi para que ele pudesse se mexer sem levar a irmã a reboque. As outras duas cartas, Angelo me fez escrever antes de duas viagens dele, uma à Holanda e outra à Suíça. Talvez fossem um pretexto para evitar que a irmã viajasse junto.

Fazia sentido o motivo pelo qual as cartas tinham sido encomendadas? Fazia, ainda que de modo sinuoso, retorcido como rabo de porco. Mas a hipótese do verdadeiro objetivo, levantada por Elena, era convincente.

— Deixemos de lado as cartas, por enquanto. Naturalmente, tivemos de fazer amplas investigações, e...

— Posso? — interrompeu ela, apontando as cartas sobre a mesinha.

— Claro.

— Continue, estou ouvindo — disse Elena, enquanto tirava uma carta do envelope e começava a lê-la.

— ... e assim viemos a saber umas coisas sobre seu marido.

— Sobre o que aconteceu com ele no primeiro casamento? — perguntou ela, continuando a ler.

Mais do que tapete, essa garota lhe puxava até mesmo o chão de sob os pés!

De repente, Elena jogou a cabeça para trás e começou a rir.

— O que é tão engraçado?

— O triquetroque! Imagino o que o senhor não deve ter pensado!

— Não pensei nada — fez Montalbano, corando levemente.

— É que tenho o umbigo muito sensível, e então...

Montalbano virou uma labareda. O umbigo sensível, onde ela gostava de ganhar beijos e lambidas! Por acaso estava maluca? Não percebia que aquelas cartas podiam mandá-la para a cadeia por trinta anos? Triquetroque? Pois sim!

— Voltando ao seu marido...

— Emilio me contou tudo — disse Elena, largando a carta. — Perdeu a cabeça por aquela ex-aluna, Maria Coxa, e se casou com ela esperando um milagre.

— Que milagre?

— Comissário, Emilio sempre foi impotente.

Essa franqueza brutal o atingiu como um meteorito, do tipo que pega você no meio dos cornos e você não consegue descobrir de onde ele veio. Montalbano abriu e fechou a boca, sem conseguir falar.

— Emilio não tinha contado nada a Maria. Mas, algum tempo depois, não pôde encontrar mais desculpas para esconder sua desgraça. E então os dois fizeram um pacto.

— Um instantinho, por favor. A esposa não podia pedir a anulação, sei lá, o divórcio? Todos lhe dariam razão!

— Comissário, Maria era paupérrima, sua família havia passado fome para mantê-la estudando. Era melhor o pacto.

— Em que consistia?

— Emilio lhe apresentaria um homem com quem ela pudesse ir para a cama. E lhe trouxe um colega, o professor de ginástica. Antes, havia conversado com ele.

Montalbano pirou. Por mais coisas que tivesse visto e enfrentado em muitos anos de polícia, as complicadíssimas histórias de sexo e chifres sempre o deixavam pasmo.

— Em poucas palavras: Emilio ofereceu a esposa a ele?

— Sim, mas com uma condição. Que os encontros entre Maria e o colega lhe fossem comunicados com antecedência.

— Minha Mãe do Céu! Por quê?

— Porque assim, aos olhos dele, a coisa já não seria uma traição.

Ah, sim. Sob certo ponto de vista, o raciocínio do professor Emilio Sclafani fazia todo o sentido. Afinal, não tinha sido por aquelas bandas que nascera um sujeito que atendia pelo nome de Luigi Pirandello?

— Então, como se explica que o colega quase tenha sido assassinado?

— Aquele encontro não foi comunicado a Emilio. Era um encontro, como direi, clandestino. E Emilio reagiu como um marido que surpreende a mulher em flagrante de adultério.

“Il gioco delle parti”, o jogo dos papéis. Não era esse o título de uma comédia do supracitado Pirandello?

— Posso lhe fazer uma pergunta pessoal?

— Com o senhor eu não tenho muitos pudores.

— Quando seu marido lhe revelou ser impotente? Antes ou depois do casamento?

— Antes. A mim, ele contou antes.

— E mesmo assim a senhora o aceitou?

— Sim. Ele também me disse que eu poderia ter outros homens. Com discrição, naturalmente, e desde que o deixasse sempre a par de tudo.

— A senhora respeitou o compromisso?

— Respeitei.

E Montalbano teve a nítida impressão de que esta, sim, era uma mentira que ela lhe pregava. Mas isso não lhe pareceu ter muita importância. Se Elena se encontrava clandestinamente com alguém, sem contar ao marido, problema dela.

— Escute, tenho o dever de ser mais explícito.

— Pode falar.

— Por que uma mulher esplêndida como a senhora, certamente muito cortejada e desejada, aceita se casar com um homem que não é rico, muito mais velho e, ainda por cima, sem condições de...

— Comissário, o senhor já imaginou se encontrar no meio das ondas, numa tempestade, porque sua embarcação naufragou?

— Minha imaginação é fraca.

— Faça um esforço. O senhor nadou, nadou muito, mas agora não aguenta mais. Compreende que vai se afogar. E de repente se vê ao lado de alguma coisa que boia e na qual pode se segurar. O senhor faz o quê? Agarra-se a essa coisa. E não se pergunta se aquilo é uma tábua apodrecida ou um barco de salvamento com radar.

Capítulo 9

— A senhora havia chegado a esse ponto?

— Sim.

Claro que desse assunto ela não queria falar, pois lhe pesava. Mas o comissário não podia fingir que aquilo não tinha um significado, não podia ignorar o assunto, precisava conhecer tudo do passado e do presente das pessoas implicadas no assassinato. Era seu ofício, embora, em determinadas ocasiões, ele se sentisse como um inquisidor. E isso não lhe dava prazer algum.

— Como conheceu Emilio?

— Depois do escândalo de Comisini, num primeiro momento Emilio foi transferido para Fela. Ali, meu pai, que é primo dele em segundo grau, lhe falou de mim, da minha situação, do fato de ter sido obrigado a me internar numa comunidade especial para menores.

— A senhora se drogava?

— Sim.

— Que idade tinha?

— Dezesseis anos.

— Por que começou?

— O senhor está me fazendo uma pergunta precisa, à qual não é possível responder com a mesma precisão. É difícil explicar, até a mim mesma, por que comecei. Talvez vários fatos tenham concorrido para... Antes de mais nada, a morte de mamãe, quando eu não tinha nem dez anos. Depois, a absoluta incapacidade do meu pai de querer bem a alguém, inclusive a mamãe. Em seguida, a curiosidade. E a oportunidade que aparece num momento de fraqueza. O colega de escola, aquele que você supõe amar, e que impele você a experimentar...

— Quanto tempo ficou na comunidade?

— Um ano inteiro. E Emilio foi me visitar três vezes, na primeira para me conhecer, acompanhado por papai, e, nas outras duas, sozinho.

— E depois?

— Fugi da comunidade. Peguei um trem e fui para Milão. Conheci diversos homens. Por fim, me juntei com um de quarenta anos. A polícia me prendeu duas vezes. Na primeira, me devolveram à minha cidade e a papai, porque eu era menor. Mas, se a convivência já era dramática antes, depois se tornou

impossível. Então, fui embora de novo. Voltei a Milão. Quando me prenderam pela segunda vez...

Ela se interrompeu, ficou pálida, voltou a tremer ligeiramente e engoliu em seco, sem falar.

— Já chega — disse Montalbano.

— Não. Quero lhe explicar por que eu... Na segunda vez, quando dois agentes me levavam de carro para o comissariado, propus a eles um trato. O senhor pode imaginar qual. No começo, fingiram não aceitar, "você tem de ir para o comissariado", repetiam. Continuei a implorar e, quando compreendi que eles estavam gostando de ser alvo das minhas súplicas porque podiam dispor de mim como quisessem, fiz uma cena, comecei a chorar, me ajoelhei ali mesmo, dentro do carro. Finalmente aceitaram, me levaram para um lugar isolado. Foi... terrível. Me usaram durante horas, como nunca me havia acontecido. Mas o pior foi o desprezo deles, a vontade sádica de me humilhar... No fim, um deles urinou no meu rosto.

— Por favor, chega — repetiu Montalbano em voz baixa.

Sentia uma profunda vergonha de ser homem. Sabia que a moça não estava inventando o que contava, infelizmente aquilo já havia acontecido em outros casos. Mas agora também compreendia por que, só de ouvir a palavra comissariado, Elena quase perdia os sentidos.

— Por que a polícia a detinha?

— Prostituição.

Ela falou com absoluta simplicidade, sem se encabular, sem constrangimento. Era uma coisa que havia feito, como tantas outras.

— Quando tínhamos pouco dinheiro — continuou —, meu companheiro me induzia a me prostituir. Com discrição, naturalmente. Não em plena rua. Mas aconteceram umas batidas policiais e me pegaram duas vezes.

— Como encontrou Emilio de novo?

Ela deu um sorrisinho que Montalbano não compreendeu logo.

— Comissário, neste ponto a história vira uma fotonovela, ou uma telenovela sobre bons sentimentos. Quer ouvir mesmo?

— Quero.

— Eu tinha voltado para a Sicília seis meses antes. Justamente naquele dia, havia completado vinte anos e entrei num supermercado na intenção de roubar alguma coisa para comemorar. Mas, assim que olhei ao redor, topei com o olhar de Emilio. Ele não me via desde os tempos da comunidade, mas me reconheceu de imediato. E, coisa estranha, também o reconheci. O que posso dizer? Daí em diante, ele não me largou mais. Fez com que eu me desintoxicasse, me tratasse.

Durante cinco anos, cuidou de mim com uma dedicação, um afeto que não sei expressar em palavras. Há quatro anos, me pediu em casamento. Foi isso.

Montalbano se levantou e guardou as cartas de volta no bolso.

— Preciso ir.

— Não pode ficar mais um pouco?

— Infelizmente, tenho um compromisso em Montelusa.

Elena se levantou, aproximou-se dele, inclinou ligeiramente a cabeça e por um instante pousou os lábios sobre os de Montalbano.

— Obrigada — disse.

Tinha acabado de entrar no comissariado quando o repentino urro de Catarella o paralisou.

— Dotor! Eu fodi eleeeeeeee!

— Quem você fodeu, Catarè?

— O guarda de passagem, dotor!

De pé, atrás do seu balcão, Catarella parecia um urso dançarino, saltitava de felicidade, ora sobre um pé, ora sobre outro.

— Achei a palavra! Escrevi ela e o guarda sumiu!

— Venha comigo.

— É pra já, imediatissimamente, dotor! Mas antes preciso imprimir os failes.

Melhor sair dali da recepção. As pessoas que entravam e saíam já olhavam os dois meio embasbacadas.

Antes de entrar em seu gabinete, Montalbano assomou a cara à porta do de Augello, que, estranhamente, se encontrava ali. Via-se que o neném estava bem.

— O que Liguori queria, hoje de manhã?

— Nos sensibilizar.

— Significando?

— Que devemos mirar mais alto.

— Ou seja?

— Que devemos entrar em profundidade.

Montalbano perdeu de uma vez a paciência.

— Mimì, se você não falar claro, sabe em que profundidade sua vou entrar?

— Salvo, parece que as altas esferas de Montelusa não estão contentes conosco, no que se refere à nossa contribuição para a luta contra o tráfico.

— Mas que história é essa? Se justamente no mês passado nós botamos em cana seis traficantes!

— Segundo eles, não basta. Liguori disse que estamos fazendo apenas pequena cabotagem.

— E qual seria a grande?

— Não nos limitarmos a prender casualmente algum traficante, mas agir segundo um plano preciso, naturalmente fornecido por ele, que possa levar à identificação dos atacadistas.

— Mas isso não é obrigação dele? Não é ele o chefe da antidroga? Por que vem encher o nosso saco? Ele que faça seu plano e, em vez de passá-lo para nós, que o ponha em prática com seus homens.

— Salvo, parece que, com base nas investigações dele, um dos atacadistas mais importantes se encontra aqui, em Vigàta. E ele quer nossa colaboração.

Montalbano ficou encarando Augello, pensativo.

— Mimì, essa história não me cheira bem. Precisamos conversar sobre isso, mas agora não tenho tempo. Quero ver uma coisa com Catarella e depois devo correr a Montelusa, o chefe me convocou.

Catarella o esperava diante da porta do gabinete, sempre gingando como um urso. Entrou depois de Montalbano e colocou sobre a mesa duas folhas impressas. O comissário olhou aquilo e não entendeu nada. Havia uma fileira de números de seis algarismos, escritos um acima do outro, e a cada número correspondia outro número:

213452 136000
431235 235000

e assim se seguia. Montalbano compreendeu que, para estudar a coisa, precisava se livrar de Catarella; aquela dança tribal o deixava nervoso.

— Ótimo! Parabéns, Catarella!

De urso, o outro se transformou em pavão: não tendo cauda para fazer a roda, levantou e estendeu os braços, abriu os dedos e girou sobre si mesmo.

— Como você encontrou a palavra de ordem?

— Ah, dotor, dotor! O morto me deu uma trabalheira, ele era esperto demais! A palavra era o nome dela da irmã dele o morto que se chamava-se Michela em união unida com o dia mês e ano de nascimento dela da irmã dele Michela do morto escrevido sem número, tudo letras.

Como, pelo contentamento de ter achado a solução, Catarella disse a frase toda num só fôlego, o comissário compreendeu, mal e mal, o mínimo suficiente.

— Ao que me lembre, você disse que lhe seriam necessárias três *passwords*...

— Pois é, dotor. O trabalho é continuativo.

— Tudo bem, vá continuar. E, mais uma vez, obrigado.

Visivelmente, Catarella balançou.

— Ficou tonto?

— Um pouquinho, dotor.

— Está se sentindo bem?

— Estou.

— Então, por que ficou tonto?

— Porque vossenhoria me disse obrigado, dotor.

Saiu da sala parecendo bêbado. Montalbano deu mais uma olhada nas duas folhas. Mas, como já era hora de sair para Montelusa, meteu-as no bolso, onde já estava o livrinho das canções. Que era, isso ele podia jurar, o código para entender alguma coisa de todos aqueles números.

— Meu prezado! Como vai, como vai? Em casa, todos bem?

— Muitíssimo bem, doutor Lattes.

— Fique à vontade.

— Obrigado, doutor.

Montalbano se sentou. Lattes olhou para ele e ele olhou para Lattes. Lattes lhe sorriu e ele também.

— A que devemos o prazer da sua visita?

O queixo de Montalbano caiu.

— Na verdade, eu tinha... o senhor chefe me...

— Veio por causa da convocação? — perguntou Lattes, espantado.

— Pois é, vim.

— Mas como? O telefonista de lá, Cavarella...

— Catarella.

— Não o avisou? Telefonei no final da manhã para lhe informar que o senhor chefe de polícia teve de partir para Palermo e o espera amanhã, neste mesmo horário.

— Não, não fui avisado.

— Mas isso é gravíssimo! Tome providências!

— Vou tomar, doutor, não tenha dúvida.

Que merda de providências ele iria tomar com Catarella? Seria o mesmo que ensinar um caranguejo a caminhar em linha reta.

Já que se encontrava em Montelusa, resolveu ir encontrar seu amigo Nicolò Zito. Estacionou diante do prédio da Retelibera e, assim que entrou, a secretária lhe disse que Zito estaria livre por quinze minutos, antes de entrar no ar com o noticiário.

— Faz tempo que você não aparece — reclamou Nicolò.

— Desculpe, mas andei ocupado.

— Posso lhe ser útil em alguma coisa?

— Não, Nicolò. Eu simplesmente queria ver você.

— Me diga uma coisa: você está ajudando Giacovazzo na investigação sobre o assassinato de Angelo Pardo?

O chefe do Grupamento Móvel tinha feito a gentileza de não desmentir que estava encarregado da investigação, e com isso poupado Montalbano de ser assediado pelos jornalistas. Mas doeu ao comissário ter de pregar uma mentira ao amigo.

— Nenhuma ajuda, você sabe como é Giacovazzo. Por que a pergunta?

— Porque de Giacovazzo não se arranca uma só palavra, nem com tenazes.

Claro, o chefe do Grupamento Móvel não falava com os jornalistas porque não tinha nada para falar.

— No entanto — continuou Zito —, acho que, considerando o que vem acontecendo, ele já deve fazer uma ideia do que houve.

— E o que vem acontecendo?

— Você não lê os jornais?

— Nem sempre.

— Uma investigação em toda a Itália pôs sob acusação quatro mil e tantos médicos e farmacêuticos.

— Sim, mas o que tem a ver?

— Salvo, raciocine! Qual era o trabalho do ex-doutor Angelo Pardo?

— Informante médico-científico.

— Pois é. E, de fato, a acusação aos médicos e farmacêuticos é de compadrio.

— Ou seja?

— Ou seja, eles se deixavam corromper por alguns informantes médico-científicos. Em troca de dinheiro ou de outras vantagens, esses médicos e farmacêuticos escolhiam e prescreviam os remédios indicados pelos informantes. E, quando isso acontecia, eram generosamente recompensados. Entendeu o mecanismo?

— Entendi. Os informantes não se limitavam a informar.

— Exato. Claro que nem todos os médicos são corruptos e nem todos os informantes são corruptores, mas o fenômeno se revelou bastante vasto. E, naturalmente, estão envolvidos laboratórios poderosíssimos.

— E você acha que Pardo pode ter sido morto por causa disso?

— Salvo, você se dá conta dos interesses que estão por trás de um negócio como esse? Seja como for, não acho nada. Digo apenas que esse poderia ser um

aspecto que merece ser aprofundado.

No final das contas, considerou o comissário, enquanto voltava para Vigàta a dez quilômetros por hora, a ida a Montelusa não tinha sido inútil. A sugestão de Nicolò era um caminho no qual ele não tinha sequer pensado e que, no entanto, devia ser levado em consideração. Mas como proceder? Abrir a agenda grande de Angelo, aquela onde estavam escritos nomes, endereços e telefones de médicos e farmacêuticos, levantar o fone e começar a perguntar: "Desculpe, o senhor por acaso se deixou corromper pelo informante médico-científico Angelo Pardo?"

Seguramente, esse modo de proceder não daria resultados. Talvez fosse preciso pedir uma mãozinha a quem entendia desse tipo de investigação.

Assim que chegou ao comissariado, telefonou ao comando da Polícia Fiscal de Montelusa.

— Aqui é o comissário Montalbano. Queria falar com o capitão Aliotta.

— O major. Vou passar para o ramal dele.

Via-se que Aliotta havia sido promovido.

— Meu caro Montalbano!

— Parabéns, não sabia da promoção.

— Obrigado. Já faz um ano.

Reprovação implícita: faz um ano que você não se manifesta, seu corno.

— Queria saber se o tenente Laganà ainda está em serviço.

— Por mais um pouco.

— Como, tempos atrás, o tenente me deu uma grande ajuda, eu queria perguntar se ele ainda poderia, naturalmente com a sua permissão...

— Claro. Ele vai ficar contentíssimo. Vou passar a ligação.

— Laganà? Tudo bem? Teria uma meia horinha para mim? Sim? O senhor não sabe o quanto lhe agradeço. Não, não posso ir vê-lo agora em Montelusa. Amanhã, ali pelas dezoito e trinta, pode ser?

Mal desligou, e Mimì Augello veio entrando, de cara sombria.

— O que você tem?

— Beba me ligou, Salvuccio parece um pouquinho agitado.

— Sabe de uma coisa, Mimì? Os agitados são você e Beba, e de tanto se agitarem vão enlouquecer essa criança. No aniversário dele, deem de presente uma camisa de força bem pequenininha, feita sob medida, assim ele já vai se acostumando desde cedo.

Mimì não gostou da brincadeira. De sombria que estava, sua cara ficou decididamente negra.

— Vamos mudar de assunto, certo? O que o chefe de polícia queria?

— Não nos encontramos, ele teve de ir a Palermo.

— Me explique melhor a história de que a vinda de Liguori aqui lhe cheira mal, não o convence.

— Fica difícil explicar uma sensação.

— Tente.

— Mimì, Liguori corre a nos procurar logo depois que o senador Nicotra morre em Vigàta, de droga, mas não convém espalhar. Até você pensou isso, creio. Antes de Nicotra, morreram outros dois, mas eles só se precipitam para cá após a morte do senador. A pergunta é: com que objetivo?

— Não entendi — fez Augello, confuso.

— Vou ser mais claro. Eles querem descobrir quem vendeu ao senador o pó, digamos avariado, para evitar que outros, do mesmo nível do senador, gente tão importante quanto ele, tenham o mesmo fim. Está claro que foram pressionados.

— E você não acha que eles fazem bem?

— Muitíssimo bem. Só que há um problema.

— Qual?

— Oficialmente, Nicotra morreu de causas naturais. Portanto, quem lhe vendeu o pó não é responsável pela sua morte. Mas se prendermos esse indivíduo, vem à tona que ele vendia a droga não só ao senador, mas também a muitos outros amiguinhos do senador, políticos, empresários, gente de altos cargos. Um escândalo. Um grande tumulto.

— E então?

— Então, quando o prendermos e a encrenca for divulgada, também nos ferramos. Porque nós é que teremos detido o cara, e não Liguori e companhia. Então, vai aparecer um para dizer que poderíamos ter agido com mais prudência, outros nos acusarão de sermos como os juízes de Milão, todos uns comunistas que queriam destruir o sistema... Em resumo, o chefe de polícia e Liguori tiram o cu da reta, mas no nosso vão abrir um verdadeiro túnel, do tamanho do Sempione.

— O que devemos fazer, então?

— Devemos? Mimì, Liguori falou foi com você, que é o astro emergente do comissariado. Não tenho nada a ver com isso.

— Tudo bem. O que devo fazer?

— Atenha-se à melhor tradição.

— Como assim?

— Confronto a tiros. Vocês estavam prestes a fazer a prisão, o sujeito abriu fogo, vocês reagiram e foram obrigados a matá-lo.

— Ora, que conversa!

— Por quê?

— Antes de mais nada, porque agir assim não é comigo. Em segundo lugar, porque nunca se viu um traficante, nem mesmo um atacadista, que tenta se livrar da detenção começando a atirar.

— Tem razão. Nesse caso, sempre segundo a tradição, você o prende mas não o leva logo ao juiz. Discretamente, espalha que ele vai ficar aqui por dois dias. Na manhã do terceiro dia, manda transferi-lo para a prisão. Enquanto isso, aquela turma terá tido bastante tempo para se organizar, e você não precisa fazer mais nada, é só esperar.

— Mas esperar o quê?

— Que, na prisão, sirvam a ele um café. Um bom café. Como o de Pisciotta ou de Sindona.[4] E, assim, obviamente o preso já não poderá revelar a lista dos seus clientes. E todos viverão felizes e contentes. Entrou por uma porta, saiu por outra, quem quiser que conte outra.

Mimì, que até esse momento havia ficado de pé, sentou-se bruscamente.

— Bom, vamos pensar um pouco.

— Agora, não. Pense você, hoje à noite. Até porque Salvuccio vai mantê-lo acordado. Voltaremos a falar disso amanhã de manhã, de cabeça fresca. É melhor. Agora saia, preciso dar um telefonema.

Augello saiu, incerto e aturdido.

— Senhorita Michela? Montalbano. Vou incomodá-la, se passar pela sua casa dentro de cinco minutos? Não, nenhuma novidade. É só para... Tudo bem, daqui a quinze minutos estarei aí.

Capítulo 10

Interfonou, entrou, subiu. Michela o esperava à porta. Estava vestida como no dia em que Montalbano a conhecera.

— Boa noite, comissário. O senhor tinha dito que hoje não poderia vir aqui, não foi?

— É verdade. Mas o encontro com o chefe de polícia não aconteceu, e então...

Por que não o convidava a entrar?

— Sua mãe, como está?

— Melhor, considerando-se a situação. Tanto que minha tia conseguiu convencê-la a ir dormir na casa dela.

Não se decidia a fazê-lo entrar.

— Eu queria lhe dizer que uma amiga minha, sabendo que eu estava sozinha, veio me ver. Está aqui. Posso mandá-la embora, se o senhor quiser. Mas, como não tenho nada a esconder, pode agir como se ela não estivesse.

— Está dizendo que posso falar abertamente diante dessa sua amiga?

— Exato.

— Então, por mim não há problema.

Só então Michela se afastou para deixá-lo passar. A primeira coisa que o comissário viu, ao entrar na sala, foi uma grande massa de cabelos vermelhos.

"Paola, a ruiva!", pensou ele, a amante de Angelo suplantada por Elena.

Olhando bem, percebia-se que Paola Torrisi-Blanco era quarentona, mas, à primeira vista, podia-se tranquilamente reduzir sua idade em uns dez anos. Bela mulher, sem dúvida, e demonstrava que Angelo gostava daquelas de primeira qualidade.

— Se eu estiver atrapalhando... — disse Paola, levantando-se e estendendo a mão ao comissário.

— Não, por favor! — respondeu Montalbano, cerimonioso. — Estando aqui, a senhorita inclusive me poupa uma viagem a Montelusa.

— Ah, é? Por quê?

— Porque eu tinha pensado em trocarmos duas palavrinhas.

Sentaram-se os três, entre mútuos sorrisos de cumprimento. Uma bela reunião entre amigos. Passado o tempo justo, o comissário começou por Michela.

— Como foi, lá com o juiz Tommaseo?

— Nem me fale! Aquele homem é um... só tem uma coisa na cabeça... faz cada pergunta... é embaraçoso.

— O que ele lhe perguntou? — quis saber Paola, maliciosa.

— Depois eu conto — disse Michela.

Montalbano imaginou a cena. Tommaseo perdido dentro dos olhos-mar de Michela, corado, respiração curta, tentando imaginar a forma dos seios dela sob o vestido de penitente, e perguntando: "A senhorita faz alguma ideia de por que seu irmão estava com aquilo completamente de fora, quando o mataram?"

— Tommaseo lhe disse quando pode ser o enterro?

— Não antes de três dias. Alguma novidade?

— Na investigação? No momento está tudo parado. E vim procurá-la para tentar avançar um pouco mais.

— À sua disposição.

— Certamente está lembrada de que, quando lhe perguntei quanto seu irmão ganhava, a senhorita respondeu que ele trazia para casa o necessário para manter decentemente três pessoas e dois apartamentos. É isso mesmo?

— Sim.

— Poderia ser mais precisa?

— Não é fácil, comissário. Não se tratava de renda fixa, de salário mensal. Variava. Ele recebia um mínimo garantido, o reembolso das despesas e uma comissão sobre o valor dos produtos que conseguia colocar. Sem dúvida, o que incidia consideravelmente, e de modo positivo, era justamente essa comissão. De vez em quando, também havia prêmios por produção. Mas eu não saberia traduzir tudo isso em cifras.

— Devo lhe fazer uma pergunta delicada. A senhorita me disse que Angelo dava presentes muito caros a Elena. Tive a confirmação disso por...

— Pela puta? — concluiu Michela.

— Que é isso! — fez Paola, rindo.

— Por que eu não deveria chamá-la assim?

— Não creio que seja o caso.

— Mas se por um certo período ela realmente se prostituiu! Comissário, quando Elena, ainda menor de idade, fugiu para Milão...

— Sei de tudo — cortou Montalbano.

Mesmo que Elena tivesse confidenciado a Angelo seus percalços juvenis, dificilmente Angelo os teria transmitido à irmã. Era claro que Michela fora capaz de recorrer a alguma agência para obter informações sobre a amante do irmão.

— A mim, no entanto, ele nunca deu um presente — comentou Paola a essa altura. — Ou melhor, não. Uma vez me deu uns brincos comprados num camelô, em Fela. Três mil liras, me lembro bem, ainda não existia o euro.

— Voltemos ao assunto que me interessa — disse Montalbano. — Para dar esses presentes a Elena, Angelo sacava o dinheiro daquela conta conjunta?

— Não — respondeu Michela, decidida.

— Então, de onde ele tirava?

— Quando recebia gratificações ou prêmios de produção, em cheque, ele o descontava e guardava o dinheiro em casa. Assim que atingia um certo total, comprava um presente para aquela...

— Portanto, a senhorita exclui que ele tivesse uma conta pessoal em algum banco, sem o seu conhecimento?

— Excluo.

Rápida, firme, decidida. Talvez rápida demais, firme demais, decidida demais.

Seria possível que ela nunca tivesse tido a mínima dúvida? Talvez tivesse, claro. Mas como isso poderia despertar alguma suspeita, alguma sombra sobre seu irmão, era melhor negar.

Montalbano iniciou uma tentativa de cerco àquela posição fortificada. Virou-se para Paola.

— A senhorita acaba de me dizer que Angelo lhe comprou uns brincos em Fela. Como assim, em Fela? Por acaso o acompanhou até lá?

Paola deu um sorrisinho.

— Ao contrário do que fazia com Elena, ele muitas vezes me levava junto em suas circuladas pela província.

— Por aquela lá, ele não se fazia acompanhar porque era ela que o seguia! — explodiu Michela.

— Naturalmente, se eu estivesse livre dos meus compromissos na escola — concluiu Paola.

— Chegou a vê-lo entrar em algum banco?

— Que me lembre, não.

— Ele tinha relações de amizade com algum dos médicos ou farmacêuticos que visitava?

— Não entendi.

— Entre os, digamos assim, clientes, havia algum com quem ele mantivesse relações mais amigáveis?

— Sabe como é, comissário, não conheci todos. Ele me apresentava como sua noiva. E, em certo sentido, era verdade. Mas minha impressão era de que tratava todos da mesma maneira.

— Quando ele a levava nessas viagens, a senhorita assistia a todos os encontros?

— Não. Às vezes ele me deixava no carro ou me sugeria dar um passeio.

— Explicava o motivo?

— Ah, fazia umas brincadeiras. Dizia que iria encontrar um doutor jovem e bonito, e então temia que... ou então me explicava que se tratava de um médico supercatólico e carola, que não aprovaria minha presença...

— Comissário — interveio Michela —, meu irmão diferenciava claramente os amigos e as pessoas com quem fazia negócios. Não sei se o senhor notou que na gaveta ele tinha duas agendas, uma com os endereços dos amigos e familiares, e outra...

— Sim, notei — disse Montalbano. E continuou, sempre se dirigindo a Paola: — A senhorita ensina no liceu de Montelusa, não é?

— Sim. Italiano.

Ela deu outro sorrisinho.

— Entendo aonde o senhor quer chegar. Emilio Sclafani não é só meu colega. Em certo sentido, somos amigos. Uma vez, convidei Emilio e sua jovem esposa para jantar. Angelo também estava. Foi então que tudo começou entre os dois.

— Elena me disse que o marido sabia de tudo sobre a relação dela com Angelo. A senhorita poderia confirmar?

— É isto mesmo. Tanto que aconteceu uma coisa absurda.

— Como assim?

— Vim a saber pelo próprio Emilio que Angelo tinha se tornado amante de Elena. Ela mesma havia contado, poucas horas antes. Eu não quis acreditar, achei que Emilio queria me pregar uma peça imbecil. No dia seguinte, Angelo me telefonou e disse que, por algum tempo, não poderíamos nos ver. Então explodi e repeti a ele o que Emilio tinha contado. Ele confirmou, gaguejando, e suplicou que eu tivesse paciência, era apenas uma derrapada... Mas fui irredutível. E aí acabou-se minha história com ele.

— Não se viram mais?

— Não. Nem sequer voltamos a nos falar.

— A senhorita manteve a amizade com o professor Sclafani?

— Sim. Só que não o convidei mais para jantar.

— Chegou a revê-lo, depois da morte de Angelo?

— Sim. Inclusive hoje de manhã.

— Como ele estava?

— Perturbado.

Montalbano não esperava uma resposta tão pronta.

— Em que sentido?

— Comissário, não imagine coisas equivocadas. Emilio está perturbado porque sua mulher perdeu o amante, só isso. Talvez Elena tenha comentado com ele o quanto gostava de Angelo, o quanto era ciumenta...

— Quem lhe disse que ela era ciumenta? O professor?

— Emilio nunca me falou dos sentimentos de Elena em relação a Angelo.

— Fui eu — interveio Michela.

— Ela até me fez uma espécie de resumo das cartas de Elena — acrescentou Paola.

— A propósito, o senhor as encontrou? — perguntou Michela.

— Não — disse Montalbano, mentindo descaradamente.

Sobre esse assunto, ele intuía, por instinto, assim no faro, que quanto mais turvasse a água, melhor seria.

— Seguramente, ela sumiu com as cartas — disse Michela, convicta.

— Para quê? — quis saber o comissário.

— Como assim, para quê? — reagiu Michela. — Aquelas cartas podem constituir uma prova contra ela!

— Mas veja bem — disse Montalbano, com cara de anjinho inocente. — Elena admitiu que as escreveu. Inclusive as expressões de ciúme e as ameaças de morte. Se ela admite isso, que razão teria para sumir com as cartas?

— Então, o que o senhor está esperando? — interpelou Michela, exibindo a voz especial, aquela de lixa.

— Para fazer o quê?

— Para prendê-la!

— Há um problema. Elena diz que escreveu as cartas quase sob ditado.

— De quem?

— De Angelo.

As duas mulheres tiveram reações completamente diferentes.

— Galinha! Infame! Mentirosa! — gritou Michela, saltando de pé.

Paola, ao contrário, afundou ainda mais na poltrona.

— E qual era a vantagem, para Angelo, de mandar escrever para si mesmo essas cartas ciumentas? — perguntou, mais curiosa do que confusa.

— Isso nem mesmo Elena soube me explicar — disse Montalbano, pregando outra mentira.

— Não soube explicar porque isso não é verdade! — quase berrou Michela.

Da lixa, ela estava passando perigosamente ao emprego das duas pedras de moinho. Montalbano, que não sentia a mínima vontade de assistir a outra cena de tragédia grega, achou que, por aquela noite, já podia se dar por satisfeito.

— Preparou os endereços? — perguntou ele a Michela.

A mulher o encarou, surpresa.

— Lembra? As duas mulheres, acho que uma se chamava Stella...

— Ah, sim. Um momento.

Ela saiu da sala.

E então Paola, inclinando-se ligeiramente para a frente, disse baixinho:

— Preciso falar com o senhor. Pode telefonar para minha casa amanhã de manhã, quando não tenho aula? Meu número está no catálogo.

Michela voltou com um papel e o estendeu ao comissário.

— A lista dos ex-amores de Angelo.

— Tem alguma que não conheço? — perguntou Paola.

— Creio que Angelo não lhe escondeu nada de sua história amorosa.

Montalbano se levantou. Passaram às calorosas despedidas.

Havia baixado uma tal umidade que não dava para continuar na varanda, embora esta fosse coberta. O comissário entrou e sentou-se à mesa. Até porque, lá fora ou cá dentro, seu cérebro funcionava do mesmo jeito. De fato, fazia meia hora em que dentro dele se desenvolvia um animado debate, centrado no tema:

"No decorrer de uma investigação, um verdadeiro policial deve ou não tomar notas?"

Ele, por exemplo, jamais havia feito isso. E mais: não gostava dos que o faziam, e que eram até melhores policiais do que ele.

Isso, no passado. Porque agora, já há algum tempo, sentia necessidade de anotar. E por que sentia essa necessidade? Elementar, meu caro Watson. Porque havia constatado que começava a esquecer algumas coisas importantes. Ai, meu amigo, egrégio comissário, chegamos às *cinco de la tarde,* ao ponto doloroso da história toda. A pessoa começa a esquecer as coisas quando o peso da idade começa a se fazer sentir. O que dizia sobre isso um poeta?

> *Come pesa la neve sopra ai rami,*
> *come pesano gli anni sulle spalle che ami (...)*
> *gli anni della giovinezza sono anni lontani.*[5]

Talvez fosse mais correto mudar ligeiramente o título do debate:

"No decorrer de uma investigação, um *velho* policial deve ou não tomar notas?"

Levando em conta a velhice, o fato de tomar notas pareceu a Montalbano menos vexaminoso. Mas isso vinha a significar uma rendição incondicional à

idade avançada. Ele tinha de achar uma solução de compromisso. Então, teve um estalo. Pegou papel e caneta e escreveu uma carta para si mesmo.

Caro comissário Montalbano,

sei que neste momento lhe giram vertiginosamente os colhões em virtude de fatos inteiramente pessoais resultantes da ideia da velhice que teimosamente bate à sua porta, mas tenho o prazer de, com a presente, chamá-lo aos seus deveres submetendo-lhe algumas observações relativas à investigação em curso sobre o homicídio de Angelo Pardo.

Primeira. Quem era Angelo Pardo?

Ex-médico expulso da Ordem por causa de um aborto praticado numa jovem por ele engravidada (*falar sem falta com Teresa Cacciatore, que mora em Palermo*).

Começa então a trabalhar como informante médico-científico, ganhando muito acima do que afirma a irmã: à última amante, Elena Sclafani, dá presentes bastante caros.

É muito provável que tivesse conta corrente num banco que não se consegue identificar.

Possuía certamente um cofre portátil, não muito pequeno, que não foi encontrado.

Foi assassinado por um tiro na face (*isso significa alguma coisa?*).

Além disso, no momento da morte, estava com o pinto de fora (*e isso seguramente significa alguma coisa, mas o quê?*).

Possíveis motivos do homicídio:

a) histórias de mulheres;

b) sujo tráfico de compadrio, hipótese não desprezível formulada por Nicolò (*a verificar com o tenente Laganà*).

Adota seguramente um código (*para quê?*).

Tem três arquivos protegidos por senha. O primeiro, que Catarella conseguiu abrir, está todo em código.

Isso significa que Angelo Pardo tinha alguma coisa a ocultar cuidadosamente.

Por último: por que as três cartas de Elena foram escondidas embaixo do tapetinho do porta-malas da Mercedes? (*sinto que este é um ponto de certa importância, mas não sei explicar por quê*).

Peço-lhe que me desculpe, caro comissário, se este paragrafozinho dedicado ao morto ficou meio desorganizado, mas estou redigindo as coisas à medida que elas me vêm à cabeça, e não seguindo uma linha lógica.

Segunda observação. Elena Sclafani.

O senhor, naturalmente, deve ter se perguntado por que escrevo o nome de Elena Sclafani em segundo lugar. Sei muito bem, meu prezado, que o senhor sentiu por ela, digamos assim, uma certa queda. É bonita (lindíssima, concordo, aceito plenamente sua correção), e o senhor faria qualquer coisa para não colocá-la no alto da lista de suspeitos. Gostou da sinceridade com que ela fala de si, mas será que em nenhum momento lhe ocorreu que às vezes a sinceridade é um método destinado a tornar mais distante a descoberta da verdade, exatamente como o método aparentemente oposto, ou seja, a mentira? Acha que estou fazendo filosofia?

Então, serei brutalmente um tira.

É indubitável que existem cartas nas quais Elena, por ciúme, ameaça de morte seu amante.

Elena afirma que essas cartas lhe foram ditadas por Angelo. Mas não há prova do que ela diz, são apenas afirmações que fogem a qualquer possibilidade de verificação. E as explicações que dá sobre o motivo pelo qual Angelo a levou a escrevê-las são muito, confesse, caro senhor comissário, muito inconsistentes.

Para a noite do homicídio, Elena não tem um álibi. (*Atenção: o senhor teve a impressão de que ela estava escondendo alguma coisa, não esqueça!*) Diz que saiu por aí de carro, sem um destino preciso, com o único objetivo de provar a si mesma que podia dispensar Angelo. O senhor acha pouco importante essa falta de álibi, justamente naquela noite?

Sobre o ciúme cego de Elena, afora as cartas, há também o testemunho de Michela. Testemunho discutível, admito, mas que, diante do juiz, teria um certo peso.

Quer que eu lhe esboce um roteiro, caro comissário, que certamente irá desagradá-lo? Por um instante, me deixe assumir as vestes do juiz Tommaseo.

Já segura de que Angelo a trai, louca de ciúme, naquela noite Elena se arma, onde e como obtém a arma apuraremos depois, e se esconde nas proximidades da casa de Angelo. Antes, porém, telefonou ao amante dizendo que não pode ir vê-lo. Angelo cai na armadilha, chama a outra mulher e a leva, por segurança, para o quarto do terraço. Por motivos que talvez venhamos a descobrir, ou talvez não, os dois não fazem amor. Mas isso Elena não sabe. De todo modo, não importa, em certo sentido. Quando a mulher vai embora, Elena entra no prédio, sobe até o quarto do terraço, discute ou não com Angelo, e lhe dá um tiro. E então, como último ultraje, baixa o zíper dos jeans dele e traz à luz o objeto, digamos assim, da disputa.

Sei muito bem que essa reconstituição não se sustenta. Mas o senhor não acha que Tommaseo vai mergulhar nela até o pescoço? Numa história assim, aquele lá se atola com cavalo, carroça e tudo.

Vejo que sua Elena está bem complicada, egrégio.

E, me permita, o senhor não está fazendo seu dever, que seria contar ao juiz como estão as coisas. E o pior, considerando que me encontro na infeliz circunstância de conhecê-lo muitíssimo bem, é que não tem a mínima intenção de fazer esse seu dever.

Portanto, só posso constatar seu deplorável e parcial modo de agir.

Não lhe resta outro caminho a não ser descobrir, o mais rápido possível, o que representa o código contido no livrinho das canzonetas, a que se refere esse código e que merda vem a significar o primeiro arquivo aberto por Catarella.

Terceira observação. Michela Pardo.

Apesar da evidente inclinação que essa mulher manifesta pela tragédia grega, até o momento o senhor não a considera capaz de fraticídio. Mas está fora de dúvida que Michela se dispõe a tudo para evitar que o nome do irmão seja manchado. E, certamente, sabe muito mais sobre os tráficos de Angelo do que aquilo que diz. Além disso, meu ilustre amigo, o senhor desconfia que Michela, aproveitando-se da sua ingenuidade, deu sumiço a alguma coisa que talvez fosse decisiva para a investigação.

Vou parar por aqui.

Queira aceitar, ilustre comissário, meus melhores votos de sucesso, e creia-me

Seu devotadíssimo,

SALVO MONTALBANO

Capítulo 11

Na manhã seguinte o despertador tocou e Montalbano acordou, mas, em vez de se levantar correndo para evitar os maus pensamentos de velhice, decrepitude, Alzheimer e morte, continuou deitado.

Havia lhe ocorrido a figura do exímio professor Emilio Sclafani, que ele ainda não tivera o prazer de conhecer pessoalmente, mas que valia uma reflexãozinha. Pois é, o professor seguramente merecia um pouco de consideração.

Primeiro, porque era um impotente encasquetado em se casar com jovenzinhas, não importava se virgens ou não, mas que, de todo modo, podiam ser filhas suas. As duas esposas tinham uma coisa em comum, ou seja, que o encontro com o professor significava para elas a chance de sair de situações no mínimo difíceis: a primeira pertencia a uma família de mortos de fome, a segunda estava se destruindo num poço escuro de droga e prostituição. Ao desposá-las, o professor, de saída, garantia a gratidão delas. Vamos adotar as palavras certas ou não? O professor fazia com essas moças uma espécie de chantagem indireta: salvava-as da pobreza ou da marginalidade desde que ficassem com ele, mesmo sabendo do seu problema. Bondade e compreensão, como dizia Elena? Pois sim!

Segundo, o fato de ter sido ele a indicar com qual homem a primeira mulher podia satisfazer suas naturais necessidades de jovenzinha não era, de jeito nenhum, sinal de generosidade: era, ao contrário, um modo refinado de mantê-la com a trela ainda mais curta. Além disso, era um modo de cumprir o dever conjugal, como se costuma dizer, mediante interposta pessoa por ele escolhida para tal fim. Ainda por cima, a mulher devia avisá-lo de todo encontro com o amante e até contar tudo em detalhes, depois do acontecido. Tanto é que, quando o professor descobrira um encontro do qual não havia sido informado, a coisa acabara mal.

À segunda mulher, depois da experiência com a primeira, o professor havia concedido liberdade de escolha masculina, mantendo-se, no entanto, a obrigação da comunicação prévia dos dias e dos horários de acasalamento (e se podia chamar a coisa de outro jeito?).

Mas por que o emérito professor, conhecendo a total deficiência da sua natureza, quisera se casar duas vezes?

Na primeira, talvez tivesse acreditado que podia acontecer um milagre, para usar as palavras de Elena, e estava explicado. Mas e na segunda? Como era que não havia percebido que o milagre não viria? Por que não se casara, digamos, com uma viúva de certa idade, com os sentidos já abundantemente aplacados? Precisava ter ao seu lado, na cama, o cheiro de carne jovem? Quem ele achava que era, Mao Tse-Tung?

E também, da conversa da noite anterior com Paola a ruiva (a propósito, não esqueça o pedido de telefonar para ela), emergia uma contradição que talvez fosse importante, talvez não. Esta: Elena garantira que jamais quisera ir ao cinema ou a um restaurante com Angelo, a fim de não dar às pessoas motivo de rir de Emilio pelas costas, ao passo que Paola dissera que o próprio professor lhe contara sobre a relação entre sua mulher e Angelo. Ou seja: enquanto a mulher fazia de tudo para que os chifres que botava no marido não viessem ao conhecimento geral, o marido não hesitava em divulgar que a mulher lhe botava chifres.

Além disso, o professor, segundo Paola, parecera perturbado pela morte violenta do amante da esposa. Ora, que diabo era isso?

Montalbano se levantou finalmente, bebeu seu café, tomou banho e fez a barba, mas, quando estava pronto para sair, veio-lhe um ataque de preguiça. De repente perdeu a vontade de ir para o comissariado, de ver gente, de falar.

Debruçou-se na varanda: o dia parecia feito de porcelana. Então tomou a decisão que todo o seu corpo lhe ditava.

— Catarella? Montalbano. Hoje vou chegar mais tarde.

— Dotor, ah dotor, eu queria lhe dizer...

Montalbano desligou, pegou as duas folhas que Catarella havia imprimido e o livrinho das cançonetas e foi colocá-los sobre a mesinha da varanda.

Entrou de novo, consultou o catálogo, achou o número que procurava e o discou. Enquanto o telefone tocava, olhou o relógio: nove, hora certa para chamar uma professora que não foi à escola.

O telefone tocou um tempão, sem resposta, e Montalbano já estava perdendo a esperança quando sentiu que, do outro lado, alguém levantava o fone.

— Alô? — disse uma voz masculina, levemente irritada.

— Aqui é o comissário Montalbano. Eu queria...

— Falar com Paola?

— Sim, se não for...

— Vou chamar.

Passaram-se três minutos de silêncio.

— Alô? — disse uma voz feminina que o comissário não reconheceu.

— É a professora Paola Torrisi? — arriscou ele, duvidoso.

— Sim, comissário, sou eu. Obrigada por ligar.

Mas não era a voz da noite anterior! Esta era um pouquinho rouca, baixa, sensual, uma voz de quem... E de repente ele compreendeu que, talvez, nove da manhã não fosse a hora certa para uma professora que naquele dia, não tendo de ir à escola, se ocupava de outra coisa.

— Desculpe se incomodei...

Risadinha dela.

— Não chega a ser grave. Eu queria lhe contar uma coisa. Mas, por telefone, não dá. Podemos nos encontrar? Posso dar uma passada no comissariado.

— Agora cedo não vou estar lá. Podemos nos encontrar no final da manhã, aí em Montelusa. Diga onde.

Combinaram se ver num café que ficava na Passeggiata. Ao meio-dia. Assim, a professora podia acabar com calma aquilo que havia começado a fazer quando o telefonema a interrompera. E até se conceder um bis.

E, já que estava com a mão na massa, ele decidiu enfrentar o doutor Pasquano. Melhor por telefone do que pessoalmente.

— Doutor, o que me conta?

— O que preferir. Chapeuzinho Vermelho ou Branca de Neve e os Sete Anões.

— Não, doutor, eu me referia...

— Eu sei a que o senhor se referia. Já comuniquei a Tommaseo que já fiz o que devia fazer e que amanhã ele recebe o laudo.

— E eu?

— Peça uma cópia a Tommaseo.

— Mas será que eu não poderia saber...

— Saber o quê? Já não sabe que ele levou um tiro nas fuças, a curta distância? Ou quer que eu adote termos técnicos, dos quais o senhor não entende porra nenhuma? Além disso, já não lhe disse que, mesmo estando com o pinto de fora, ele não o tinha usado?

— Encontrou o projétil?

— Sim. E mandei para a perícia. Penetrou pelo olho esquerdo, fez uma devastação.

— Mais nada?

— Se eu lhe disser, promete que não me torra o saco durante pelo menos dez dias?

— Juro.

— Bem, não o mataram logo.

— Como assim?

— Meteram na boca dele um lenço grande ou um pedaço de pano, para impedi-lo de gritar. Encontrei fios de um tecido branco presos entre os dentes. Mandei para a perícia. E, depois de atirarem, removeram o pano e levaram.

— Posso fazer uma pergunta?

— A última.

— Por que o senhor falou no plural? Acha que o assassino não estava sozinho?

— Quer mesmo saber? Para confundir suas ideias, meu prezado.

Era pérfido, o doutor Pasquano, e se divertia com isso.

Mas aquilo do pano socado à força dentro da boca de Angelo não era coisa de pouca monta.

Vinha a significar que o crime não havia sido cometido por impulso. Chego, meto-lhe um tiro e me mando. E boa noite.

Não. Quem fora ao encontro de Angelo tinha perguntas a lhe fazer, queria saber dele alguma coisa. Precisava dispor de um certo tempo. Por isso, deixara-o em condições de escutar o que lhe dizia ou perguntava, tiraria o pano da sua boca somente quando Angelo se dispusesse a responder.

E talvez Angelo tivesse respondido, mas fora assassinado do mesmo jeito. Ou talvez não quisesse ou não pudesse responder, e por isso tinha sido morto. Mas por que, nesse caso, o assassino não lhe deixara o pano dentro da boca? Para induzir a polícia a uma pista menos precisa? Ou melhor, para tentar criar uma falsa pista de crime passional, que, embora avalizada pelo passarinho fora da gaiola, viria a ser desmentida se o pano fosse achado em sua boca? Ou será que aquele pedaço de pano não era bem um simples pedaço de pano? Será que se tratava de um lenço com monograma bordado, que poderia levar ao nome e ao sobrenome do assassino?

Montalbano desistiu de ir adiante e saiu para a varanda.

Sentou-se e olhou desconsolado os dois papéis impressos por Catarella. Em matéria de números, nunca entendera porcaria nenhuma. No liceu, recordou, quando seus colegas já se ocupavam de acisas, não, espere aí, acisas são outra coisa, impostos sobre a gasolina, se não me engano, então como se chamavam? Abscissas, é isso, quando seus colegas já se ocupavam de abscissas e coordenadas, ele ainda enfrentava dificuldades com a tabuada de 8.

Na primeira folha, à esquerda, havia uma coluna de 38 números à qual correspondia, à direita, uma segunda coluna de 38 números.

Na segunda folha, os números à esquerda eram 32, assim como 32 eram os escritos à direita. Se a matemática não era uma opinião, somando-se os números das duas folhas chegava-se a um total de 70. E à direita também se chegava a 70.

Montalbano se congratulou, embora devendo admitir, a contragosto, que até um garotinho do terceiro ano primário chegaria àquela mesmíssima conclusão.

Dali a meia hora, fez uma descoberta que lhe trouxe uma satisfação igual à sentida por Marconi quando compreendeu que havia inventado o telégrafo sem fio ou algo assim. A saber, que os números das colunas à esquerda não eram todos diferentes entre si: tratava-se de catorze números, cada um dos quais se repetia cinco vezes. As repetições não vinham uma após a outra, eram espalhadas como que por acaso no interior das duas colunas.

Pegou um dos números da coluna da esquerda e o transcreveu no verso de uma das folhas, por todas as vezes em que ele era repetido. Ao lado, copiou os números da coluna da direita. Assim:

213452	136000
213452	80000
213452	200000
213452	70000
213452	110000

Parecia evidente que, enquanto o número da esquerda estava em código, o da direita era claro e se referia a somas em dinheiro. O total dava 596.000. Muito pouco, caso se referissem a liras. Mais de um bilhão, porém, se correspondessem a euros, como era mais provável. Portanto, entre Angelo e o senhor 213452 corriam negocinhos desse porte. Ora, como havia outros treze cavalheiros codificados, e como as cifras correspondentes, à direita, eram mais ou menos as mesmas que aquelas examinadas, isso significava que Angelo movimentava um volume de negócios da ordem de 12 ou 13 bilhões. Volume esse que devia ser cuidadosamente disfarçado. Se tudo correspondesse às suas suposições, de fato não era de se excluir que essas cifras significassem outra coisa.

Percebeu que seus olhos começavam a se fechar, a vista não aguentava a leitura dos números, estava cansada. Nesse ritmo, pensou, precisaria de três a cinco anos para conseguir decifrar o código das canzonetas, e, no final, seguramente já seria um cego de bengala e tudo, levado a passear por um cão-guia.

Carregou os papéis para dentro, fechou a varanda, saiu de casa, pegou o carro e partiu. Como estava um pouco adiantado para o encontro com Paola, dirigiu em velocidade inferior a dez quilômetros por hora, enlouquecendo todos os que por acaso estivessem atrás dele. Cada motorista, assim que conseguia ultrapassá-lo, sentia-se no dever de defini-lo como:

veado, segundo um caminhoneiro;

imbecil, segundo um padre;

corno, segundo uma gentil senhora;

ba... ba... ba, segundo um que era gago;

mas todas essas ofensas lhe entravam por um ouvido e saíam pelo outro. Somente uma o enfureceu de verdade. Um sujeito, sessentão distinto, emparelhou com ele e disse:

— Jumento!

Jumento? Mas como se permitia? O comissário fez uma inútil tentativa de segui-lo, pisando no acelerador até trinta por hora, mas depois preferiu voltar à sua habitual velocidade de cruzeiro.

Chegado à Passeggiata, não achou vaga para estacionar e precisou rodar demoradamente até encontrar uma, muito longe do local do encontro. Conclusão: quando chegou, Paola já o esperava, sentada a uma mesinha.

Ela pediu um *prosecco* e Montalbano aderiu.

— Hoje de manhã, Carlo entrou em pânico, quando ouviu que ao telefone estava um comissário.

— Lamento, eu não queria...

— Nada, ele é que é assim! É um ótimo rapaz, boníssimo, mas não pode nem ver um *carabiniere* passar perto e já fica profundamente perturbado. Um fenômeno inexplicável.

— Ou talvez pudesse ser explicado pesquisando-se seu DNA — disse Montalbano. — Provavelmente, entre seus antepassados deve ter havido algum marginal. Pergunte a ele.

Os dois riram. Com que então, aquele que ocupava o tempo livre da professora se chamava Carlo. Encerrado o assunto, passou-se à ordem do dia.

— Ontem à noite — começou Paola —, quando surgiu a história de que Elena teria escrito as cartas a Angelo sob ditado dele, realmente senti um certo desconforto.

— Por quê?

— Porque, apesar da opinião diferente de Michela, acho que Elena falou a verdade.

— Como sabe?

— Veja bem, comissário, durante a nossa história, escrevi muitas cartas a Angelo. Gostava de escrevê-las.

— Não as encontrei, quando vistoriei o apartamento.

— Elas tinham sido devolvidas a mim.

— Por Angelo?

— Não, por Michela. Quando meu caso com seu irmão acabou. Ela não queria que essas cartas caíssem nas mãos de Elena.

Mas essa Elena parecia mesmo ser para Michela um pé no saco! Lugar no qual, sendo Michela mulher, teoricamente Elena não poderia estar.

— A senhorita ainda não me contou o motivo do seu desconforto.

— Uma das minhas cartas me foi ditada por Angelo.

Belo ponto a favor de Elena! E, sobretudo, que não podia ser questionado, porque lançado a seu favor justamente pela rival derrotada.

— Ou melhor — prosseguiu Paola —, ele me indicou as linhas gerais. E eu, depois que nosso caso acabou, nunca contei essa historinha a Michela.

— Podia ter contado ontem à noite.

— Acredita se eu lhe disser que não tive coragem? Michela estava tão certa de que Elena mentia...

— Pode me dizer o conteúdo da carta?

— Claro. Angelo precisava ir à Holanda por uma semana. E Michela havia manifestado a intenção de ir com ele. Então, Angelo me fez escrever uma carta na qual eu afirmava ter pedido dez dias de licença na escola para acompanhá-lo na viagem. Não era verdade, estávamos em época de provas, imagine se me dariam dez dias, mas ele a mostraria à irmã e isso lhe permitiria viajar sozinho, como ele queria.

— E se Michela a encontrasse em Montelusa enquanto Angelo estivesse na Holanda, que explicação a senhorita daria?

— Angelo e eu tínhamos pensado nisso. Eu diria que, no último momento, a escola não havia concedido a licença.

— E a senhorita não tinha nada em contrário, quanto a ele viajar sozinho?

— Claro, isso me desagradava um pouco. Mas eu entendia que, para Angelo, era importante se livrar por alguns dias da presença assediante de Michela.

— Assediante?

— Eu não saberia defini-la de outra forma, comissário. Adjetivos como assídua, afetuosa, amorosa, não expressam a ideia, ficam aquém. Para Michela, vigiar o irmão era uma espécie de dever absoluto, como se Angelo fosse um menininho.

— Mas o que ela temia?

— Nada, acho. Dei a mim mesma uma explicação sem nenhuma base científica, não entendo de psicanálise. Em minha opinião, tratava-se de uma espécie de maternidade ansiada, mas frustrada, e por isso jogada inteira e possessivamente sobre o irmão.

Paola soltou a risadinha costumeira.

— Muitas vezes pensei que, se eu tivesse me casado com Angelo, seria difícil me livrar do controle, não da sogra, que, coitadinha, não conta, mas da cunhada.

Fez uma pausa. E Montalbano compreendeu que ela estava sopesando as palavras para dizer o que queria dizer.

— Depois da morte de Angelo, eu esperava que Michela desabasse. Mas aconteceu o contrário.

— Como assim?

— Michela se desesperou, gritou, chorou, é claro, mas, ao mesmo tempo, percebi nela como que uma sensação de libertação, em nível inconsciente. Como se tivesse se livrado de um peso e ficado mais serena, mais livre, entendeu?

— Entendi muito bem.

E, sabe-se lá por quê, ocorreu a Montalbano uma pergunta:

— Michela teve algum noivo ou namorado, no passado?

— Por que o senhor pergunta?

— Ah, sei lá, por nada.

— Ela me contou que aos 19 anos se apaixonou por um rapaz de 21 Foram oficialmente noivos durante três anos.

— Sabe por que terminaram?

— Não terminaram. Ele morreu. Gostava de correr demais na moto, parece que era um motociclista de habilidade extraordinária. Não sei os detalhes do acidente. Seja como for, depois disso, Michela não quis mais homem nenhum. E acho que, desde então, multiplicou sua vigilância sobre o pobre Angelo, até torná-la asfixiante.

— A senhorita é uma mulher inteligente, está completamente fora da investigação, teve todo o tempo para recapitular sua história terminada — disse Montalbano, fitando-a nos olhos.

— Essa sua premissa me inquieta — respondeu Paola, com o sorrisinho de sempre. — O que espera com isso?

— Uma resposta. Quem era Angelo Pardo?

Ela não pareceu surpresa com a pergunta.

— Também me perguntei isso, comissário. E não quando ele me deixou por Elena. Porque, até aquele momento, eu sabia quem era Angelo. Um homem ambicioso, antes de mais nada.

— Eu não o tinha considerado sob esse aspecto.

— Porque ele não queria mostrar isso. Acho que sofreu muito com a cassação do registro, que lhe interrompeu uma carreira promissora. Mas, veja bem, mesmo com esse trabalho que ele fazia... Por exemplo, no próximo ano

seria o representante exclusivo de duas multinacionais farmacêuticas na ilha, e não mais na província de Montelusa apenas.

— Foi ele quem lhe contou?

— Não, mas escutei vários telefonemas dele para Zurique e Amsterdã.

— E quando a senhorita começou a se perguntar quem era Angelo Pardo?

— Depois que o mataram. Nessa hora, você recorda numa perspectiva diferente certas coisas para as quais havia encontrado uma explicação, mas que agora, depois da morte, já não se explicam tão facilmente.

— Por exemplo?

— Por exemplo, certas zonas de sombra. Ele era capaz de sumir por alguns dias e, na volta, não dizer nada, você não lhe arrancava uma palavra sequer. Impenetrável. Eu acabava me convencendo de que ele se encontrava com alguma outra mulher, tinha tido uma aventura passageira. Mas claro que, depois que o mataram daquele jeito, já não tenho tanta certeza de que se tratava de encontros galantes.

— De que se tratava, então?

Paola abriu os braços, num gesto desconsolado.

Capítulo 12

Antes de ir almoçar, passou pelo comissariado. Catarella dormia diante do laptop, a cabeça jogada para trás, a boca aberta, um fiozinho de saliva escorrendo pelo queixo. Montalbano não o acordou: o próximo telefonema cuidaria disso.

Em cima da sua escrivaninha havia uma bolsa azul-escura, de lona. Uma etiquetazinha de couro, pregada na parte da frente, trazia escrito "Salmon House". Ele abriu e percebeu que era uma bolsa térmica. Dentro, estavam cinco vasilhas redondas, de plástico transparente, nas quais se entreviam grandes filés de arenque marinados, nadando em molhos multicoloridos. Além disso, havia um salmão defumado, mas ainda inteiro. Embrulhado em celofane, um envelope.

Montalbano o abriu.

"Da Suécia, com amor. Ingrid."

Via-se que Ingrid tinha achado alguém que ia para aquelas bandas e havia aproveitado o portador para lhe mandar uma lembrança. Ele teve um tal ataque de saudade de Ingrid que até lhe sumiu a vontade de abrir logo uma daquelas vasilhas e fazer um primeiro assalto. Quando a sueca resolveria voltar?

Não dava mais para ir à *trattoria,* tinha de correr a Marinella e colocar o conteúdo da bolsa na geladeira. Levantou-a e viu que, embaixo, havia três folhas de papel. A primeira era um bilhete de Catarella.

Dotor, dandose que não posso saber se vossenhoria em pessoa pessoalmente passa ou não passa aqui em pessoa lhe deixo o segundo faile imprimido que passei a noite em claro lutando com o guarda de passagem, mas no fim mandei o guarda praquele lugar.

As outras duas tinham só números. As mesmas duas colunas. As cifras à esquerda pareceram perfeitamente iguais às do primeiro arquivo. Ele puxou do bolso os papéis nos quais havia trabalhado de manhã e comparou.

Idênticos. Só mudavam os números da segunda coluna. Mas ele não sentia vontade de arrumar uma dor de cabeça.

Deixou papéis velhos, papéis novos e cancioneiro-código em cima da escrivaninha, pegou a bolsa térmica e saiu do gabinete. Ao passar diante do balcão da recepção, ouviu Catarella aos gritos:

— Não senhor, não senhor, sinto muito, mas o dotor não está, hoje de manhã ele disse que não vinha hoje de manhã. Sim, sim, eu transmito, certezamente. Não tenha duvidança, relatararei.

— Era para mim, Catarè? — perguntou o comissário, aparecendo diante dele.

Catarella o olhou como se visse Lázaro ressuscitado.

— Santa Mãe de Deus, dotor, mas de onde vossenhoria saiu?

Complicado demais explicar que, quando ele havia entrado, o outro dormia, exausto pelo combate noturno com o guarda de passagem. E, além disso, Catarella jamais admitiria ter adormecido de repente em cima do seu trabalho de atento telefonista.

— Quem era? — perguntou Montalbano outra vez.

— O dotor Latte com *s* no fim. Disse assim que o senhor e chefe de polícia nem hoje, que seria este dia agora, pode receber vossenhoria conforme estava estabilizado e que amanhã fala com vossenhoria, que seria o dia que vem, na mesma hora exatamente de hoje que seria o dia que é.

— Catarè, sabe que você foi excelente?

— Pelo jeito de explicar o telefonema do dotor Latte com *s* no fim?

— Não, porque conseguiu abrir o segundo arquivo.

— Ah, dotor, dotor! Penei a noite todinha! Vossenhoria nem pode imaginar o cansaço que deu! Era um guarda de passagem que parecia um, mas...

— Catarè, você me conta depois.

Tinha medo de perder tempo. Dentro da bolsa os arenques e o salmão podiam começar a se estragar.

Mas, assim que chegou a Marinella e abriu a primeira vasilha, o cheiro persuasivo que lhe atingiu as narinas levou-o a constatar que precisava se munir imediatamente de um prato, um garfo e uma bela porção de pão fresco.

Pelo menos metade do conteúdo das vasilhas não iria para a geladeira, desceria imediatamente à sua pança. Dentro da geladeira, ele colocou apenas o salmão. Levou o resto para a varanda, depois de botar a mesa.

Os arenques, de grosso calibre, eram todos marinados em misturas diversas, que iam do molho agridoce à mostarda. Montalbano se fartou. Seu desejo era traçar tudo, mas depois achou que iria passar a tarde e a noite bebendo água como quem ficou muitos dias perdido no deserto. Guardou as sobras na geladeira e substituiu o passeio pelo molhe por uma caminhada à beira-mar.

Depois tomou um banho, zanzou pela casa e, quando voltou ao comissariado, já eram quatro e meia. Catarella não estava no seu posto. Em compensação, ele cruzou no corredor com Mimì Augello, que mostrava uma cara sombria.

— O que foi, Mimì?

— Mas por onde você anda, fazendo o quê? — retrucou Augello, nervoso, enquanto o acompanhava até o gabinete.

— Ando por Vigàta e trabalho como comissário — cantarolou Montalbano, com a melodia de *Signorinella pallida.*

— Certo, certo, vá bancando o engraçadinho. Mas não é o caso, Salvo.

Montalbano se preocupou.

— Salvuccio não está bem?

— Salvuccio está ótimo. Eu é que hoje de manhã tive de segurar a barra com Liguori, que parecia enlouquecido.

— Por quê?

— Viu como eu tinha razão de perguntar por onde você anda? Sabe o que aconteceu ontem à noite em Fanara?

— Não.

— Não ligou a televisão?

— Não. O que aconteceu?

— Morreu o parlamentar Di Cristoforo.

Di Cristoforo! Subsecretário de Comunicações! Astro nascente do partido no governo, além de, como diziam as más-línguas, figura estimada naqueles ambientes onde a estima acompanha a garantia de vida.

— Mas ele não tinha nem cinquenta anos! Morreu de quê?

— Oficialmente, de infarto. Pelo estresse resultante das muitas obrigações políticas às quais se dedicava generosamente... etc e tal. Oficiosamente, da mesma doença de Nicotra.

— Caralho!

— Exatamente. Agora você pode entender por que Liguori, sentindo sua cadeira esquentar embaixo do rabo, pretende deter o traficante antes que ele provoque outras vítimas ilustres.

— Escute, Mimì, mas o que esses senhores consumiam não era cocaína?

— Certo.

— Mas sempre ouvi dizer que a cocaína não...

— Eu também pensava isso. Mas Liguori, que é naturalmente imbecil mas entende das coisas do ofício, me explicou que a cocaína, quando mal malhada, ou quando malhada com certas substâncias, pode se transformar num veneno. E, de fato, tanto Nicotra quanto Di Cristoforo morreram por envenenamento.

— Mas me explique uma coisa, Mimì. Que interesse tem o traficante em perder os clientes, matando-os?

— Na verdade, a coisa não foi intencional. Seria uma espécie de acidente de percurso. Segundo Liguori, nosso traficante não se limitou a traficar.

Privadamente, e com meios inadequados, ele também malhou posteriormente a mercadoria, duplicou a quantidade e colocou-a no mercado.

— Então, pode haver outros mortos.

— Sem dúvida.

— E o que bota pimenta no cu de todos é que esse traficante fornece a um alto círculo, políticos, empresários, profissionais de prestígio e por aí vai.

— Isto mesmo.

— Mas como Liguori chegou à convicção de que o traficante se encontra em Vigàta?

— Ele apenas insinuou que havia deduzido isso a partir de certas palavras de um informante.

— Boa sorte.

— Boa sorte, como? É só o que você me diz?

— Mimì, o que eu tinha a lhe dizer, já disse ontem. Atenção à maneira como vai se mexer. Esta não é uma operação policial.

— Ah, não? E é o quê?

— Mimì, é uma operação de serviço. Daqueles que trabalham no escuro e são sequazes de Stalin.

Mimì empalideceu.

— O que Stalin tem a ver?

— Mimì, segundo dizem, o Bigodão afirmava que, se um homem se tornar um problema, basta eliminar o homem para eliminar o problema.

— E nós com isso?

— Já lhe disse e repito: a única saída é matar ou deixar matarem esse traficante. Pense bem. Você o prende segundo todas as regras, mas, quando for redigir o relatório, não pode escrever que ele é o responsável pela morte de Nicotra e Di Cristoforo.

— Não?

— Não. Mimì, você tem uma cabeça mais dura que a de um calabrês. O senador Nicotra e o parlamentar Di Cristoforo eram pessoas respeitáveis, honradas, exemplos de virtude, o tempo todo igreja, política, família, nunca fizeram uso de drogas de nenhum tipo. Se necessário, haveria dez mil testemunhos a favor deles. Então, você avalia tudo e chega à conclusão de que é melhor passar por alto dessa história dos mortos, escreve somente que prendeu o sujeito porque ele é traficante. Mas e se ele resolver dar com a língua nos dentes diante do juiz? E citar os nomes de Nicotra e Di Cristoforo?

— Ninguém se acusa voluntariamente de dois homicídios, mesmo que não intencionais! Que história é essa?

— Tudo bem, digamos que ele não se acuse. Mas sempre existe o risco de alguém vincular o traficante aos dois mortos. Mimì, não esqueça de que Nicotra e Di Cristoforo eram dois políticos com muitos inimigos. E, em nosso país, mas não só em nosso país, a política é a arte de sepultar na merda o adversário.

— E o que eu tenho a ver com política?

— Tem, sim, embora não saiba. Num assunto como este, percebe o que você representa?

— O que eu represento?

— O fornecedor de merda.

— Acho um exagero.

— Exagero? Depois que descobrirem que Nicotra e Di Cristoforo usavam drogas, e que morreram por causa disso, virá uma chuva de cusparadas unânimes na memória deles e ao mesmo tempo um elogio também unânime a você, que prendeu o traficante. Passados três meses, no máximo, alguém, da mesma patota de Nicotra e Di Cristoforo começa por revelar que Nicotra consumia doses ínfimas de droga por motivos terapêuticos, e que Di Cristoforo fazia a mesma coisa porque sofria de unha do dedão encravada. Não era vício, mas remédio. Aos poucos, a memória deles vai sendo reabilitada e começam a dizer que foi você quem jogou lama sobre os dois pobres mortos.

— Eu?!

— Você, sim senhor, você, fazendo uma detenção no mínimo imprudente.

Augello ficou mudo e Montalbano deu a última cartada.

— Viu o que está acontecendo aos juízes da operação Mãos Limpas? Joga-se na cara deles a responsabilidade pelos suicídios e pelas mortes por infarto de alguns acusados. Sobre o fato de os acusados serem corruptos e corruptores e merecerem a prisão, passa-se por alto: segundo essas almas bondosas, o verdadeiro culpado não é o culpado que, num momento de vergonha, se suicida, mas sim o juiz que o fez se envergonhar. E chega de falar dessa história. Se você entendeu, entendeu. Se não entendeu, não estou com vontade de explicar de novo. Agora, me deixe trabalhar.

Sem abrir a boca, Mimì se levantou e saiu do gabinete, com a cara mais sombria do que antes. E Montalbano se viu encarando quatro folhas lotadas de números dos quais ele não conseguia extrair absolutamente nada.

Cinco minutos depois, afastou-as para o lado, aborrecido, e chamou o telefonista. Atendeu uma voz que ele não conhecia.

— Procure para mim o telefone de um empresário de Palermo, Mario Sciacca.

— O de casa ou o da empresa?

— O de casa.

— Tudo bem.

— Escute, você apenas me passa o número, entendeu? Se não encontrar o número da casa dele, recorra aos colegas de Palermo. Depois, eu mesmo ligo, aqui do direto.

— Entendi, doutor. O senhor não quer que ele saiba que quem está telefonando é a polícia.

Esperto e ágil, o garoto.

— Me diga o nome.

— Sciacca, doutor.

— Não, o seu.

— Amato, doutor. Estou de serviço aqui há um mês.

Montalbano prometeu a si mesmo falar com Fazio sobre esse Amato, talvez fosse um garoto merecedor de entrar para a equipe. Dali a pouco, o telefone tocou. Amato havia encontrado o número residencial de Mario Sciacca. O comissário ligou.

— Quem fala? — perguntou uma voz de velhinha.

— É da residência dos Sciacca?

— Sim.

— Meu nome é Antonio Volpe, eu queria falar com a senhora Teresa.

— Minha nora não está.

— Saiu?

— Não, foi para Montelusa. O pai dela está doente.

— Obrigado, senhora. Volto a telefonar.

Que sorte! Isso talvez o poupasse de uma cansativa viagem a Palermo. Procurou o número no catálogo. Havia quatro Cacciatore. Devia tentar em todos, com santa paciência.

— É da família Cacciatore?

— Não, Mistretta. Escute aqui, esta história é uma tremenda encheção de saco — disse uma voz masculina enfurecida.

— Que história, por gentileza?

— De continuarem a ligar para cá, quando os Cacciatore se mudaram há um ano.

— Por acaso, sabe o número deles?

O senhor Mistretta bateu o fone sem sequer responder. Bom começo, não havia dúvida. Montalbano discou o segundo número.

— Família Cacciatore?

— Sim — respondeu uma agradável voz feminina.

— Meu nome é Antonio Volpe. Procurei em Palermo a senhora Teresa Sciacca e me disseram que...

— Teresa Sciacca sou eu.

E Montalbano perdeu a fala, surpreendido pela sorte inesperada.

— Alô? — fez Teresa.

— Como está seu pai? Me disseram que...

— Bem melhor, obrigada. Tanto que amanhã cedo volto para Palermo.

— Preciso muito falar com a senhora antes disso.

— Senhor Volpe, eu...

— Eu não me chamo Volpe, sou o comissário Montalbano.

Teresa Sciacca emitiu uma espécie de soluço, entre susto e surpresa.

— Ai, meu Deus! O que aconteceu a Mario?

— Calma, seu marido está muito bem. Preciso lhe falar por causa de uma história que se refere à senhora.

— A mim?!

Teresa Cacciatore parecia realmente perplexa.

— Soube que Angelo Pardo foi assassinado?

Pausa demoradíssima. Depois, um "sim" que era um sopro, um suspiro.

— Acredite, eu gostaria de evitar mexer com lembranças desagradáveis, mas...

— Entendo.

— Garanto que nosso encontro se manterá reservado e, além disso, lhe dou minha palavra de honra de que não mencionarei seu nome nesta investigação, por nenhum motivo.

— Não vejo em que lhe posso ser útil. Faz anos e anos que... Seja como for, não posso recebê-lo aqui.

— Mas pode sair?

— Sim. Por uma horinha, posso me ausentar.

— Então, diga onde devemos nos ver.

Teresa deu o nome de um café localizado numa rua da parte alta de Montelusa. Às cinco e meia. O comissário olhou o relógio: tinha o tempo exato para entrar no carro e partir. Se não quisesse se atrasar, devia fazer o trajeto na alucinada velocidade de setenta a oitenta quilômetros por hora.

Teresa Cacciatore, Sciacca de casada, era uma mulher de 38 anos com ar de boa mãe de família, ar que logo demonstrava não ser fachada, mas substância. Estava bastante embaraçada por aquele encontro, e Montalbano logo correu em seu auxílio.

— Dentro de dez minutos, no máximo, a senhora poderá voltar para casa.

— Agradeço, mas não vejo que relação pode existir entre o que aconteceu vinte anos atrás e a morte de Angelo.

— De fato, não há relação. Mas me é indispensável conhecer certos comportamentos, entende?

— Não, mas pode perguntar.

— Como reagiu Angelo, quando a senhora contou que esperava um filho?

— Ficou feliz. E imediatamente falamos em casamento. Tanto que eu, no dia seguinte, comecei a procurar casa.

— Seus familiares sabiam?

— Ignoravam tudo, nem mesmo conheciam Angelo. Depois, uma noite, ele me disse que, pensando melhor no assunto, chegara à conclusão de que casar seria um absurdo, isso lhe arruinaria a carreira. Realmente, como médico, ele tinha um panorama promissor. E então começou a falar de aborto.

— E a senhora?

— Reagi mal. Tivemos uma briga pavorosa. Quando nos acalmamos, eu disse que, nesse caso, iria contar tudo à minha família. Ele se assustou muito. Papai não era um homem com quem se pudesse brincar, e Angelo pediu que eu não contasse. Então, dei a ele três dias de prazo.

— Para fazer o quê?

— Pensar mais um pouco. Na tarde do segundo dia, era uma quarta-feira, me lembro muito bem, ele me telefonou e pediu que nos encontrássemos. Quando nos vimos, ele foi logo dizendo que havia achado uma solução e que precisava da minha ajuda. A solução era esta: no domingo seguinte, nós dois falaríamos com meus pais e contaríamos tudo. Então, Angelo explicaria a eles as razões pelas quais não podia se casar comigo de imediato. Precisava de pelo menos dois anos de liberdade em relação a qualquer vínculo, havia um luminar que o queria como assistente, mas ele teria de passar um ano e meio no exterior. Em suma, depois de sua partida, eu continuaria morando com meus pais, até que ele se estabelecesse. Também me disse que estava disposto a reconhecer a paternidade, para tranquilizar minha família. E, dali a dois anos, nós nos casaríamos.

— E o que a senhora achou?

— A solução me pareceu boa e concordei. Não tinha motivo para duvidar da sinceridade dele. Angelo então propôs que comemorássemos com Michela, sua irmã.

— A senhora já a conhecia?

— Sim, tínhamos nos visto algumas vezes, embora ela não mostrasse muita simpatia por mim. O encontro seria às nove da noite no consultório de um colega de Angelo, depois da última paciente.

— Por que não no dele?

— Porque ele não tinha consultório. Trabalhava numa salinha cedida por esse colega. Quando cheguei, o colega já tinha ido embora e Michela ainda não havia chegado. Angelo me ofereceu um suco de laranja. Bebi e tudo começou a ficar nebuloso, confuso, eu não conseguia me mexer, reagir... Só me lembro de Angelo vestindo o jaleco e...

Ela continuou tentando contar, até que Montalbano a interrompeu.

— Entendi. Não precisa dizer mais.

Acendeu um cigano. Teresa enxugou os olhos com um lenço.

— E depois, o que a senhora recorda?

— Tenho lembranças muito confusas. Michela de uniforme branco, como uma enfermeira, e Angelo dizendo alguma coisa... depois me lembro de estar no cano de Angelo... me vejo na casa de Anna, uma prima minha, que sabia tudo de mim... Dormi lá... Anna havia telefonado aos meus pais dizendo que eu passaria a noite na casa dela... No dia seguinte, tive uma hemorragia terrível, me levaram para o hospital e tive de contar tudo a papai. E papai denunciou Angelo.

— Ou seja, a senhora nunca viu o tal colega de Angelo?

— Nunca.

— Muito obrigado. Era só isso — disse Montalbano, levantando-se.

Ela parecia surpresa e aliviada. Estendeu a mão para se despedir. Mas o comissário, em vez de simplesmente apertá-la, beijou-a.

Capítulo 13

O comissário chegou um pouquinho adiantado ao encontro com Laganà.

— O senhor me parece bem — disse o tenente, olhando para ele.

Montalbano se inquietou. Nos últimos tempos, com frequência essa frase não lhe soava agradável. Se uma pessoa diz que você parece bem, isso significa implicitamente que ela pensava encontrá-lo pior. E por que pensava assim? Porque você atingiu uma idade na qual o pior pode vir da noite para o dia. Só para dar um exemplo: até um certo momento da sua vida, você escorrega, cai, levanta-se e não lhe aconteceu nada; mas depois chega o momento em que você escorrega, cai e não pode mais se levantar, porque fraturou o fêmur. O que houve? Houve que você transpôs o limite invisível de uma idade para outra.

— O senhor também — mentiu o comissário, com uma certa satisfação.

Na verdade, aos seus olhos Laganà se mostrava bem mais envelhecido do que na última vez em que Montalbano o tinha visto.

— Estou à sua disposição — disse o tenente.

Montalbano lhe contou o homicídio de Angelo Pardo. E disse que o jornalista Zito, em conversa privada com ele, havia despertado a suspeita de que o motivo do crime podia se encontrar no trabalho que Pardo realizava. Mencionou tudo por alto, mas Laganà pegou a coisa no ar e o interrompeu:

— Compadrio?

— Poderia ser uma hipótese — admitiu cautelosamente o comissário.

E contou sobre os presentes dados à amante, superiores à renda do informante médico-científico, sobre o cofre desaparecido, sobre a conta corrente que Angelo devia ter num banco mas que não fora possível localizar. Por fim, puxou do bolso o livrinho-código e os quatro papéis impressos a partir do laptop e colocou tudo sobre a mesa de Laganà.

— Não se pode afirmar que esse senhor gostasse muito de transparência — foi o comentário do tenente, depois de examiná-los.

— O senhor pode me ajudar? — perguntou Montalbano.

— Claro — disse Laganà —, mas não espere uma coisa rápida. Para começar, preciso de alguns dados elementares, mas essenciais. Ele trabalhava para quais laboratórios? Com quais médicos e farmácias fazia contato?

— No carro eu tenho uma alentada agenda de Pardo, de onde se pode tirar boa parte disso que o interessa.

Laganà olhou para ele, espantado.

— Por que a deixou no carro?

— Primeiro eu queria ter certeza de que a coisa o interessava. Vou buscá-la.

— Tudo bem. Enquanto isso, vou xerocar estes papéis e o cancioneiro.

Com que então, recapitulou Montalbano na volta para Vigàta, a senhora, perdão, a senhorita Michela Pardo não só lhe havia contado apenas metade da missa, no que se referia ao aborto praticado em Teresa Cacciatore, mas também omitira completamente seu próprio papel de coprotagonista. Para Teresa, aquilo devia ter sido uma cena de filme de horror, primeiro o engano e a armadilha, e depois, num crescendo, o noivo que se transforma em carniceiro e começa a escarafunchar dentro dela, que, deitada na maca, nua, não consegue nem abrir a boca, a futura cunhada de uniforme branco preparando os instrumentos...

Afinal, que relações de cumplicidade tinham existido entre Angelo e Michela? De qual destorcido instinto de fraternidade haviam nascido e se fortalecido? Até que ponto haviam estreitado o vínculo entre os dois? E, por fim, de que outras coisas eles tinham sido capazes?

Mas, pensando bem, o que tudo isso tinha a ver com a investigação? Pelas palavras de Teresa, que indubitavelmente falara a verdade, concluía-se que Angelo era um canalha, coisa que Montalbano já imaginava desde o início, e que a irmãzinha não hesitaria em matar alguém para agradar ao irmãozinho, coisa que Montalbano também já imaginava desde o início. Aquilo que Teresa contara apenas confirmava como eram irmão e irmã, mas não fazia a investigação avançar nem um milímetro.

— Dotor, ah dotor! — berrou Catarella do balcão. — Preciso lhe dizer uma coisa de importância!

— Venceu o terceiro guarda de passagem?

— Ainda não, dotor. É compilexo, esse negócio. Eu queria lhe dizer que o dotor Arquaraquà telefonou.

O que estaria acontecendo? O chefe da Perícia lhe telefonava? *Si scopron le tombe, si levano i morti,* abrem-se as tumbas, levantam-se os mortos.

— Arquà, Catarè, ele se chama Arquà.

— Como se chama, tanto faz, dotor, vossenhoria entendeu do mesmo jeito.

— E o que ele queria?

— Não disse, dotor. Deixou dito que vossenhoria ligava para ele quando voltasse de retorno.

— Fazio está aí?

— Acho que sim.

— Vá procurar e peça para ele vir à minha sala.

Enquanto esperava, ligou para a perícia, em Montelusa.

— Andou me procurando, Arquà?

Os dois não iam com a cara um do outro, e assim, de comum e tácito acordo, pulavam as saudações, quando se encontravam ou se falavam.

— Você deve saber que o doutor Pasquano encontrou dois fios de tecido entre os dentes de Angelo Pardo.

— Sim.

— Analisamos os dois fios e identificamos o tecido. Trata-se de crilicon.

— Vem de Krypton?

A tirada cretina lhe saíra quase inconscientemente. Arquà, que evidentemente não lia histórias em quadrinhos e não sabia da existência do Super-Homem, ficou atordoado.

— O que você disse?

— Nada, esqueça. Por que isso lhe parece importante?

— Porque é um tecido especial, usado principalmente num certo tipo de peça.

— Ou seja?

— Calcinhas femininas.

Arquà desligou, mas Montalbano ficou atônito, segurando o fone.

Mais um filme *noir*? Ele pousou o aparelho, enquanto imaginava a cena.

TERRAÇO COM CÂMERA. *Exterior-interior noite.*

Do terraço, a câmera enquadra, pela porta aberta, o interior do quarto ex-lavanderia. Angelo está sentado no braço da poltrona. A mulher, de costas e de pé diante dele, pousa a bolsa sobre a escrivaninha e, com movimentos lentíssimos, tira primeiro a camiseta e depois o sutiã. Câmera fecha no interior.

(*Música sensual*)

Angelo olha com desejo para a mulher, que desprende a saia e a deixa cair no chão. Angelo desliza do braço da poltrona e afunda no assento, quase se deita.

A mulher tira a calcinha, mas continua com ela na mão.

Angelo abaixa o zíper dos jeans e se prepara para o abraço.

(*Música sensualíssima*)

A mulher abre a bolsa e tira alguma coisa que o espectador não vê. Depois, monta sobre Angelo, que a abraça.

Longo beijo apaixonado, as mãos de Angelo acariciam as costas da mulher. A qual, a certa altura, solta-se do abraço e aponta para o rosto de Angelo a

pistola tirada da bolsa.

PRIMEIRO PLANO de Angelo aterrorizado.

ANGELO: “O que... o que vai fazer?”

MULHER: “Abra a boca.”

Angelo obedece mecanicamente. A mulher lhe mete na boca a calcinha que ela estava segurando.

Angelo tenta gritar, mas não consegue.

MULHER: “Agora, vou lhe fazer uma pergunta. Se quiser responder, faça um sinal com a cabeça e libero sua boca.”

A câmera segue o movimento da mulher, que se inclina para a frente e sussurra alguma coisa no ouvido dele.

Ele arregala os olhos e nega desesperadamente com a cabeça.

(*Música dramática*)

MULHER: “Vou repetir a pergunta.”

Inclina-se para a frente ainda mais, encosta a boca na orelha de Angelo, move os lábios.

PRIMEIRO PLANO de Angelo continuando a negar, tomado por um pânico incontrolável.

MULHER: “Como queira.”

Levanta-se, recua um passo e atira no rosto de Angelo.

CLOSE da cabeça de Angelo devastada, um buraco negro e sanguinolento no lugar do olho.

(*Música trágica*)

DETALHE da boca semiaberta de Angelo. Dois dedos finos penetram nessa boca e extraem a calcinha. A mulher, para vesti-la, virou-se para a câmera, só que o enquadramento é feito de modo a que não se veja seu rosto. A mulher continua a se vestir sem nenhuma pressa, nos seus gestos não há o mínimo nervosismo.

CLOSE da cabeça de Angelo, horrível de se ver.

CENA SE DISSOLVE LENTAMENTE.

Tudo bem, era uma péssima encenação de um filme erótico-policial categoria B. Mas talvez pudesse ter boa aceitação na tevê, entre as várias sujeiras que esta transmitia. Como se chamavam? Ah, sim, *TV movies*. Montalbano se consolou pensando que, se tivesse de deixar a polícia, podia experimentar esse novo ofício.

Quando, do cineminha privado, voltou ao seu gabinete, viu Fazio, que o olhava curioso, de pé em frente à escrivaninha.

— Estava pensando em quê, doutor?

— Em nada, estava vendo um filme. O que você quer?

— Doutor, foi o senhor quem mandou me chamar.

— Ah, pois é. Sente-se. Alguma novidade?

— O senhor me disse que queria saber tudo o que eu conseguisse descobrir sobre o professor Sclafani e sobre Angelo Pardo. A propósito do professor, devo acrescentar uma coisinha àquilo que eu já lhe disse.

— Que coisinha é essa?

— Lembra que o professor mandou para o hospital o amante da mulher?

— Sim.

— Mas ele também foi mandado para o hospital.

— Por quem?

— Por um marido ciumento.

— Não é possível! O professor não...

— Doutor, garanto que é verdade. Aconteceu antes do segundo casamento dele.

— Foi flagrado na cama com uma mulher, pelo marido dela?

Montalbano não admitia que Elena tivesse lhe contado uma mentira tão grande, uma mentira que colocava tudo em questão.

— Não, doutor. Não se tratou de coisa de cama. O professor morava num condomínio grande, duas janelas davam para o pátio. O senhor se lembra de um filme...

Outro filme? Então, aquilo já não era uma investigação, mas um dos muitos festivais de cinema!

— ... no qual há um fotógrafo de perna quebrada, que fica um tempão olhando da sua janela tudo o que acontece no pátio, e assim descobre o assassinato de uma mulher?

— Sim, é *Janela Indiscreta,* de Hitchcock.

— O professor tinha comprado um binóculo potente, mas só espiava a janela em frente à dele, um apartamento onde morava uma esposinha de 20 anos, a qual, não se sabendo observada, andava quase nua pela casa. Só que, um dia, o marido percebeu a xeretagem, apresentou-se na casa do professor e lhe quebrou a cara e o binóculo.

E, então, Montalbano teve quase certeza de que o professor Sclafani cobrava de sua mulher Elena a narrativa detalhada do que ela fazia em cada encontro com o amante. Por que Elena não tinha contado isso? Seria porque esse detalhe (vamos chamar de detalhe!) colocava seu marido sob uma luz diferente daquela do impotente compreensivo e revelava todo o transtorno que o professor tinha no fundo da mente?

— E sobre Angelo Pardo, o que você me diz?

— Nada.

— Como assim, nada?

— Doutor, ninguém me disse coisa alguma contra ele. No que se refere ao presente, ganhava bem como representante, gozava a vida e não tinha inimigos.

Montalbano conhecia Fazio suficientemente bem para deixar passar uma coisa que este havia dito, ou seja: “no que se refere ao presente”.

— E no que se refere ao passado?

Fazio sorriu, o comissário retribuiu. Tinham se entendido no ar.

— No passado, há dois fatos. Um, o senhor já conhece, e é relativo à condenação por aborto.

— Esse aí, pode deixar, sei tudo sobre o assunto.

— O outro fato é ainda mais antigo. Tem a ver com a morte do noivo de Michela, a irmã de Angelo.

Montalbano sentiu uma espécie de sacudidela ao longo da espinha dorsal. Aguçou os ouvidos.

— O noivo se chamava Roberto Anzalone — continuou Fazio. — Estudava engenharia e gostava de participar, como amador, de competições de moto. Por isso, pareceu estranho o acidente no qual ele morreu.

— Por quê?

— Meu caro doutor, acha normal que um bom motociclista como era ele, em vez de seguir caminho, fazendo uma curva depois de uma reta de três quilômetros, siga direto e vá se estabacar numa pirambeira de cem metros?

— Defeito mecânico?

— A moto ficou tão destruída com o acidente que os peritos não conseguiram entender nada.

— E a autópsia?

— Aí é que vem o bom da história. Quando o acidente aconteceu, Anzalone havia acabado de comer numa *trattoria* com um amigo. Da autópsia, concluiu-se que provavelmente ele tinha abusado do álcool ou de algo semelhante.

— O que significa algo semelhante? Ou era álcool ou não era.

— Doutor, o cara que fez a autópsia não soube especificar. Escreveu que encontrou algo semelhante ao álcool.

— Hum. Prossiga.

— Só que a família Anzalone, quando soube disso, declarou que Roberto era abstêmio e pediu uma nova autópsia. Além disso, o garçom da *trattoria* informou que não tinha servido nem vinho nem qualquer outro tipo de bebida alcoólica naquela mesa.

— Conseguiram a segunda autópsia?

— Sim, doutor, mas tiveram de esperar três meses para ela ser feita. E, em relação a todas as autorizações necessárias, até que foi uma coisa rápida. O fato é que, desta vez, o álcool, ou lá o que fosse, não apareceu mais. Por isso, a investigação foi encerrada.

— Uma curiosidade: você sabe quem era o amigo que comeu com ele?

Os olhos de Fazio começaram a brilhar. Isso acontecia quando ele sabia que suas palavras provocariam um golpe de cena, o que lhe dava um prazer antecipado.

— Era... — principiou.

Montalbano, que sabia ser infame quando caprichava, decidiu foder com o efeito.

— Chega, já sei.

— Como foi que o senhor descobriu? — perguntou Fazio, entre decepcionado e surpreso.

— Seus olhos me disseram — fez o comissário. — Era o futuro cunhado, Angelo Pardo. Ele foi interrogado?

— Naturalmente. Confirmou a declaração do garçom, ou seja, que naquela mesa não haviam tomado nem vinho nem outra bebida alcoólica. De qualquer modo, pelo sim, pelo não, Angelo Pardo, nos três depoimentos que prestou diante do juiz, levou a tiracolo seu advogado, que era nada mais nada menos que o senador Nicotra.

— Nicotra?! — surpreendeu-se o comissário. — Um personagem importante demais, para um testemunho de pouca monta, afinal.

Fazio jamais soube que, mencionando o nome de Nicotra, havia se vingado da decepção de pouco antes. Mas, se alguém perguntasse a Montalbano por que ele se espantara tanto ao saber que o senador Nicotra e Angelo se conheciam havia tanto tempo, o comissário não saberia explicar.

— Onde será que Angelo arrumou dinheiro para recorrer a um advogado como o senador Nicotra?

— Não lhe custou uma lira sequer, doutor. O pai de Angelo tinha sido, politicamente, um grande eleitor do senador, a ponto de ficarem amigos. As famílias se frequentavam. Tanto é que o senador o defendeu inclusive quando o denunciaram pelo aborto.

— Tem mais?

— Tem.

— Vai me dizer de graça ou tenho de pagar? — perguntou Montalbano, já que o outro não se decidia a continuar.

— Não, doutor, está incluído no meu salário.

— Então, fale.

— É uma coisa que me foi dita por uma só pessoa, não consegui confirmar.

— Me conte pelo que essa coisa vale, mesmo sem confirmação.

— Parece que, de um ano para cá, Angelo ficou viciado em jogo e perdia regularmente.

— Muito?

— Bastante.

— Dá para ser mais preciso?

— Dezenas de milhões de liras.

— Tinha dívidas?

— Não consta.

— Onde apostava?

— Numa casa de jogos em Fanara.

— Você conhece alguém por aqueles lados?

— Em Fanara? Não, doutor.

— Pena.

— Por quê?

— Porque estou apostando meus colhões como Angelo tinha conta em outro banco, além da que conhecemos. Se, pelo jeito, ele não tinha dívidas, de onde tirava o dinheiro para pagar o que perdia? E o que gastava em presentes à amante? Agora, depois do que você me disse, acho que esse banco misterioso fica justamente em Fanara. Pense um pouco nisso.

— Vou ver.

Fazio se levantou. Quando ele chegou à porta, Montalbano disse baixinho:

— Obrigado.

Fazio estacou, virou-se e olhou para ele.

— De quê? Está tudo incluído no salário, doutor.

Montalbano voltou correndo para Marinella. O salmão que Ingrid lhe enviara o esperava, trepidante.

Capítulo 14

Caía um dilúvio. E ele se ensopava praguejando, soltando palavrões, a água lhe descia dos cabelos para o colarinho e deslizava ao longo da coluna, provocando arrepios de frio, a calça molhada já filtrava água que alagava o interior dos sapatos, mas nada, a porta de sua casa em Marinella não se abria porque as chaves sequer entravam na fechadura, e se entravam não viravam, ele já havia experimentado quatro, uma após a outra, não tinha jeito. Podia continuar assim, resfriando-se e sem botar os pés dentro de casa?

Então, finalmente decidiu examinar o molho de chaves que estava segurando e percebeu, surpreso, que não era o dele, certamente o trocara com o de alguém, mas onde havia acontecido a troca?

Pois é, ocorreu-lhe que a troca podia ter acontecido em Boccadasse, dentro de um bar onde serviam um bom café. Mas ele tinha estado em Boccadasse quinze dias antes, como era possível que nesses quinze dias, já em Vigàta, não tivesse voltado à sua casa em Marinella?

— Onde estão as minhas chaves? — berrou.

Teve a impressão de que ninguém podia ouvi-lo, tão forte era o tamborilar da chuva sobre o telhado, sobre sua cabeça, sobre a terra, sobre as folhas das árvores. Depois, acreditou ter ouvido uma voz feminina longínqua, longínqua, que ia e vinha segundo a intensidade dos jatos d'água:

— Dobre a esquina! Dobre a esquina!

O que significava isso? Fosse como fosse, perdido ele já estava mesmo, então deu quatro passos e dobrou a esquina. Viu-se dentro do banheiro da casa de Michela. A mulher, nua, havia metido a mão na água da banheira para sentir a temperatura. E, ao fazer isso, lhe oferecia um notável panorama curvilíneo, sobre o qual os olhos se detinham de bom grado.

— Vamos, entre.

Percebeu que ele também estava nu, mas não se surpreendeu. Entrou na banheira, espreguiçou-se. Ainda bem que foi logo coberto pela espuma do sabonete, tinha vergonha de que a mulher visse a meia ereção que lhe viera em contato com a água quente.

— Vou lhe buscar as chaves e o presente — disse Michela.

E saiu. De que presente ela falava? Seria hoje o dia do aniversário dele? Mas quando tinha nascido? Não se lembrava. Não insistiu em se perguntar, fechou os

olhos e se abandonou ao alívio que sentia. Depois, quando a ouviu retornar, entreabriu os olhos. Mas logo os arregalou: à porta do banheiro não estava Michela, mas Angelo, a cara devastada pela bala, o sangue ainda lhe escorrendo pela camisa, o zíper dos jeans aberto com o troço de fora, e, na mão direita, um revólver apontado para ele.

— O que você quer? — perguntou Montalbano, apavorado.

De repente, a água da banheira tinha adquirido uma temperatura polar. Com a mão esquerda, Angelo lhe fez sinal para esperar, depois levou-a à boca e dali tirou uma calcinha. Deu dois passos à frente.

— Abra a boca! — ordenou.

Ele, cerrando os dentes, sacudiu negativamente a cabeça. Nunca, nunquinha, deixaria que lhe metessem boca adentro a calcinha já umedecida pelo cuspe daquele ser que, a rigor, na condição de cadáver, não tinha nenhum direito de ameaçá-lo com uma arma. E, pensando bem, tampouco tinha o direito de caminhar. Mesmo sendo um morto que, afinal, ainda se apresentava bem conservado, considerando-se que desde o homicídio já se haviam passado dias e dias. De todo modo, estava claro que ele se encontrava agora numa armadilha preparada por Michela para favorecer algum tráfico sujo do irmão.

— Vai abrir ou não vai?

Ele fez novamente o sinal de não e o outro o alvejou. Um estampido ensurdecedor.

Montalbano acordou soerguendo-se na cama, suado, o coração galopando. A veneziana, com um golpe de vento, havia batido contra a parede, e lá fora, de fato, um temporal se desencadeara.

Eram cinco da manhã. Por temperamento, o comissário não acreditava em sonhos premonitórios, em pressentimentos ou, em geral, em tudo o que fosse paranormal, pois já lhe parecia bastante anormal a assim chamada normalidade. De uma coisa, porém, tinha certeza: que às vezes seus sonhos não eram mais do que o desenvolvimento, paradoxal ou fantástico, de um raciocínio iniciado em sua cabeça antes de adormecer. E, no que se referia à interpretação desses sonhos, confiava mais no cantador do jogo de víspora do que em Sigmund Freud.

Então, o que significava toda a trapalhada daquele sonho?

Pensa daqui, pensa dali, em meia hora ele conseguiu isolar dois elementos que lhe pareceram importantes.

O primeiro devia se referir às chaves de Angelo. O molho do morto, depois que lhe fora restituído pela perícia, ainda estava em seu poder. O outro molho, o que ele pedira a Michela, já fora devolvido. Parecia tudo normal, e no entanto alguma coisa se desencadeava em sua cabeça justamente a propósito das chaves,

alguma coisa que não encaixava e que ele não conseguia focalizar. Precisava refletir mais sobre isso.

O outro elemento era uma palavra, presente, que Michela tinha dito ao sair do banheiro. Mas Michela, quando havia falado de presentes, sempre se referira às valiosas dádivas de Angelo para Elena... Pare aqui, Montalbà, você está quase lá, tá frio, tá morno, tá quente, quentíssimo! Tinha sacado! Caramba, se tinha!

Ficou tão satisfeito que pegou o despertador, desativou a campainha, pousou a cabeça no travesseiro e adormeceu de imediato.

Elena veio abrir. Descalça, vestia o perigoso paletozinho na metade das coxas que usara da outra vez, no rosto ainda trazia algumas gotas d'água do banho recém-tomado, devia ter se levantado pouco antes, eram dez da manhã. Cheirava tanto a pele jovem e fresca que o comissário achou que não ia aguentar. Assim que o viu, ela sorriu, segurou-lhe a mão e, sem soltá-la, puxou-o para dentro, fechou a porta e o levou atrás de si até a sala.

— O café já está pronto — disse.

Montalbano tinha acabado de se sentar quando ela reapareceu com a bandeja. Tomaram o café sem falar.

— Uma coisa estranha, sabe, comissário? — começou Elena, pousando a xícara vazia.

— Diga.

— Há pouco, quando o senhor telefonou para dizer que ia passar aqui, fiquei contente. Senti sua falta.

O coração de Montalbano teve o mesmíssimo baque de quando um avião entra num vácuo. Mas ele não respondeu, fingiu se concentrar no último gole de café e também pousou a xícara.

— Novidades? — perguntou ela.

— Algumas — disse o comissário, cauteloso.

— Eu, ao contrário, não tenho nenhuma — comentou Elena.

Montalbano fez uma cara interrogativa, não tinha entendido o sentido daquelas palavras. Elena começou a rir com vontade.

— Que cara engraçada o senhor fez! Eu quis dizer simplesmente que há dois dias Emilio não faz outra coisa a não ser me perguntar se há novidades e respondo que não, não há.

Montalbano se sentiu mais confuso do que persuadido, a explicação de Helena embolava as coisas, não as esclarecia.

— Eu não sabia que seu marido se interessava tanto pela investigação.

Elena riu mais forte ainda.

— Não é pela investigação que ele se interessa, é por mim.

— Não entendi.

— Comissário, Emilio quer saber se já tratei de substituir Angelo ou se pretendo fazer isso logo.

Então, era disso que se tratava! Evidentemente, o velho porco estava em crise de abstinência de histórias sacanas contadas pela mulher. Ele resolveu dar corda no assunto.

— Por que a senhora ainda não fez isso?

Esperava que ela continuasse a rir, mas Elena ficou séria.

— Não quero criar equívocos e desejo me sentir tranquila. Estou esperando que esta investigação termine — disse, voltando a sorrir. — Portanto, seja rápido.

E por que uma nova relação dela com outro homem poderia criar equívocos? Montalbano teve a resposta a essa pergunta quando seu olhar cruzou com o dela. Não era uma mulher que estava sentada na poltrona à sua frente, era uma fêmea de leopardo em repouso, ainda saciada, mas que, mal sentisse o estímulo do apetite, saltaria sobre a presa na qual já estava de olho. Presa essa que era ele, Salvo Montalbano, trêmulo e desajeitado animalzinho doméstico que jamais conseguiria correr mais depressa do que aquelas ágeis e longuíssimas pernas, perdão, patas, que por enquanto estavam enganosamente cruzadas. E, constatação mais desagradável de todas, assim que aqueles dentes o abocanhassem, assim que a fêmea de leopardo começasse a saboreá-lo, ele certamente se revelaria insípido para o gosto dela e decepcionante para a narrativa que ela faria mais tarde ao professor marido. A única saída era se fingir de bobo, dar a impressão de não ter compreendido.

— Vim aqui por dois motivos.

— Podia vir do mesmo jeito, ainda que não tivesse motivo.

A fêmea de leopardo, o animal selvagem, já estava preparando o bote, e não havia jeito de ela se distrair.

— A senhora me disse que, além do carro, Angelo lhe deu joias.

— Sim. Quer ver?

— Não me interessa vê-las, me interessam os estojos que as continham. Ainda os tem?

— Sim, vou buscar.

Elena se levantou, pegou a bandeja e levou-a. Voltou logo e estendeu ao comissário dois estojinhos pretos, vazios e já abertos. A parte interna era forrada de seda branca e trazia a mesma etiqueta:

“Joalheria A. Dimora — Montelusa.”

Era o que Montalbano queria saber e que lhe havia sido sugerido pelo sonho. Ele devolveu os estojos a Elena, que as deixou sobre a mesinha.

— E o outro motivo? — perguntou ela.

— É mais difícil de dizer. A autópsia revelou um detalhe importante. Presos entre os dentes do morto foram encontrados dois fios de tecido. A perícia me informou que se trata de um tecido especial, adotado quase exclusivamente para calcinhas.

— O que significa? — fez Elena.

— Significa que alguém, antes de atirar, meteu na boca de Angelo uma calcinha, para evitar que ele gritasse. Acrescente-se a isso que o morto foi encontrado como se estivesse para fazer um ato sexual. Portanto, sendo no mínimo impensável que alguém saia por aí com uma calcinha feminina no bolso, isso significa que quem o matou não foi um homem, mas uma mulher.

— Entendi — disse Elena. — Seria então um crime passional.

— Exatamente. E, a esta altura, é meu dever relatar ao juiz a quantas andam as investigações.

— E vai ter de mencionar meu nome.

— Certamente. E o juiz Tommaseo irá convocá-la logo. As ameaças de morte nas suas cartas a Angelo serão vistas como uma prova contra a senhora.

— O que devo fazer?

A admiração que Montalbano sentia por ela subiu alguns graus. Elena não estava apavorada nem agitada, apenas pedia uma informação.

— Procure um bom advogado.

— Posso dizer a ele que foi Angelo quem me fez escrever as cartas?

— Sem dúvida. E, nessa ocasião, sugira que ele faça umas perguntas a Paola Torrisi.

Elena empalideceu.

— A ex de Angelo? Por quê?

Montalbano abriu os braços, não podia contar. Seria excessivo. Mas o mecanismo da cabeça de Elena funcionava melhor do que um relógio suíço.

— Ele também a fez escrever cartas como as minhas?

Montalbano tornou a abrir os braços.

— O verdadeiro problema é que a senhora não tem um álibi para a noite do crime. Disse que ficou rodando de carro por algumas horas, e portanto não pôde encontrar ninguém. Mas...

— Mas?

— Não acredito nisso.

— Acha que fui eu que matei Angelo?

— Não acredito que, naquela noite, a senhora não tenha encontrado ninguém. Tenho certeza de que a senhora poderia produzir um álibi, mas não quer.

Ela o encarou, arregalando os olhos.

— Como... como é que você...

Agora, sim, Elena estava agitada. Sem se dar conta, havia mudado o tratamento de senhor para você. E o comissário foi atrás, contente por ter acertado.

— Da outra vez, eu lhe perguntei se você havia encontrado alguém durante sua perambulação de carro. E você respondeu que não. Mas, antes de falar, hesitou um pouco. Foi a primeira e última vez em que isso aconteceu. E entendi que você não queria me dizer a verdade. Mas olho vivo: a falta de um álibi pode lhe custar a prisão.

Ela empalideceu de repente. É preciso malhar o ferro enquanto ele está quente, pensou Montalbano, odiando-se tanto pela frase feita quanto pelo papel de carrasco que estava desempenhando.

— Vão ter de levá-la para o comissariado...

Não era verdade, não era esse o procedimento, mas eram as palavras mágicas, as palavras de feitiçaria. E, de fato, Elena começou a tremer ligeiramente, um véu de suor lhe apareceu na testa.

— Eu não contei a Emilio e não queria que ele soubesse.

O que o marido tinha a ver? O professor estava destinado a surgir de todos os lados, como o famoso fantoche de Pierino, uma história que Montalbano ouvia quando era criança?

— Não contou o quê?

— Que naquela noite estive com um homem.

— Quem é?

— Um frentista. Do único posto que existe na estrada para Giardina. Chama-se Luigi. O sobrenome não sei. Parei lá, o posto estava fechando, mas ele reabriu para mim. Começou a me cantar e não me neguei. Queria... em suma, eu queria esquecer Angelo, definitivamente.

— Quanto tempo ficaram juntos?

— Umas duas horas.

— Ele pode testemunhar?

— Acho que não haverá problema, ele é muito jovem, uns 20 anos, não é nem casado.

— Conte isso ao advogado. Talvez ele possa achar um jeito de não deixar que a coisa chegue aos ouvidos do seu marido.

— Eu lamentaria muito se Emilio viesse a saber. Traí a confiança dele.

Mas que combinação era aquela entre marido e mulher? O comissário não entendia mais nada. Para piorar, Elena começou a rir com vontade, jogando a cabeça para trás.

— O que é tão engraçado?

— Uma mulher teria metido a calcinha na boca de Angelo, para ele não gritar?

— É o que parece.

— Vou lhe dizer por que não poderia ter sido eu.

Soltou mais umas gargalhadas que quase a fizeram lacrimejar.

— Coragem, fale.

— Porque, quando eu sabia que ia me encontrar com Angelo, não usava calcinha. E, também, você acha que com esta aqui é possível tapar a boca de alguém?

Ergueu-se da cadeira, levantou o paletozinho, deu um giro completo sobre si mesma e voltou a se sentar. Fez o movimento com absoluta naturalidade, sem pudicícia nem impudicícia. Sua calcinha era mais minúscula do que uma tanga. Com uma daquelas dentro da boca, qualquer homem poderia até recitar todas as catilinárias ou cantar "Celeste Aída".

— Preciso ir — fez o comissário, levantando-se.

Era urgente fugir daquela mulher, campainhas de alarme e sinais luminosos de perigo tinham começado a funcionar dentro dele. Elena também se levantou e se aproximou. Não podendo mantê-la à distância com os braços estendidos, Montalbano a deteve com palavras.

— Uma última coisa.

— Diga.

— Soubemos que Angelo, nos últimos tempos, jogava e perdia muito.

— É mesmo?!

Elena pareceu realmente surpresa.

— Então, você não sabe de nada sobre isso?

— Nem sequer desconfiei. Ele jogava aqui, em Vigàta?

— Não, dizem que em Fanara. Numa casa clandestina. Você o acompanhou a Fanara?

— Sim, uma vez. Mas voltamos para Vigàta na mesma noite.

— Consegue lembrar se, nesse dia, Angelo foi a algum banco de Fanara?

— Ele não foi a nenhum banco. Me deixou no carro em frente a três consultórios médicos e duas farmácias. E me entediei mortalmente. Ah, eu soube pela televisão que o parlamentar Di Cristoforo morreu e me lembrei de outra coisa: nesse dia, também paramos em frente ao palacete dele.

— Angelo o conhecia?

— Sim, evidentemente.
— Quando tempo Angelo ficou no palacete?
— Poucos minutos.
— Disse por que havia ido lá?
— Não. E não perguntei, sinto muito.
— Outra pergunta, mas esta é realmente a última.
— Faça quantas quiser.
— Você acha que Angelo consumia drogas?
— Não. Nenhuma droga.
— Tem certeza?
— Certeza total. Não esqueça que, nesse assunto, já fui muito competente.
Ela deu um passo à frente.
— *Ciao*, até logo — disse Montalbano, correndo para a porta, abrindo-a e vendo-se lá fora, no patamar, antes que a fêmea de leopardo saltasse para agarrá-lo e comê-lo vivo.

A joalheria Dimora de Montelusa — fundada em 1901, como estava escrito na velha tabuleta religiosamente repintada — era a mais conhecida de toda a província. E se orgulhava dos seus cento e tantos anos, de fato a mobília era a mesma de um século antes. Só que, agora, entrar ali era pior do que entrar num banco. Portas blindadas, vidros escurecidos, à prova de AK-47, guardas uniformizados, com revólveres tão grandes na cintura que davam medo só de olhar.

Os vendedores eram três, todos superdistintos: um setentão, um quarentão e uma mocinha de uns 20 anos. Evidentemente, haviam sido escolhidos a dedo para que cada um atendesse os fregueses de idade correspondente. Assim sendo, pensou Montalbano, por que o setentão lhe dirigiu a palavra, e não o quarentão, como seria de esperar?

— Deseja ver alguma coisa em especial, senhor?
— Sim, o proprietário.
— O senhor Arturo?
— Se for ele o proprietário, tudo bem, pode ser.
— Queira desculpar, mas quem é o senhor?
— O comissário Montalbano.
— Venha comigo, por favor.

Montalbano o seguiu até o aposento dos fundos, que era uma espécie de saleta chiquérrima. Móveis em estilo liberty. Uma escada larga, de madeira

negra, forrada por uma passadeira vermelho-escura, terminava num patamar diante do qual havia uma porta maciça, fechada.

— Um momento, fique à vontade.

O setentão subiu devagarinho e tocou uma campainha ao lado da porta, que se abriu com um estalido. Ele entrou e fechou novamente. Dali a dois minutos, ouviu-se outro estalido, a porta se abriu mais uma vez e o velho reapareceu.

— Pode subir.

O aposento no qual se encontrava o comissário era espaçoso e cheio de luz. Havia uma grande escrivaninha de tampo de vidro, moderníssima, com um computador em cima. Duas poltronas e um sofá, daqueles que a gente só vê nas revistas de arquitetura. Uma enorme caixa-forte, último modelo, que nem um foguete terra-ar conseguiria abrir. Outra caixa-forte, patética, que certamente remontava a 1901 e podia ser aberta até com um alfinete de fralda. Arturo Dimora, um jovem de seus 30 anos, vestido no último figurino, levantou-se e estendeu a mão a Montalbano.

— Às suas ordens, comissário.

— Não o farei perder muito tempo. Entre seus clientes, nos últimos três ou quatro meses, houve um certo Angelo Pardo?

— Um instante.

Arturo Dimora voltou à escrivaninha de vidro e mexeu com o computador.

— Sim. Conosco, ele comprou...

— Sei o que ele comprou. Gostaria de saber como pagou.

— Um momento. Ah, achei. Dois cheques do Banco Popular de Fanara. Quer o número da conta?

Capítulo 15

Montalbano saiu da joalheria e ficou pensando. O que fazer? Mesmo que partisse logo para Fanara, só chegaria depois de uma e meia da tarde, ou seja, quando o banco estivesse fechado. Portanto, era melhor voltar para Vigàta e só pegar o carro para ir a Fanara na manhã seguinte. Mas a impaciência por conseguir saber do banco alguma coisa certamente importante o devorava, seguramente o nervosismo o faria passar uma noite em claro. Ao mesmo tempo, lembrou-se de que os bancos, com os quais tinha escassa convivência, abriam por uma hora durante a tarde. Portanto, o certo era sair imediatamente para Fanara, de olho na *trattoria* local chamada "Da Cosma e Damiano", onde ele havia comido duas vezes e adorado, e depois, por volta das três, apresentar-se no banco. Ao chegar ao carro estacionado, lembrou-se de uma coisa chatíssima, ou seja, que, na mesma tarde, teria com o chefe de polícia um encontro ao qual não sabia se poderia chegar a tempo. E agora? Resolveu que ia cagar solenemente para a convocação do senhor e chefe: se este não fizera outra coisa além de transferir o maldito encontro de um dia para o outro, ele não tinha o direito de faltar a um? Entrou no carro e arrancou.

Passar da *trattoria* Enzo, de Vigàta, à *trattoria* Cosma e Damiano, de Fanara, era o mesmo que se deslocar de um continente para outro. Pedir a Enzo um prato como aquele coelho à caçadora que ele estava agora saboreando seria como pedir costeletas de porco ou salame num restaurante de Abu Dhabi.

Quando se levantou da mesa, sentiu necessidade imediata de uma caminhada pelo quebra-mar. O problema era que em Fanara não havia quebra-mar, pelo simples motivo de que o mar ficava a oitenta quilômetros de distância. Ele já havia bebido um café na *trattoria,* mas, antes de entrar no banco, achou melhor tomar outro, num bar que ficava bem ao lado.

A porta do banco, daquelas giratórias, de vidro e com alarme, deve ter antipatizado com ele à primeira vista.

"Alarme no sistema! Depositar os objetos metálicos!", intimou ela, reabrindo-se às suas costas.

O guarda, sentado dentro de um cubículo de vidro blindado, ergueu os olhos de uma revista de palavras cruzadas e o olhou. Ele abriu uma portinhola, meteu

ali dentro bem um meio quilo de centavos de euro que afundavam seu bolso, fechou com a chavezinha de plástico e entrou.

"Alarme no sistema!", repetiu a porta, abrindo-se de novo. Por que cismava com ele? Aquela porta estava começando a encher o saco! O guarda o encarou, preocupado. Montalbano puxou as chaves de casa, meteu-as na gavetinha, passou para o lado de dentro, uma das bandas de vidro se fechou às suas costas, a porta não falou, mas a outra banda, a da frente, não se abriu. Prisioneiro! A porta o fizera prisioneiro, e, se não o soltassem dentro de poucos segundos, ele estava condenado a uma morte horrível, por falta de ar. Através do vidro, viu que o guarda estava entretido com as palavras cruzadas; não havia percebido nada, e no interior do banco não se via vivalma. O comissário ergueu a perna dobrada e deu um poderoso chute na porta. O guarda ouviu o barulho, compreendeu o que estava acontecendo, apertou o botão de uma geringonça que ficava à sua frente e a meia porta finalmente se abriu, permitindo ao comissário ingressar no banco, o qual era constituído de uma primeira entrada, com uma mesinha e várias cadeiras, para a qual davam duas portas: a da direita mostrava um escritório com duas escrivaninhas vazias, a da esquerda tinha a costumeira divisória de madeira e vidro com dois guichês, nos quais estava escrito Guichê 1 e Guichê 2, para o caso de alguém se enganar. Mas somente um tinha o funcionário sentado atrás, precisamente o guichê número um. Verdadeiramente, não se podia afirmar que houvesse muito movimento naquele banco.

— Bom dia, eu gostaria de falar com o gerente. Sou o comissário...

— Você é Montalbano! — exclamou o cinquentão atrás do guichê.

O comissário olhou para ele, espantado.

— Você não se lembra de mim, não se lembra, hem? — disse o funcionário, levantando-se e dirigindo-se a uma abertura na extremidade da divisória.

Montalbano vasculhou o cérebro, mas não lhe veio à mente nenhum nome. Enquanto isso, o funcionário havia parado diante dele, gordo, barba por fazer, gravata frouxa e torta, braços meio abertos, prontos a estreitar o amigo reencontrado. Mas será possível que não percebam, esses que pretendem ser reconhecidos depois de quarenta anos, que o tempo fez seu trabalho na cara deles? Que quarenta invernos, como diz o poeta, escavaram trincheiras profundas no campo daquela que foi a adorável juventude?

— Não se lembra mesmo, hem? Vou lhe dar uma ajudinha.

Ajudinha? O que era aquilo, um questionário de programa de tevê?

— Cu... Cu...

— Cucuzza? — disparou o comissário, às cegas.

— Cumella! Giogiò Cumella! — fez o outro, pulando-lhe ao pescoço e apertando-o com a força de uma píton.

— Cumella! Mas claro, como não! — exclamou Montalbano.

Na realidade, não se lembrava de porra nenhuma. Noite e nevoeiro.

— Vamos tomar alguma coisa no bar. Temos de comemorar! Nossa Senhora, quantos anos!

Ao passarem diante da gaiola do guarda, Cumella avisou:

— Lullù, estou no bar ao lado, com meu amigo aqui. Se vier alguém, peça para esperar.

Mas, afinal, quem era este Cumella? Um colega de escola? De universidade? Um ex-companheiro de 68?

— Você se casou, Salvù?

— Não.

— Pois eu, sim. Três filhos, dois rapazes e uma moça. A moça, a caçula, é uma beleza, chama-se Natascia.

Natascia em Fanara, como Ashanti em Canicattì, como Samantha em Fela, como Jessica em Gallotti. Seria possível que mais ninguém se chamava Maria, Giuseppina, Carmela, Francesca?

— O que você vai querer?

— Um café.

Àquela altura, um café a mais ou a menos não fazia diferença.

— Eu também. Por que você veio ao banco, Montalbano? Eu o vi algumas vezes na televisão.

— Preciso de uma informação. Talvez o gerente...

— Sou eu o gerente. De que se trata?

— Um dos seus clientes, Angelo Pardo, foi assassinado.

— Eu soube.

— Na casa dele, não achei nenhum extrato daqui.

— Ele não queria que mandássemos. Deu essa ordem por carta protocolada, imagine! Ele mesmo vinha buscar.

— Ah, entendi. Posso saber quanto ele tem na conta e se fez algum investimento?

— Não, a não ser que você tenha autorização do juiz.

— Não tenho.

— Portanto, não posso lhe dizer que, até o dia de sua morte, ele tinha conosco um montante em torno de oitocentos mil.

— Em liras? — perguntou Montalbano, um pouquinho decepcionado.

— Euros.

De repente, as coisas mudaram de aspecto. Mais de um bilhão e meio.

— Investimentos?

— Nenhum. Ele precisava do dinheiro sempre disponível.

— Por que você especificou: até o dia da sua morte?

— Porque, três dias antes, ele havia sacado cem mil euros. E, pelo que eu soube, se não tivesse levado aquele tiro, dali a três dias viria fazer outro saque.

— O que você soube?

— Que ele tinha perdido esse dinheiro no jogo, na espelunca de Zizino.

— Sabe dizer há quanto tempo ele era cliente de vocês?

— Há menos de seis meses.

— Chegou a ficar no vermelho alguma vez?

— Nunca. E, também, no banco não haveria problema, o que quer que acontecesse.

— Explique melhor.

— Quando ele abriu a conta, veio acompanhado pelo parlamentar Di Cristoforo. Bem, agora chega, vamos falar um pouco dos velhos tempos.

Cumella foi quem falou todo o tempo, recordando episódios e pessoas de que o comissário não tinha memória, mas, para fingir que sim, bastou dizer de vez em quando "como não?", ou "mas é claro que me lembro!".

No fim, despediram-se com um abraço e com solenes promessas de se telefonarem.

No caminho de volta, Montalbano não só não conseguiu curtir a descoberta feita, mas também foi caindo num humor cada vez pior. Assim que entrou no carro e partiu, uma pergunta começou a esvoaçar em sua cabeça, como um mosquito chato: por que Giogiò Cumella se lembrava dos tempos de ginásio e ele não? A partir de alguns nomes que Giogiò tinha dito, de alguns fatos que havia resumido, em certos momentos tinham lhe voltado uns lampejos fugidios de lembranças, mas como peças de um quebra-cabeças insolúvel, porque privado de desenho preciso, e esses lampejos o fizeram circunscrever ao ginásio o tempo de sua convivência com Cumella, a julgar pelo que este assegurava. A resposta, infelizmente, só podia ser uma: estava começando a perder a memória. Sinal indiscutível de velhice. Mas não diziam que a velhice fazia você esquecer o que fez na véspera e lembrar coisas de quando era criança? Bem, estava claro que nem sempre era assim. Havia, evidentemente, velhice e velhice. Como se chamava aquela doença que leva você a esquecer até mesmo que está vivo? Aquela que o presidente Reagan tinha? Como se chamava? Pois é, está vendo? Você começou a esquecer até as coisas atuais.

Para se distrair, fez vir à mente uma consideração. Filosófica? Talvez sim, mas pertencente ao lado do pensamento débil, ou melhor, do pensamento esgotado. A essa consideração, deu até um título: "A civilização de hoje e a cerimônia de acesso". O que significava? Significava que hoje, para entrar num lugar qualquer, um aeroporto, um banco, uma joalheria, um relojoeiro, a pessoa

tem de se submeter a uma cerimônia específica de controle. Por que cerimônia? Porque, concretamente, não serve para nada: um ladrão, um sequestrador, um terrorista, se tiverem intenção de entrar, entram mesmo assim. A cerimônia não serve nem para proteger quem está do outro lado do acesso. Então, para que serve? Justamente para fazer quem está entrando acreditar que, uma vez lá dentro, poderá se sentir em segurança.

— Dotor, ah, dotor! Queria lhe dizer que o dotor Latte com *s* no fim telefonou! Disse assim que o senhor e chefe de polícia hoje não ia poder.

— Não ia poder o quê?

— Isso ele não disse, dotor. Mas disse que amanhã na mesma hora o senhor e chefe de polícia pode.

— Tudo bem. A quantas você anda com o arquivo aí no laptop?

— Estou indo, estou indo. Falta só um pouquinho! Ah, eu ia quase esquecendo! Telefonou também o dotor Gommaseo, diz que chama quando que o senhor vier ele chama.

Montalbano mal se sentou e Fazio apareceu.

— Na telefônica, responderam que tecnicamente não é possível identificar as chamadas atendidas pelo senhor na casa de Angelo Pardo. Até me disseram a razão, mas não entendi nada.

— Os caras que telefonaram ainda não sabiam que Angelo tinha sido assassinado. Um deles até cortou a ligação. Se não tivesse nada a esconder, não faria isso. Paciência.

— Doutor, eu também queria dizer que não tenho conhecidos em Fanara.

— Tudo bem, já resolvi.

— Como foi que o senhor fez?

— Soube com certeza que Angelo tinha conta no Banco Popular de Fanara. Fui até lá, o gerente é um antigo colega meu de escola, um caro amigo, recordamos os bons tempos da juventude.

Mentira gigantesca. Mas servia para fazer Fazio acreditar que ele ainda tinha uma memória de elefante.

— Quanto ele tinha na conta?

— O equivalente a um bilhão e meio em liras antigas. E jogava muito alto, como você me contou. Um dinheiro que ele certamente não ganhava como informante médico-científico.

— O funeral é amanhã de manhã. Vi os avisos.

— Vá até lá.

— Doutor, só nos filmes a gente vê o assassino comparecer ao enterro da pessoa que ele matou.

— Não me venha com gracinhas, vá assim mesmo. E leia o que está escrito nas faixas das coroas e dos arranjos.

Fazio saiu e o comissário ligou para Tommaseo.

— Montalbano! Mas por onde você anda? Sumiu!

— Andei ocupado, doutor, desculpe.

— Quero deixá-lo ao corrente de um fato que me parece muito sério.

— Diga.

— Dias atrás, o senhor me mandou a irmã de Angelo Pardo, Michela. Lembra-se?

— Claro, doutor.

— Bem, eu a interroguei três vezes. A última, justamente hoje de manhã. Mulher inquietante, não?

— Pois é.

— Eu diria que com um lado algo nebuloso, concorda?

— Pois é.

E você se fartou nesse lado nebuloso, seu porco disfarçado nas vestes togadas de juiz austero.

— Tem um olhar abissal, não?

— Pois é.

— Hoje de manhã, ela explodiu.

— Em que sentido?

— No sentido de que a certa altura se levantou, exibiu uma voz estranhíssima, os cabelos se soltaram. Impressionante.

Portanto, Tommaseo também havia assistido a uma cena de tragédia grega.

— E o que disse?

— Começou a acusar outra mulher, Elena Sclafani, amante do irmão. Afirma que essa Elena é a assassina. O senhor a interrogou?

— A senhora Sclafani? Claro.

— Por que não me informou?

— Bom, veja bem...

— Como é ela?

— Lindíssima.

— Vou convocá-la imediatamente.

Como não? Claro que Tommaseo ia cair de boca em Elena.

— Escute, doutor, é que...

— Não, meu caro Montalbano, não quero desculpas. Aliás, devo lhe informar que Michela Pardo o acusa de proteger Elena Sclafani.

— Ela lhe disse o motivo pelo qual a Sclafani teria...

— Sim. Ciúme. Também me contou que o senhor, Montalbano, tem em seu poder umas cartas escritas por essa senhora nas quais ela ameaça de morte o amante. É verdade?

— Sim.

— Quero que as envie imediatamente para mim.

— Tudo bem, mas...

— Repito: não quero desculpas. O senhor se dá conta do seu modo de agir? Escondeu de mim um...

— Não mije fora do penico, Tommaseo.

— Não entendi.

— Explico melhor: eu lhe disse para não mijar fora do penico. Não lhe escondi nada. Simplesmente, para a noite do crime Elena Sclafani me forneceu um álibi que o senhor vai adorar.

— Vou adorar o álibi da Sclafani? Por quê?

— O senhor vai ver. Peça que ela lhe conte todos os detalhes. Boa noite.

— Doutor Montalbano? Laganà.

— Boa noite, tenente. O que me conta?

— Que tive um golpe de sorte.

— Como assim?

— Ontem à noite, totalmente por acaso, fiquei sabendo que amanhã será divulgada para a imprensa uma vasta operação nossa que envolve mais de quatro mil pessoas, entre médicos, farmacêuticos e informantes, todos acusados de compadrio. Então, telefonei hoje a um amigo. Pois bem, os laboratórios dos quais Angelo Pardo era representante não estão envolvidos.

— Isso significa que Pardo não pode ter sido morto por um colega rival ou por causa de percentuais não respeitados.

— Exatamente.

— E dos quatro papéis codificados que lhe dei, o que me diz?

— Passei todos a Melluso.

— Quem é?

— Um colega meu que entende disso. Espero poder lhe dizer alguma coisa amanhã.

— Aaaaaaaaahhhhhhhhhh!!

Um berro altíssimo, prolongado, dilacerante, aterrorizou todos os que ainda se encontravam no comissariado. Vinha da recepção. Gelado de pavor, Montalbano se precipitou, trombando no corredor com Fazio, Mimì, Gallo e mais uns dois agentes.

Atrás do balcão, via-se Catarella de pé, costas grudadas à parede, já sem gritar, mas lamentando-se como um animal ferido, olhos arregalados, apontando com um dedo trêmulo o laptop de Angelo Pardo aberto sobre a mesinha.

Virgem Santa! O que lhe havia aparecido na telinha, para assustá-lo daquele jeito? O diabo? Osama bin Laden?

— Fiquem aí fora! — ordenou Montalbano, entrando atrás do balcão.

Olhou a tela. Estava branca, não havia nada.

Talvez o cérebro de Catarella, à força de tentar vencer a batalha com os guardas de passagem, tivesse fundido de vez. Até porque, para fundi-lo, não era preciso muito.

— Vão embora! — disse o comissário à sua equipe.

Quando se viu sozinho com Catarella, abraçou-o, sentiu que ele tremia, e o obrigou a se sentar.

— Calma, calma — murmurou, acariciando a cabeça dele.

E Catarella, exatamente como um cão, começou a serenar. Quando viu que ele não tremia mais, Montalbano perguntou:

— Pode me contar o que aconteceu?

Catarella fez um gesto desolado.

— Tente falar, vamos. Quer um pouco d'água?

Catarella fez sinal de não com a cabeça e engoliu em seco duas vezes.

— Ele se... se... desapagou, dotor — disse, com uma voz prestes a explodir num pranto desatinado.

— Vamos, vamos, coragem. O que se apagou?

— O terceiro faile, dotor. E desapagou também os outros dois.

Ou seja, tudo o que podia apresentar interesse dentro daquele laptop estava perdido.

— Mas como é possível?

— É possivilíssimo dotor. Tá na cara que ele tinha um pograma de polícia.

Mas não eram eles a polícia? Será que Angelo Pardo, além de ser um informante médico-científico, era também informante deles, e o próprio comissário não sabia?

— O que a polícia tem a ver?

— Dotor, como se chama quando a pessoa varre o chão?

— Que ela fez *pulizia*[6].

— E o que foi que eu falei? Foi isso que eu falei. Tem um pograma de polícia pogramado para desapagar o que deve ser desapagado no pograma de cancelação pogramado para uma semana, um mês, dois meses, três meses... Me expliquei?

— Muitíssimo bem. Um programa de limpeza periódica de arquivos.

— É isso mesmo que vossenhoria disse. Mas não foi culpança nem descuidança minha, dotor! Juro!

— Eu sei, Catarè, eu sei. Sossegue.

Montalbano acariciou mais uma vez a cabeça dele e voltou ao seu gabinete. Angelo Pardo havia tomado todas as precauções possíveis e imagináveis a fim de evitar que descobrissem como conseguia o dinheiro necessário para jogar cartas e dar presentes à amante.

Capítulo 16

Chegou a Marinella e a primeira coisa que fez foi atacar o salmão. Uma fatia abundante, temperada com limão fresco e um azeite especial presenteado pelo próprio fabricante ("a virgindade deste azeite foi comprovada por exame ginecológico", estava escrito no papelzinho que vinha junto). Depois de comer, tirou a mesa da varanda, substituindo o prato e os talheres por uma garrafa novinha de J&B e um copo. Finalmente, sabia estar segurando a ponta de um longo fio — "e se lhe vier a ideia de chamá-lo fio de Ariadne, dê um tapa na sua cara", intimou a si mesmo — que poderia conduzi-lo, se não à solução, pelo menos ao início do caminho certo.

Tinha sido o juiz Tommaseo a lhe estender, sem o saber, a ponta do fio. O juiz relatara que, no último interrogatório, Michela havia feito uma cena greco-histérica, gritando que ele, Montalbano, não queria proceder contra Elena, embora tivesse nas mãos as cartas nas quais Elena ameaçava matar Angelo. Que ele estava com as cartas comprometedoras era verdade absoluta, mas havia um pequeno detalhe não desprezível: Michela não deveria saber disso.

Porque, dias antes, quando Michela perguntara se ele tinha encontrado as cartas, ele respondera que não, só mesmo para turvar ainda mais as águas já turvas. E disso se lembrava muito bem. Que velhice, que Alzheimer, que nada (pronto, finalmente lhe ocorria o nome daquela merda de doença)! Inclusive, também estava presente Paola, a ruiva, que podia testemunhar.

A única a saber que ele tinha achado as cartas era Elena, porque ele as tinha mostrado. Mas as duas mulheres não se falavam. E então? Só havia uma resposta, só uma. Michela tinha ido conferir na garagem se, no porta-malas do Mercedes, ainda estava o envelope com as três cartas. Não o encontrando, havia chegado à conclusão lógica de que o comissário o descobrira e o apanhara.

Pare um instante, Montalbano. Como Michela sabia que as cartas estavam escondidas embaixo do tapetinho do Mercedes? Numa das conversas, ela dissera que Angelo mantinha as cartas numa gaveta da escrivaninha. Angelo não tinha nenhum motivo lógico para deslocá-las da escrivaninha de sua casa até o Mercedes na garagem, escondendo-as, sim, mas não de todo: assim, se alguém as procurasse com um pouquinho de atenção iria encontrá-las. Portanto, quem as mudara de lugar tinha sido Michela. E quando fizera isso? Na mesma noite em

que Angelo fora encontrado morto, quando ele, Montalbano, caíra na enorme besteira de deixá-la sozinha no apartamento do irmão.

E por que Michela havia feito essa armação toda?

Por que uma pessoa esconde uma coisa de tal modo que permita a alguém descobri-la como que por acaso? Certamente para dar mais importância ao achado. Explique-se melhor, Montalbano.

Se ele abrisse a gaveta da escrivaninha, achasse e lesse as cartas, tudo normal. Valor das palavras das cartas, digamos dez. Mas, se ele as achasse depois de se esfalfar procurando-as, porque elas tinham sido escondidas, isso significava que essas cartas não deviam ser lidas, e portanto o valor das palavras subia a cinquenta. Assim, as ameaças de morte adquiriam peso e veracidade, já não eram as frases genéricas de uma amante ciumenta.

Parabéns a Michela. Como tentativa de foder a odiada Elena, era genial. Mas o excesso de ódio a levara a se trair diante de Tommaseo. Para ela, havia sido fácil entrar na garagem, já que mantinha cópia de todas as chaves de Angelo...

Um momento. Na outra noite, depois do sonho do banheiro na casa de Michela, ocorrera a ele alguma coisa relativa a uma chave. Mas uma chave de quem?

Comissário Montalbano, recapitule tudo desde o início. Do princípio, princípio? Sim senhor, do princípio princípio.

Permite que antes eu me sirva mais um uísque?

Então: um dia, apresenta-se no meu gabinete a senhora (“senhorita, por favor”) Michela Pardo, a qual me diz que seu irmão Angelo não aparece há dois dias. Também diz que entrou no apartamento dele, já que tem cópia das chaves, mas encontrou tudo em ordem. Na mesma noite, ela se reapresenta. Vamos juntos examinar o apartamento. Ainda tudo em ordem, não há rastros de partida repentina. Quando estamos fora da casa e já vamos nos despedir, ela se lembra de que não examinamos um quarto que Angelo tem no terraço, quarto e terraço que ele também alugou. Subimos novamente. A porta de vidro que dá para o terraço está fechada. Michela abre com sua chave. A porta do quarto está fechada, mas, desta, Michela me diz que não tem chave. Então, arrombo a porta. E encontro...

Pare um pouco, Montalbano, este é o impasse, como diria Hamlet, este é o ponto da história que não se encaixa.

Qual é o sentido de Michela ter apenas a chave da porta do terraço, absolutamente inútil se não for acompanhada da chave do quartinho ex-lavanderia? Se ela tem cópia de *todas* as chaves do irmão, forçosamente deve ter a do quarto do terraço. Até porque, como dissera a própria Michela, Angelo só

subia até lá para ler ou tomar sol, e não para transar com mulheres. O que significava isso?

Percebeu que o copo estava novamente vazio. Encheu-o, desceu da varanda para a areia e, bebendo de vez em quando um gole de uísque, chegou à beira-mar. A noite era escura, mas agradável. Na fímbria do horizonte, as luzes das embarcações pareciam estrelas muito baixas.

Retomou o fio do raciocínio. Se Michela possuía a chave do quarto, mas dizia que não, a mentira significava que ela queria que fosse ele, Montalbano, a arrombar a porta e encontrar Angelo com um tiro nos cornos. E isso porque Michela já sabia que dentro do quarto estava o cadáver do irmão. Ao fazer todo esse teatro, tentava parecer, aos olhos do comissário, totalmente estranha à situação, ao passo que estava metida nela até o pescoço.

Voltou à varanda, sentou-se, serviu-se mais um uísque. Como poderia ter sido o desdobramento da coisa?

Michela diz que, naquela segunda-feira, Angelo lhe telefonou avisando que Elena iria à casa dele à noite. Por isso, Michela não aparece por lá. Mas e se Angelo, vendo que Elena não chegava, e convencendo-se de que ela não iria mais, tivesse telefonado de novo para a irmã e esta tivesse ido encontrá-lo? E talvez Angelo a tivesse avisado de que iria subir ao quartinho do terraço para tomar uma fresca. Quando Michela chega, encontra o irmão assassinado. Convence-se de que foi Elena, a qual, tendo chegado atrasada, teve uma discussão com Angelo. Até porque Angelo deve ter querido transar com a moça, isso é mais do que evidente. Então, Michela resolve dar a cartada definitiva, para evitar que Elena possa escapulir. Fecha tudo com chave, desce ao apartamento, passa a noite fazendo desaparecer qualquer coisa que possa revelar o sujo comércio de Angelo, principalmente o cofre portátil, leva as cartas para a garagem, a fim de que sirvam como prova contra Elena...

E, aqui, o comissário deu um suspiro de satisfação. Para fazer tudo isso, Michela tivera todo o tempo de que precisava, antes de denunciar o desaparecimento do irmão. Provavelmente, na noite que ele, Montalbano, lhe permitira passar no apartamento de Angelo, ela dormira feliz e contente, porque já tomara todas as providências. Essa permissão continuava sendo uma grande besteira, mas sem consequências diretas.

Mas por que Michela estava certa de que Angelo fazia alguma coisa ilegal? A resposta era simples. Ao saber que o irmão dava presentes caríssimos a Elena e perceber que o dinheiro não tinha sido sacado da conta conjunta, convencera-se de que Angelo mantinha uma conta secreta na qual possuía muito, muito dinheiro, um dinheiro que ele não podia ter ganhado honestamente. A história das comissões e dos prêmios de produção que ela contara a ele, Montalbano, era

conversa fiada. Inteligente demais, aquela mulher, para não sentir cheiro de queimado.

Mas por que ela havia sumido com o cofre portátil? Talvez houvesse uma resposta também para isso: porque não conseguira descobrir onde estava escondida a segunda chave, aquela encontrada por Fazio pregada embaixo da gaveta. E depois, considerando bem...

A consideração começou e acabou aqui. Repentinamente, os olhos de Montalbano começaram a piscar devagarinho, a cabeça despencou sobre o peito. A única coisa a levar em séria consideração era a cama.

Teve o infortúnio de acordar alguns minutos antes do toque do despertador. Lembrou-se de que naquela manhã seria o funeral de Angelo Pardo. A palavra funeral lhe evocou a morte... Saltou da cama, correu para o chuveiro, tomou banho, fez a barba, bebeu seu café, vestiu-se na velocidade frenética de uma comédia de Ridolini, a tal ponto que, a certa altura, acreditou escutar o som saltitante do indefectível piano de acompanhamento, saiu de casa e finalmente recuperou seu ritmo certo assim que se viu dirigindo para Vigàta.

Fazio não se encontrava no comissariado, Mimì tinha ido a Montelusa, chamado por Liguori, e Catarella estava mudo, porque ainda não se recuperara do susto do dia anterior com o laptop de Angelo Pardo, quando os guardas de passagem tinham se retirado de repente e ele ficara olhando para uma tela mais vazia do que o famoso deserto dos tártaros. Em suma, um clima de velório.

Lá pelo meio da manhã, veio o primeiro telefonema.

— Todos bem em casa, caríssimo?

— Todos muito bem, doutor Lattes.

— Demos sempre graças a Nossa Senhora! Queria lhe dizer que, infelizmente, o senhor chefe não poderá recebê-lo hoje. Que tal amanhã, na, mesma hora?

— Certo, doutor.

Graças a Nossa Senhora, também desta vez ele seria poupado de ver as fuças do senhor e chefe de polícia. Mas lhe veio a curiosidade de saber o que este queria. Certamente, nada de importante, se o encontro vinha sendo adiado com tanta facilidade.

“Esperemos que, antes da minha aposentadoria, ou antes da transferência dele, eu consiga descobrir”, pensou.

O segundo telefonema veio logo depois.

— Aqui é Laganà, comissário. Meu amigo Melluso, aquele a quem entreguei os papéis para decifrar, lembra?...

— Lembro muito bem. Ele conseguiu entender como funciona o código?

— Ainda não. Mas, enquanto isso, fez uma descoberta que me pareceu importante para sua investigação.

— É mesmo?

— Sim. Mas eu gostaria de lhe falar pessoalmente.

— Posso passar por aí lá pelas cinco e meia da tarde?

— Certo.

Ao meio-dia e meia, o terceiro.

— Montalbano? Tommaseo.

— Pode falar, doutor.

— Recebi a senhora Elena Sclafani às nove da manhã de hoje... Deus do céu!

O juiz perdeu o fôlego. Montalbano se preocupou.

— O que foi, doutor?

— Mas que mulher linda, uma criatura que... que...

Tommaseo estava transtornado, não só lhe faltava o fôlego, agora também lhe falhavam as palavras.

— Como foi a conversa?

— Excelente! — disse o juiz, empolgado. — Melhor não podia ser!

Pelo rigor da lógica, se um juiz, depois de um interrogatório, se declara feliz e satisfeito, isso significa que o acusado se ferrou.

— Descobriu elementos de culpabilidade?

— Ora, mas o que é isso!

Então, era o caso de deixar de lado o rigor da lógica: o juiz Tommaseo começava a pender a favor de Elena.

— A senhora Sclafani se apresentou com o advogado Traina. O qual trouxe junto um frentista, um tal de Luigi Diotisalvi.

— O álibi dela.

— Exato, Montalbano. Só nos resta invejar Diotisalvi e abrirmos também um posto de gasolina, na esperança de que, mais dia menos dia, essa senhora precise abastecer, ha, ha.

E ria, ainda encantado com a presença de Elena.

— Ela faz questão de que seu álibi não chegue de maneira nenhuma ao conhecimento do marido — recordou-lhe o comissário.

— Certo. E eu a tranquilizei amplamente. A conclusão, porém, é que voltamos ao alto-mar. O que fazemos, Montalbano?

— Vamos nadar, doutor.

Às quinze para uma, Fazio voltou do funeral.

— Muita gente?

— Bastante.

— Coroas?

— Nove. Arranjo, só um, mas era da mãe e da irmã.

— Anotou os nomes das faixas?

— Sim. Seis de pessoas desconhecidas, mas três são nomes conhecidos.

Os olhos de Fazio começaram a brilhar. Sinal de que ele trazia uma verdadeira bomba.

— Prossiga.

— Uma coroa era da família do senador Nicotra.

— Nada de estranho. Você sabe muito bem que eles eram amigos. O senador tinha defendido Angelo de...

— Outra era da família do parlamentar Di Cristoforo.

Se Fazio esperava que o comissário se maravilhasse, ficou decepcionado.

— Eu já sabia que eles se conheciam. Quem apresentou Pardo ao diretor do banco de Fanara foi Di Cristoforo.

— E a terceira coroa era da família Sinagra. Exatamente aqueles Sinagra que nós bem conhecemos — disparou Fazio.

Desta vez, Montalbano quase teve um troço.

— Caralho!

Se os Sinagra tinham saído a descoberto a esse ponto, isso queria dizer que Angelo Pardo era para eles um amigo muito considerado. Teria sido o senador Nicotra a apresentar Pardo aos Sinagra? E, por conseguinte, Di Cristoforo seria da mesma turma? Di Cristoforo-Nicotra-Pardo, um triângulo cuja área era a família Sinagra?

— Você foi também ao cemitério?

— Sim. Mas não puderam sepultá-lo, ele foi deixado no depósito por alguns dias.

— Por quê?

— Doutor, os Pardo têm um jazigo de família. Mas, na hora de colocar o caixão lá dentro, não foi possível. A tampa era alta demais, vão precisar aumentar a profundidade da cova.

Montalbano ficou pensativo.

— Você lembra como era Angelo Pardo? — perguntou.

— Sim, doutor. Mais ou menos um metro e setenta e cinco de altura, uns 80 quilos de peso.

— Normalíssimo. E você acha que, para um defunto assim, é necessário um caixão extragrande?

— Não, doutor.

— Me explique, Fazio. De onde saiu o enterro?

— Da casa da mãe de Pardo, o velório foi lá.

— O que significa que, de Montelusa, já o tinham trazido aqui para Vigàta.

— Sim senhor, fizeram isso ontem à noite.

— Me consegue o nome da funerária?

— Já sei qual é, doutor. Angelo Sorrentino e Filhos.

Montalbano o encarou, os olhos apertados.

— Como é que você já sabe?

— Porque a coisa não me convenceu nem um pouco. O senhor não é o único tira aqui dentro, doutor.

— Então telefone a esse Sorrentino, peça o nome de quem se ocupou materialmente do transporte de Montelusa para cá e depois do funeral. E me convoque essas pessoas para hoje à tarde, às três e meia.

Pegou leve no almoço na *trattoria* Enzo. Não teria tempo para dar o costumeiro passeio digestivo-meditativo ao longo do molhe até o farol. Enquanto comia, refletiu sobre a coincidência de que, no velório de Angelo Pardo, houvesse coroas das famílias Nicotra e Di Cristoforo, também atingidas por um luto recente. Três pessoas, que de algum modo mantinham entre si relações de amizade, haviam morrido em menos de uma semana. Um momento, disse Montalbano a si mesmo. Estava mais do que provado que o senador Nicotra era amigo de Pardo, e ele soubera que Di Cristoforo também era amigo de Pardo, mas Nicotra e Di Cristoforo eram amigos um do outro? Pensando bem, as coisas talvez fossem diferentes.

Depois do abalo da operação Mãos Limpas, Nicotra havia passado ao partido do especulador imobiliário milanês e continuado a fazer política, sempre e apesar de tudo apoiado pela família Sinagra. Di Cristoforo, ex-socialista, se transferira para um partido de centro, contrário ao de Nicotra. E, em mais de uma ocasião, tinha atacado Nicotra, mais ou menos abertamente, por causa das relações deste com os Sinagra. Portanto, a situação era que Di Cristoforo se situava de um lado, Nicotra e os Sinagra de outro, e não tinham outro ponto em comum além de Angelo Pardo. Não era o triângulo que Montalbano havia

imaginado de início. Então, o que Angelo Pardo representava para Nicotra e para Di Cristoforo? Teoricamente, se ele era amigo de Nicotra, não poderia sê-lo de Di Cristoforo. E vice-versa. O amigo do meu inimigo é meu inimigo. A não ser que faça alguma coisa vantajosa para amigos e inimigos.

— Eu me chamo Filippu Zocco.

— E eu, Nicola Paparella.

— Foram vocês que trouxeram o corpo de Angelo Pardo do necrotério de Montelusa para Vigàta?

— Sim — fizeram eles, em coro.

Os dois funcionários da funerária, cinquentões, usavam uma espécie de uniforme: jaquetão preto, gravata preta, chapéu preto. Pareciam dois gângsteres de filme americano caracterizados demais.

— Por que o ataúde não pôde entrar?

— Falo eu ou fala você? — perguntou Paparella a Zocco.

— Fale você — respondeu Zocco.

— A senhora Pardo telefonou ao patrão, o senhor Sorrentino, que foi à casa dela e combinaram sobre o caixão e os horários. Às sete da noite de ontem, fomos ao necrotério, botamos o morto no caixão e trouxemos para cá, para a casa dessa senhora Pardo.

— É assim que se costuma fazer?

— Não senhor, comissário. Às vezes acontece, mas não é comum.

— E como é comum?

— Pegamos o morto no necrotério e levamos diretamente à igreja onde vai ser o velório.

— Continue.

— Quando chegamos, a senhora disse que o caixão lhe parecia baixo. Ela queria um mais alto.

— E era baixo mesmo?

— Não senhor, comissário. Mas os parentes dos mortos às vezes encasquetam com bobagens. Então a senhora falou no telefone com o patrão e resolveram outra coisa. Dali a meia hora, chegou outro caixão que a senhora achou bom. Então, transferimos o morto do primeiro para o segundo caixão. Mas a senhora não quis que colocássemos a tampa. Disse que queria velar o falecido a noite toda, mas não diante de um caixão fechado. Mandou a gente voltar de manhã, por volta das sete, para tampar. E deu cem euros a cada um, pelo incômodo. E assim fizemos. Hoje de manhã, voltamos e fechamos o caixão. Depois, aconteceu que, no cemitério...

— Sei o que aconteceu. Hoje de manhã, quando vocês voltaram lá, notaram algo estranho?

— Comissário, tinha uma coisa estranha que não era estranha.

— Não entendi.

— Às vezes, os parentes botam coisas ali dentro, coisas de que o morto gostava quando era vivo.

— E neste caso específico?

— Neste caso específico, o morto estava meio levantado.

— Como assim?

— A senhora tinha metido alguma coisa grande embaixo da cabeça e dos ombros dele. Uma coisa embrulhada num pano. Em suma, era como se ela tivesse botado um travesseiro atrás das costas do falecido.

— Uma última curiosidade. No primeiro caixão, o morto poderia estar nessa posição?

— Não — fizeram, novamente em coro, Zocco e Paparella.

Capítulo 17

— Ah, comissário! Pontualíssimo! Fique à vontade! — disse Laganà.

Enquanto Montalbano se sentava, o tenente discou um número.

— Você pode vir agora?

— E então, tenente, o que descobriram?

— Se o senhor não tiver nada em contrário, prefiro que a resposta lhe seja dada pelo meu colega, já que o mérito é dele.

Bateram à porta. Vittorio Melluso era igualzinho a William Faulkner, na época em que ganhou o Nobel. A mesma elegância de cavalheiro do sul, o mesmo sorriso cortês e distante.

— O código baseado naquela coletânea de cançonetas é extremamente difícil de compreender, justamente por ser concebido de maneira elementar e, creio, para uso pessoal.

— Não entendi o que significa para uso pessoal.

— Doutor, em geral um código serve para duas ou três pessoas se comunicarem entre si, sem medo de que outros possam compreender o que eles se dizem. Concorda?

— Certo.

— Portanto, desse código se fazem tantas cópias quantas forem necessárias às pessoas que devem trocar informações. Fui claro?

— Sim.

— O código que o senhor encontrou me parece cópia única. Servia somente a quem o havia criado para criptografar nomes, os que aparecem nas duas listas que Laganà me deu.

— Conseguiu compreender alguma coisa?

— Acho que compreendi duas. A primeira é que cada sobrenome corresponde a uma cifra, a da coluna à esquerda. As cifras são todas compostas de seis algarismos, ao passo que os sobrenomes, se contados letra por letra, têm comprimentos diferentes. Isso significa que não há correspondência entre cada algarismo e cada letra. Provavelmente, dentro de cada cifra há algarismos de engodo.

— Como assim?

— Que não servem para nada, ou então servem para despistar. Em outras palavras, trata-se de um código dentro de outro código.

— Entendo. E a segunda coisa?

Laganà e Melluso trocaram uma olhadela rapidíssima.

— Você diz? — perguntou Melluso.

— O mérito é seu — disse Laganà.

— Comissário — atacou Melluso —, o senhor nos entregou duas listas. Em ambas, as cifras da esquerda, aquelas que escondem os nomes, se sucedem e se repetem do mesmo modo. As da direita, porém, mudam sempre. Examinando-as bem, cheguei a uma conclusão, a saber, que as cifras da direita da primeira lista indicam somas em euros, ao passo que as cifras da direita da segunda lista representam quantidades. Comparando-se, por exemplo, as primeiras duas cifras da direita das duas listas, descobre-se que entre as duas cifras há uma relação precisa, baseada...

— ... no preço corrente de mercado — concluiu o comissário.

Laganà, que havia cinco minutos não tirava os olhos de cima de Montalbano, começou a rir.

— Eu tinha lhe avisado, Melluso, nosso comissário aqui capta as coisas no ar!

Melluso inclinou um pouco a cabeça para Montalbano, em sinal de homenagem.

— Então — concluiu o comissário —, na primeira lista estão os nomes dos clientes e a soma que cada um pagou, e, na segunda lista, a quantidade fornecida a cada vez. Havia uma terceira lista no laptop, mas infelizmente ela se autodestruiu.

— O senhor imagina o que continha? — perguntou Laganà.

— Agora, sim. Seguramente, estavam assinaladas as datas e a quantidade de mercadoria que o fornecedor, ou melhor, o atacadista, entregava a ele.

— Continuo, para tentar decifrar os nomes? — perguntou Melluso.

— Claro. E lhe fico muito grato.

Mas não disse que, daqueles catorze nomes, seguramente já conhecia dois.

Chegou ao comissariado quando já escurecia. Pegou o fone e discou o número de Michela.

— Alô? Aqui é Montalbano. Como está a senhorita?

— Como quer que eu esteja?

A voz dela parecia diferente, como se viesse de longe, cansada por uma grande caminhada.

— Precisamos conversar.

— Podemos deixar para amanhã?

— Não.

— Tudo bem, então venha.

— Façamos o seguinte, é melhor nos encontrarmos no apartamento do seu irmão daqui a uma hora, até porque a senhorita tem a chave. Tudo bem?

Na casa de Michela podiam estar a mãe, a tia de Vigàta, a tia de Fanara e talvez amigos em visita de pêsames, o que atrapalharia ou até impediria a conversa.

— Por que justamente lá?

— Depois eu digo.

Correu a Marinella, despiu-se, entrou embaixo do chuveiro, vestiu-se de novo com tudo limpo, cueca, camisa, meias, terno. Telefonou a Livia, disse que a amava e desligou, provavelmente deixando-a pasma. Em seguida, serviu-se um copo de uísque e foi bebê-lo na varanda, fumando um cigarro. Depois entrou no automóvel. Era hora de fazer estourar a pústula, a parte mais feia.

Chegou em frente à casa de Angelo, estacionou, saiu do carro e olhou para a sacada e as janelas do último andar. Já era noite fechada, via-se luz em duas janelas. Michela certamente havia chegado. Por isso, em vez de usar as chaves, ele interfonou, mas ninguém atendeu. Só se ouviu o estalido do portão ao se abrir. Ele subiu a escada sem vida do prédio morto e, quando chegou ao último andar, viu que Michela o esperava à porta.

Assustou-se. Assustou-se porque teve a impressão, absurdamente, por um instante, de que a mulher para quem ele olhava não era Michela, mas a mãe dela. O que havia acontecido?

Claro, a morte do irmão tinha sido um duro golpe, mas, até o dia anterior, Montalbano a vira reagir bem, defender-se com inteligência e acusar com força. Será que a lúgubre cerimônia fúnebre só agora a fizera tomar consciência da perda definitiva, irrevogável, de Angelo? Ela usava um dos habituais vestidos largos e informes, como se os tivesse comprado numa barraca de roupas usadas e só houvesse encontrado tamanhos grandes demais. A cor do vestido era preta, de luto. Pretas as meias, pretos os sapatos de lona, sem salto e com um botão, estilo Filha de Maria. Os cabelos estavam recolhidos dentro de um grande lenço, preto, naturalmente. Ombros curvos, apoiados no umbral. Olhos baixos.

— Entre.

Montalbano entrou e se deteve.

— Onde quer conversar? — perguntou.

— Onde o senhor quiser — respondeu Michela, fechando a porta.

O comissário escolheu a saleta. Sentaram-se em duas poltronas, um em frente ao outro. E nenhum dos dois falou durante algum tempo. O comissário parecia alguém que vem fazer visita de pêsames e demora um tempão, mudo e embaraçado.

— E, assim, acabou tudo — fez Michela a certa altura, recostando-se no espaldar da poltrona e fechando os olhos.

— Nem tudo. A investigação ainda está em andamento.

— Sim, mas nunca se encerrará da maneira certa. Ou será arquivada ou os senhores vão prender alguém que não tem nada a ver.

— Por que diz isso?

— Porque soube que o doutor Tommaseo não fez nenhuma acusação contra Elena depois de interrogá-la. Ficou do lado dela, como, de resto, o senhor sempre fez, comissário.

— Quem botou Elena no meio foi a senhorita, não?

— Sim, porque estava esperando o senhor!

— Disse a Tommaseo que as cartas de Elena ao seu irmão estavam comigo?

— Não deveria?

— Não, não deveria.

— Por quê? Para que o senhor pudesse continuar deixando Elena de fora?

— Não, para que a senhorita continuasse se mantendo de fora, Michela. Só que, dizendo ao magistrado o que disse, cometeu um erro. Os comentaristas esportivos chamariam isso de gol contra.

— Explique.

— Certo. Em nenhum momento lhe comuniquei que havia encontrado as cartas. E, se não lhe contei, como foi que a senhorita soube?

— Mas tenho certeza de que o senhor me disse! Até lembro que conosco estava Paola, que...

Montalbano balançou a cabeça.

— Não, Michela, sua amiga Paola, se a senhorita quiser chamá-la para testemunhar, só poderá confirmar que eu, naquela noite, respondendo à sua pergunta bem precisa, neguei ter achado as cartas.

Michela não abriu a boca. Afundou ainda mais na poltrona, os olhos sempre fechados.

— Foi a senhorita — continuou o comissário — quem pegou as três cartas que Angelo guardava na escrivaninha, colocou-as dentro de um envelope grande e foi escondê-lo na garagem, embaixo do tapetinho do porta-malas do Mercedes. Mas fez isso de tal modo que um cantinho do envelope ficasse aparecendo. A senhorita queria que elas fossem achadas. E eu, lendo-as, iria me perguntar

quem teria interesse em tentar escondê-las. E a resposta só podia ser uma: Elena. Quando foi conferir e viu que o envelope já não se encontrava ali, a senhorita teve certeza de que eu estava com as cartas.

— E quando eu teria feito isso tudo? — perguntou ela, com uma voz tensa, repentinamente atenta, vigilante.

Contar sua suposição? Talvez fosse prematuro. Montalbano preferiu assumir uma culpa que ele já sabia não ter importância.

— Na noite em que descobrimos Angelo. Quando eu, cometendo um grande erro, deixei-a sozinha para dormir neste apartamento.

Ela relaxou.

— Isso é fantasia. O senhor não tem provas.

— Das provas, falaremos daqui a pouco. Como sabe, procurei em vão o cofre portátil de Angelo. Suponho que a senhorita levou também esse cofre, na mesma noite em que se apoderou das cartas.

— Então me explique por que — disse a mulher, irônica. — Segundo seu raciocínio, eu o faria encontrar as cartas, mas não o cofre?

— Porque as cartas talvez pudessem acusar Elena, mas o conteúdo do cofre seguramente acusaria seu irmão.

— E o que podia haver de tão comprometedor nesse cofre, em sua opinião? Dinheiro?

— Dinheiro, não. Esse ele guardava em Fanara, no Banco Popular.

Esperava de Michela uma reação diferente. No mínimo, Angelo não lhe revelara ter outra conta, e portanto, dadas as relações entre irmão e irmã, essa omissão era quase uma traição.

— Ah, é? — fez ela, só um pouquinho surpresa.

Uma indiferença que fedia a mentira a quilômetros de distância. Portanto, Michela sabia muito bem que Angelo tinha outra conta. E, logicamente, devia conhecer a missa inteira quanto aos negocinhos do irmão.

— Dessa outra conta, a senhorita não sabia nada, certo?

— Nada. Estava certa de que ele só tinha aquela conjunta comigo, acho até que lhe mostrei.

— De onde vinha o dinheiro depositado em Fanara, em sua opinião?

— Ah, talvez fossem prêmios de produção, gratificações, comissões extras, coisas assim. Eu achava que ele mantinha essas somas em casa, mas, pelo jeito, depositava tudo no banco.

— Sabia que ele jogava alto?

— Não. Não, de maneira alguma.

Outra mentira. Ela sabia que o irmão havia adquirido o vício. E de fato se limitara a negar, não perguntara como Montalbano tinha sabido, onde Angelo

jogava, quanto perdia ou ganhava.

— Se havia muito dinheiro na conta — continuou Michela —, significa que ele talvez tenha tido alguma noite de sorte no jogo.

Esgrimia bem, a mulher. Aparava o golpe e imediatamente após era capaz de um ataque, aproveitando o movimento adversário. Estava disposta a admitir qualquer coisa, desde que não se viesse a saber a verdadeira origem daquele dinheiro.

— Voltemos ao cofre portátil.

— Comissário, não sei nada sobre esse cofre, assim como não sabia nada sobre a conta de Fanara.

— O que acha que podia haver dentro do cofre?

— Não faço a mínima ideia.

— Mas eu, sim — disse Montalbano a meia voz, como se não quisesse dar importância à afirmação.

Ela não demonstrou nenhuma curiosidade de saber qual era a ideia do comissário. Em vez disso, suspirou:

— Estou cansada.

Montalbano sentiu pena. Porque havia percebido naquelas duas palavras um peso de cansaço autêntico, profundo, que não era somente um cansaço físico, do corpo, mas também dos pensamentos, dos sentimentos, da alma. Um cansaço total.

— Se quiser, vou...

— Não, fique. Quanto mais cedo acabarmos, melhor. Mas só lhe peço uma coisa, comissário: não brinque comigo de gato e rato. O senhor já compreendeu muitas coisas, pelo menos é o que acho. Faça perguntas objetivas e respondo o que puder.

Montalbano não conseguiu perceber se ela agora queria simplesmente mudar de jogo ou se realmente o convidava a concluir, já que não aguentava mais.

— Vamos precisar de um pouco de tempo.

— Tenho o tempo que o senhor quiser.

— Quero começar dizendo que faço uma ideia exata do lugar onde se encontra agora o cofre. Poderia ter conferido antes do nosso encontro e confirmado minha suposição. Mas não o fiz.

— Por quê?

— Não é absolutamente necessário que eu faça esse controle. Depende da senhorita.

— De mim?! E onde o senhor acha que o cofre está?

— No cemitério. Dentro do caixão. Embaixo do corpo de Angelo.

— Ora! — fez ela, tentando até um sorrisinho que deve ter lhe custado um esforço enorme.

— Assim não dá, Michela. Se a senhorita continuar desse jeito, vou ser obrigado a fazer esse controle. Sabe o que isso significa? Que terei de pedir um monte de permissões, a coisa se tornará oficial, o cofre será aberto, e tudo o que a senhorita fez para salvar o bom nome do seu irmão não terá adiantado nada.

Só então Michela pareceu entender que havia perdido a partida. Abriu os olhos e o fitou por um segundo. Instintivamente, Montalbano agarrou os braços da poltrona, como se quisesse se ancorar ali. No entanto, não havia mar tempestuoso dentro daqueles olhos, mas uma extensão líquida, amarelada, densa, que se movia devagarinho, parecia respirar, subindo e descendo. Não causava medo, mas dava a impressão de que aquele líquido, se alguém metesse o dedo dentro, iria queimá-lo até o osso. A mulher voltou a fechar os olhos.

— O senhor também sabe o que está dentro do cofre?

— Sei, Michela. Cocaína. E não só.

— O que mais?

— Também deve estar a substância errada com a qual Angelo malhou a última partida de cocaína, fabricando, sem querer, um veneno mortal. E provocando assim a morte de Nicotra, de Di Cristoforo e de outros mais, de quem ele era o fornecedor de confiança.

A mulher tirou o lenço da cabeça, sacudiu-o, os cabelos lhe caíram sobre os ombros.

"Como eu não havia notado que ela tem tantos fios brancos?", perguntou-se o comissário.

— Estou cansada — repetiu Michela.

— Quando foi que Angelo começou a frequentar casas de jogos?

— No ano passado. Na primeira vez, por curiosidade. E foi o início do seu fim. O dinheiro que ele ganhava já não era suficiente. Então, aceitou uma oferta que lhe fizeram. Abastecer clientes importantes, em grandes quantidades. Com o trabalho que fazia, ele podia se movimentar livremente por toda a província sem despertar suspeitas.

— E como a senhorita descobriu que Angelo...

— Eu não descobri, ele me contou. Não me escondia nada.

— Sabe quem fez a proposta?

— Sei, mas não vou dizer.

— Ele também contou que havia adulterado a última partida de cocaína?

— Não, não teve coragem.

— Por quê?

— Porque fez isso por causa daquela puta, Elena. Precisava de muito dinheiro para dar a ela outros presentes e mantê-la ao seu lado. Com esse sistema, duplicava a droga que recebia para distribuir e ficava com a diferença.

— Por que a senhorita odeia tanto Elena, mas não as outras mulheres com quem seu irmão esteve?

Antes de responder, um ricto de sofrimento retorceu a boca de Michela.

— Angelo estava realmente apaixonado por essa mulher. Era a primeira vez que isso lhe acontecia.

Tinha chegado o momento. Montalbano convocou dentro de si tudo o que podia convocar, músculos, fôlego, nervos. Um mergulhador na beira do trampolim, um instante antes de se lançar. Depois, saltou.

— Angelo só deveria amar a senhorita, não é?

— Sim.

Estava feito. Entrar naquele sub-bosque sombrio, feito de raízes emaranhadas, de serpentes, de tarântulas, de ninhos de víboras, de ervas daninhas, de touceiras de espinhos, tinha sido fácil. Penetrar na selva escura não apresentara dificuldades. Mas caminhar ali dentro exigia coragem.

— Mas a senhorita não foi noiva uma vez? Não esteve apaixonada?

— Sim. Mas Angelo...

Pronto, ali estava a planta maligna, descoberta embaixo de uma árvore. Bela de se ver, mas, se você meter uma folha na boca, letal.

— Angelo tratou de eliminá-lo. Não foi?

— Sim.

Não tem limites, esta floresta doente que fede a morte. E, quanto mais você se adentra, mais o espera a emboscada do horror que você não queria ver ou ouvir.

— E, quando Teresa engravidou, foi a senhorita quem convenceu Angelo a fazê-la abortar, por meio de uma armadilha?

— Sim.

— Ninguém devia se intrometer no... entre os dois... no...

— O que foi, comissário? — sussurrou ela. — Não achou a palavra certa? Amor, doutor Montalbano. A palavra é amor.

Abriu os olhos e voltou a encará-lo. Agora, na superfície daquela extensão de líquido amarelado se formavam grandes bolhas que explodiam como em câmara lenta. Montalbano imaginou o fedor que elas emitiam: o fedor adocicado da decomposição, de ovos podres, da poluição de pântanos enfermos.

— Como soube que haviam assassinado Angelo?

— Me telefonaram. Na própria segunda-feira, por volta das nove da noite. Disseram que tinham ido falar com Angelo, mas o encontraram já morto. Me

mandaram sumir com tudo o que podia levar à descoberta do trabalho que Angelo fazia para eles. E obedeci.

— Não apenas obedeceu. Também foi até o quarto onde seu irmão acabara de ser assassinado e fabricou provas falsas contra Elena. Foi a senhorita quem preparou toda a encenação da calcinha na boca, dos jeans abertos, do sexo de fora.

— Sim. Eu queria ter certeza de que Elena fosse incriminada. Porque foi ela. Aqueles homens já encontraram Angelo morto.

— Isso veremos depois. Podem ter lhe mentido, sabe? Até lá, me diga. Conhecia quem lhe telefonou avisando sobre a morte do seu irmão?

— Sim.

— Diga o nome.

Michela se levantou devagar. Abriu os braços, como que se espreguiçando.

— Volto já — disse — vou beber um pouco d'água.

E saiu, dirigindo-se à cozinha, os ombros ainda mais curvos, os pés se arrastando.

Montalbano não soube nem como nem por quê, mas levantou-se às pressas e correu para a cozinha. Michela não estava. Debruçou-se na sacada aberta. Havia uma lampadazinha acesa, iluminando o espaço em frente à garagem. Mas aquela luz fraquinha foi suficiente para fazê-lo ver uma espécie de trouxa preta, imóvel, no chão. Michela se jogara lá embaixo, sem dizer uma palavra, sem dar um grito. E o comissário compreendeu que a tragédia, quando é recitada diante das pessoas, assume poses e fala alto, mas, quando é profundamente verdadeira, fala baixinho e tem gestos humildes. Isto mesmo, a humildade da tragédia.

Tomou uma decisão rápida: naquela noite, ele não estivera no apartamento de Angelo. Quando descobrissem o corpo da mulher, achariam que ela se matara porque não conseguira superar a dor pela perda do irmão. E assim devia ser.

Fechou devagarinho a porta do apartamento, temendo ser surpreendido por Sua Majestade, desceu a escada morta, saiu, entrou no carro e partiu para Marinella.

Capítulo 18

Assim que entrou em casa, sentiu-se muito cansado, grande era a vontade de ir se deitar, puxar o lençol até cobrir a cabeça e ficar assim, de olhos fechados, na tentativa de cancelar o mundo.

Eram onze da noite. Enquanto tirava paletó, gravata e camisa, conseguiu, como um prestidigitador, discar o número de Augello.

— Salvo, mas você enlouqueceu?

— Por quê?

— Telefonar a esta hora! Vai acordar o neném!

— Ele acordou?

— Não.

— E então, caralho? Preciso lhe dizer uma coisa importante. Venha imediatamente para cá, em Marinella.

— Mas Salvo...

Ele desligou. Telefonou a Livia, mas ninguém atendeu. Talvez ela tivesse ido ao cinema. Despiu-se completamente, foi para o chuveiro, consumiu toda a primeira caixa d'água, soltou uns palavrões, esboçou abrir a segunda, mas parou. E se, durante a noite, não entrasse água, como ele tomaria banho de manhã? Melhor ser prudente.

Enquanto esperava Mimì, decidiu se dedicar ao corte das unhas das mãos e dos pés. Mal acabou, tocaram a campainha e ele, nuzinho como estava, foi abrir.

— Mas eu sou casado! — fez Mimì, escandalizado. — Você não me convidou para me mostrar sua coleção de borboletas?

Montalbano virou-lhe as costas e foi vestir uma cueca e uma camisa.

— É coisa demorada? — perguntou Mimì.

— Bastante.

— Então me dê um uísque.

Sentaram-se na varanda. Antes de beber, Montalbano ergueu o copo.

— Parabéns, Mimì.

— Por quê?

— Você resolveu o caso do traficante atacadista. Amanhã, pode botar banca com Liguori.

— Está brincando?

— De jeito nenhum. Pena que o mataram, ele tinha traído a confiança da família Sinagra.

— Quem era?

— Angelo Pardo.

Augello estranhou.

— Aquele que acharam com um tiro na cara e o pau de fora?

— Exatamente.

— Eu achava que esse era um crime passional, uma história de mulheres.

— Quiseram nos fazer engolir essa.

Augello torceu a boca.

— Salvo, tem certeza do que está dizendo? Tem provas?

— As provas estão num cofrezinho que se encontra dentro do caixão de Angelo Pardo. Consiga as autorizações, abra o caixão, pegue o cofre, abra-o com a chavezinha que vou lhe dar agora mesmo, e dentro você vai achar não só a cocaína, mas também o outro troço que a transformou em veneno.

— Mas, Salvo, quem botou o cofre dentro do caixão?

— A irmã de Angelo, Michela.

— Então ela é cúmplice!

— Engana-se. Ela não sabia de nada disso que o irmão aprontava. Achou que o cofre, do qual não tinha chave, continha coisas pessoais de Angelo e então o colocou no caixão.

— Para quê?

— Para que o morto, na eternidade, pudesse abri-lo de vez em quando e, ao olhar as coisas que estavam dentro, recordasse os bons tempos de quando era vivo.

— Devo acreditar nisso?

— Na história do morto que de vez em quando abre o cofre?

— Estou falando do fato de a irmã ignorar o tráfico do irmão.

— Não, você, não. Mas os outros, sim. Devem acreditar.

— E se Liguori a interrogar e ela cair em contradição?

— Não se preocupe, Mimì, ela não vai ser interrogada.

— Como é que você tem certeza?

— Tenho e basta.

— Então me conte tudo desde o princípio.

Montalbano contou quase tudo, metade da missa. Não disse que Michela estava mergulhada naquela merda até o pescoço, disse só até os joelhos, explicou que a necessidade de dinheiro por parte de Angelo nascia do vício do jogo, deixando discretamente Elena de fora, avisou que o tenente Laganà e um colega deste na Polícia Fiscal podiam dar a Mimì e a Liguori elementos úteis.

— Como era que Pardo conhecia a família Sinagra?

— O pai dele foi um grande suporte político do senador Nicotra. E o senador deve ter apresentado Angelo a algum dos Sinagra. E os Sinagra contrataram Pardo, quando perceberam que ele precisava de grana. Angelo traiu a confiança deles, e eles mandaram matá-lo.

— Mas ouvi dizer que dentro da boca do morto foram encontrados dois fios de um tecido...

— Teatro, Mimì, encenação para turvar a água.

Conversaram mais um pouco, Montalbano deu as chaves de Angelo a Mimì e, quando este já se despedia, o telefone tocou.

— Livia? Amor? — fez o comissário.

— Lamento decepcioná-lo, doutor...

Era a voz de Fazio.

— ... mas acabam de me comunicar que foi encontrado o corpo de Michela Pardo. Ela se suicidou jogando-se da sacada da casa do irmão. Estou no comissariado, mas devo ir até lá. O senhor está com as chaves do apartamento?

— Estou. Mando pelo doutor Augello, que casualmente está aqui comigo.

Desligou.

— Michela Pardo se suicidou.

— Coitadinha! Será que não aguentou a dor? — perguntou Augello.

— É, deve ter sido isso — fez Montalbano.

Nos quatro dias que se seguiram, não aconteceu absolutamente nada. O senhor e chefe de polícia adiou para uma data a ser marcada o encontro com o comissário.

E Elena não telefonou.

Essa era uma coisa que o desagradava, em certo sentido. Montalbano imaginava ter compreendido que a moça estava de olho nele e vinha deixando o ataque para o final da investigação. “Para não criar equívocos”, dissera. Ou algo assim.

E tinha razão: se, antes disso, ela tivesse jogado em cima dele toda a sua capacidade de sedução, Montalbano poderia pensar que era para torná-lo amigo e cúmplice. Mas, agora que até Tommaseo a liberara, já não havia possibilidade de equívoco. E então?

Será que a presa que a fêmea de leopardo estava acuando era outra? E que o equivocado era ele? Suponhamos que um coelho vê uma fêmea de leopardo que o persegue e começa a correr para escapar, apavorado. De repente, o coelho não

pressente mais atrás de si o animal feroz. Vira-se e vê que a fêmea de leopardo começou a seguir um filhote de cervo.

Bom, a pergunta é a seguinte: por que o coelho, em vez de se alegrar, fica um pouquinho decepcionado por não ser mais a presa?

No quinto dia, Gaetano Tumminello, capanga da família Sinagra, suspeito de quatro homicídios, foi detido por Mimì Augello sob a acusação de ter assassinado Angelo Pardo.

Durante 24 horas, Tumminello sustentou que jamais estivera na casa de Angelo Pardo, até jurou que nem sabia onde este morava. A fotografia do suposto assassino apareceu na televisão. Apresentou-se então a Mimì, no comissariado, o comendador Ernesto Laudadio, vulgo S. M. Vítor Emanuel III, para declarar que, na noite daquela segunda-feira, não pudera entrar em sua garagem porque na frente estava estacionado um carro que ele nunca vira, e cuja placa havia anotado. Começara a buzinar e dali a pouco aparecera o proprietário, sim senhor, o homem da fotografia mostrada na televisão, exatamente aquele, o qual, sem tugir nem mugir, tinha entrado no carro e partido.

Em consequência, Tumminello teve de mudar sua versão. Disse que fora procurar Angelo Pardo a fim de conversar sobre um certo assunto, mas já o encontrara morto. Não sabia nada de calcinhas metidas na boca de Pardo. E esclareceu que, quando o vira, o zíper dos jeans de Pardo estava fechado. Tanto que, quando ouvira dizer que Pardo havia sido encontrado em pose obscena (disse assim mesmo, “pose obscena”), ele, Tumminello, ficara escandalizado.

Naturalmente, ninguém acreditou. Ele não só matara Pardo, porque este colocara em circulação uma cocaína mortal, com risco de carnificina, mas também havia tentado despistar as investigações. Os Sinagra o abandonaram e Tumminello, como era tradição, livrou a cara dos Sinagra: sustentou que a ideia da droga era sua e somente sua, era unicamente sua a ideia de envolver no negócio Angelo Pardo, que ele sabia necessitado de dinheiro, e que a Família que lhe dera a honra de acolhê-lo como um filho devoto e respeitoso ignorava tudo isso. Mas reiterou que, quando procurara Pardo para conversar sobre a enorme besteira que este fizera com a cocaína mal malhada, já o encontrara morto a tiros.

— Ir conversar é um gentil eufemismo para dizer que o senhor foi à casa de Pardo para matá-lo? — perguntara o juiz.

Tumminello não respondeu.

Enquanto isso, o tenente Melluso, o colega de Laganà, havia conseguido decifrar o código de Angelo, e as nove pessoas da lista viram-se em

complicações. Na verdade, os nomes eram catorze, mas os outros cinco (entre os quais o engenheiro Fasulo, o senador Nicotra e o parlamentar Di Cristoforo) pertenciam a pessoas que, graças às escassas capacidades químicas de Angelo Pardo, já não seria possível perseguir.

Uma semana depois, Livia veio passar três dias em Vigàta. Não brigaram nem uma vez. Na manhã de segunda, às sete, Montalbano acompanhou-a ao aeroporto de Punta Raisi e, depois de vê-la partir, entrou no carro para retornar. Como, porém, não tinha o que fazer, resolveu percorrer uma estrada totalmente interna, maltratada, sem dúvida, mas que lhe permitia curtir ainda alguns quilômetros da paisagem que o agradava, feita de terra abrasada e casinholas brancas. Rodou por três horas, com a cabeça vazia de pensamentos. De repente, deu-se conta de que estava percorrendo a estrada que levava de Giardina a Vigàta, portanto faltavam poucos quilômetros para chegar. Giardina?! Mas não era naquela estrada que ficava o posto de gasolina onde, na noite da tal segunda-feira, Elena fizera amor com o frentista, como se chamava?, ah, Luigi?

"Pois vamos conhecer esse Luigi", disse a si mesmo.

Dirigiu mais devagar ainda, olhando à direita e à esquerda. Por fim, avistou o posto. Um telheirozinho, semicoroado por tubos de néon apagados, embaixo do qual havia três bombas. E só. Ele entrou e parou. A guarita do encarregado era de alvenaria, e ficava quase totalmente escondida pelo tronco de uma milenar oliveira sarracena. Da estrada era quase impossível vê-la. A porta estava fechada. Ele buzinou, mas ninguém apareceu. Como era possível? Montalbano saiu do carro e foi bater à porta da guarita. Nada, silêncio. Virou-se para retornar ao carro e então viu, bem no limite do espaço do posto, à beira da estrada, a parte traseira de um retângulo de metal sustentado por uma barra de ferro. Um letreiro. Ele foi olhar o lado da frente, mas não conseguiu ler, porque a superfície estava coberta por três quartos de uma touceira de mato que ele abateu a pontapés. O letreiro havia perdido a tinta, metade estava coberta de ferrugem, mas o texto ainda aparecia claramente: fechado às segundas-feiras.

Quando Montalbano era pequeno, uma vez seu pai, para zombar com a cara dele, lhe contara que a lua no céu era feita de papel. E ele, que sempre confiava no que o pai lhe dizia, tinha acreditado. Agora, maduro, experiente, homem de cérebro e de intuição, havia novamente acreditado, como uma criancinha, em duas mulheres, uma morta e outra viva, que lhe haviam contado que a lua era de papel.

A raiva lhe velava tanto a vista que em certo momento ele correu o risco de matar uma velhinha, e, em outro, o de trombar de frente com um caminhão. Quando estacionou diante da casa de Elena, era pouco mais de uma da tarde. A essa hora, ela dificilmente teria saído. Ele interfonou e, de fato, Elena atendeu.

Esperava-o na porta, sorridente, metida numa malha de ginástica.

— Salvo, mas que prazer! Venha, sente-se.

E foi entrando. Seguindo-a, Montalbano percebeu que os passos dela já não eram saltitantes e nervosos como de hábito, mas macios, relaxados. E também o modo pelo qual se sentou na poltrona era quase lânguido, abandonado. Evidentemente, a fêmea de leopardo estava saciada de carne fresca, recém-comida, e no momento não representava perigo. Melhor assim.

— Você não me avisou, por isso não preparei o café. Mas faço num instantinho.

— Não, obrigado. Precisamos conversar.

Animal selvagem, afinal, ela continuava sendo, porque mostrou todos os dentes branquíssimos e afiados, a meio caminho entre sorriso e bafejo felino.

— Sobre nós dois?

Estava claro que queria provocá-lo, mas por nada, só de brincadeira, sem intenção precisa.

— Não, sobre a investigação.

— Ainda?!

— Sim. Quero lhe falar do seu álibi falso.

— Falso? Por que falso?

Só curiosidade, quase divertimento, nada de embaraço, surpresa, medo.

— Porque você, na noite daquela famosa segunda-feira, não pode ter encontrado o seu Luigi.

Montalbano havia acentuado o “seu”, aquilo lhe escapara, via-se que ainda restava um pouquinho de ciúme dentro dele. Ela percebeu e tripudiou:

— Pois lhe garanto que o encontro aconteceu e foi prazerosíssimo.

— Não tenho dúvida, mas não foi na segunda-feira, porque nesse dia o posto não abre. Folga do frentista.

Elena entrelaçou os dedos das mãos, ergueu os braços acima da cabeça, espreguiçou-se.

— Quando você descobriu?

— Algumas horas atrás.

— Luigi e eu jurávamos que ninguém teria a ideia de ir conferir.

— Mas eu tive.

Uma mentira pregada não por fanfarronice, mas só para não passar por completo imbecil diante dela.

— Um pouco tarde, comissário. Seja como for, o que muda com essa grande descoberta?

— Que você não tem álibi.

— Ufa! Mas eu não lhe disse, logo no início, que não tinha álibi? Esqueceu? Eu não disse uma coisa pela outra. Mas você insistiu: "Cuidado, se não tiver álibi você vai ser presa"! Queria que eu fizesse o quê? Acabei arrumando um álibi, como você aconselhou.

Habilíssima, esperta, inteligente, bonita. Bastava você se desgarrar um milímetro, e ela aproveitava. Agora, culpava-o por tê-la obrigado a mentir para Tommaseo!

— Como foi que você convenceu Luigi? Com a promessa de ir de novo para a cama com ele?

Montalbano não conseguia se controlar, a pontinha de ciúme o fazia dizer as palavras erradas. O coelho ainda não admitia ter sido rejeitado pela fêmea de leopardo.

— Nada disso, comissário. Tudo o que lhe contei como tendo acontecido na segunda-feira já havia acontecido na véspera, no domingo. Não precisei de muita coisa para convencer Luigi a adiar em um dia, diante de Tommaseo, o nosso encontro. E, se estiver pretendendo interrogá-lo, saiba que ele continuará a jurar de pés juntos que nos encontramos pela primeira vez naquela maldita noite de segunda-feira. Ele faria qualquer coisa por mim.

O que fez Montalbano aguçar os ouvidos? Talvez uma alteração especial e inesperada da voz dela, quando disse "naquela maldita noite de segunda-feira", e repentinamente, num abrir e fechar de olhos, veio-lhe à mente um pensamento, uma luz que quase o assustou.

— Você, naquela noite, esteve na casa de Angelo — disse a boca do comissário, antes mesmo que o pensamento assumisse forma em sua cabeça.

Não era uma pergunta, mas uma afirmação precisa. Ela mudou de posição, pousou os cotovelos nos joelhos, segurou a cabeça entre as mãos e encarou Montalbano demoradamente, como se o estudasse. Sob aquele olhar que avaliava seu peso de homem, cérebro e colhões incluídos, o comissário sentiu o mesmo desconforto de quando se submetera à consulta do recrutamento militar, pelado diante da comissão, com o médico a medi-lo e manejá-lo. Por fim, ela se decidiu. Talvez o tivesse achado hábil.

— Você sabe muito bem que posso insistir na minha versão, e ninguém poderia provar que ela é falsa — principiou.

— Isso é o que você diz. O cartaz ainda está lá no posto.

— Sim, mas sumir com ele seria pior. Então, combinei com Luigi. Ele dirá que havia esquecido um livro na guarita e que, naquela segunda-feira, voltou

para buscá-lo. Está se preparando para as provas na universidade. Eu o vi e acreditei erroneamente que o posto ainda estava fechando. O resto você sabe. Funciona?

Maldita mulher. Funcionava, como não?

— Sim — respondeu Montalbano, de má vontade.

— Então, posso continuar. Você tem razão, comissário. Naquela noite, depois de rodar de carro por uma hora, compareci, com muito atraso, ao encontro na casa de Angelo.

— Por quê?

— Tinha decidido comunicar a ele que entre nós estava realmente tudo acabado. O que havia acontecido na véspera com Luigi me convencera de que Angelo não me dizia mais nada. Então, fui.

— Como entrou?

— Interfonei. No quarto do terraço também tem interfone. Ele atendeu, abriu e me mandou subir. Quando cheguei, encontrei-o tentando ligar de um celular. Explicou que, achando que eu não iria mais, havia chamado Michela. E agora queria avisá-la de que eu estava ali e que seria melhor que ela não aparecesse. Mas não conseguia, talvez Michela tivesse desligado o aparelho dela. "Vamos descer?", propôs. Queria fazer amor, quer Michela viesse, quer não. Eu me neguei e disse que havia vindo para terminar. E então começou uma cena demoradíssima, com choro e lamentações da parte de Angelo. Ele chegou a se ajoelhar, a suplicar. A certa altura, me propôs vivermos juntos, gritou que não aguentava mais Michela, o ciúme de Michela. Disse que a irmã era uma sanguessuga, uma pentelha. Depois tentou me abraçar. Eu o empurrei e ele caiu sentado na poltrona. Aproveitei para ir embora, não aguentava mais. E essa foi a última vez em que vi Angelo. Satisfeito?

Durante a narrativa, seus lábios tinham ficado mais amuados e os olhos adquiriram um tom celeste bem escuro, quase sombrio.

— Portanto, a julgar pelo que você conta, quem matou Angelo foi Tumminello.

— Não creio.

Montalbano saltou da poltrona. O que, afinal, passava pela cabeça de Elena? Para ela, não seria cômodo aderir à opinião comum e culpar o mafioso? Claro que sim. Então, por que recolocava em discussão a história toda? O que a impelia a falar? Evidentemente, não conseguia frear sua natureza.

— Não creio que tenha sido ele — repetiu Elena.

— Então, quem?

— Michela. Comissário, ainda não compreendeu que raio de relação aqueles dois mantinham? Eles se amavam, até que Angelo realmente se apaixonou por

mim. Quando saí do quartinho, tive a impressão de ver algum movimento na parte escura do terraço. Uma sombra que se mexeu velozmente. Acho que era Michela. Não tendo recebido o telefonema de Angelo, ela viera encontrá-lo. E tinha escutado o choro e as palavras terríveis dele contra ela... Acho que desceu até o apartamento, pegou o revólver e esperou que eu saísse.

— Não encontramos armas na casa de Angelo.

— Que importância tem isso? Ela pode ter levado consigo a arma e jogado fora. Mas que Angelo tinha um revólver, isso tinha, guardado na gaveta do criado-mudo. Uma vez, até me mostrou, contou que o encontrara por acaso, depois da morte do pai. E, também, por que você acha que Michela se suicidou?

E de repente Montalbano se lembrou do papel carimbado, com o registro do achado de uma arma, que ele tinha visto na gaveta da escrivaninha de Angelo. E ao qual não dera importância. No entanto, aquilo era importante, sim, e muito, porque correspondia exatamente ao que Elena dizia e demonstrava finalmente que a lua já não era de papel, agora a moça estava falando a verdade.

— E então, acabou o interrogatório? Faço ou não faço o café? — perguntou Elena.

Ele olhou para ela. Elena devolveu o olhar. Agora, a cor da íris voltara a ser azul-clara, os lábios estavam abertos num sorrisinho. Céu de início do verão eram aqueles olhos, um céu aberto e limpo que refletia as variações do dia, de vez em quando chegava uma nuvenzinha branca, pequenina, pequenina, mas bastava um vento bem leve para fazê-la desaparecer.

— Por que não? — disse Montalbano.

Nota

É a costumeira advertência que já me cansei de fazer: esta história foi inventada por mim. Por isso, também os personagens (com seus nomes e sobrenomes) e as situações nas quais eles aparecem pertencem à fantasia. Qualquer homonímia, portanto, é mera coincidência.

A. C.

Nascido em Porto Empedocle (Agriento) em 1925, Andrea Camilleri trabalhou muito tempo como roteirista e diretor de teatro e televisão, produzindo os famosos seriados policiais do comissário Maigret e do tenente Sheridan. Estreou como romancista em 1978. A consagração, porém, viria apenas no início dos anos 1990, quando publicou *A forma da água*, primeiro caso do comissário Salvo Montalbano. Desde então recebeu alguns dos principais prêmios literários italianos e tornou-se sucesso de público e crítica em todos os países onde foi lançado, com mais de 3 milhões de exemplares vendidos em todo o mundo.

Notas

[1] Nome dado na Itália ao principal personagem vivido por Larry Semon (1889-1928), comediante americano de cinema mudo. (N. da T.)

[2] “Campanário”. O autor faz aqui um jogo de palavras com o sobrenome do escritor e teatrólogo Achille Campanile (1899-1977), considerado um dos maiores humoristas italianos. (N. da T.)

[3] Jogo de palavras com o sobrenome Laudadio, que significa, literalmente, “Louva Deus”. Nada a ver com o inseto louva-a-deus, que se chama *mantice* em italiano. (N. da T.)

[4] Gaspare Pisciotta (1924-1954), primo e braço-direito do famoso bandido Salvatore Giuliano (a quem matou traiçoeiramente, por encomenda secreta das autoridades), e Michele Sindona (1920-1986), banqueiro mafioso, morreram na prisão, depois de tomarem café envenenado. (N. da T.)

[5] Versos de Attilio Bertolucci (1922-2000). “Como pesa a neve sobre os ramos,/ como pesam os anos sobre os ombros que amas (...)/ os anos da juventude são anos distantes.” (N. da T.)

[6] Catarella havia dito *polizia,* polícia, em vez de *pulizia,* limpeza. (N. da T.)